

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JOÃO PAULO DANTAS ARANTES

**A RELEVÂNCIA DA DOUTRINA DO ARREBATAMENTO PRÉ-TRIBULACIONAL
PARA A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL**

São Leopoldo

2024

JOÃO PAULO DANTAS ARANTES

**A RELEVÂNCIA DA DOUTRINA DO ARREBATAMENTO PRÉ-TRIBULACIONAL
PARA A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia, Religião
e Linguagens
Linha de Pesquisa: Bíblia e religião no
mundo bíblico

Pessoa Orientadora: Prof. Dr. Flávio Schmitt

São Leopoldo

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A662r Arantes, João Paulo Dantas
A relevância da doutrina do arrebatamento pré-tribulacional para a igreja Assembleia de Deus no Brasil / João Paulo Dantas Arantes ; orientador Flávio Schmitt. São Leopoldo : EST/PPG, 2024.
121 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2024.

1. Arrebatamento (Escatologia cristã). 2. Assembleia de Deus – Doutrina. 3. Tribulação (Escatologia cristã). 4. Dispensacionalismo. 5. Declaração de Fé das Assembleias de Deus I. Schmitt, Flávio, orientador. II. Título.

JOÃO PAULO DANTAS ARANTES

**A RELEVÂNCIA DA DOCTRINA DO ARREBATAMENTO PRÉ-TRIBULACIONAL
PARA A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL**

Tese de Doutorado

Para a obtenção do grau de Doutor em
Teologia Faculdades EST

Programa de Pós-Graduação em
Teologia Área de Concentração:
Teologia, Religião e Linguagens

Data de Aprovação: 31 de julho de 2024

PROF. DR. FLÁVIO SCHMITT (PRESIDENTE)

Assinado digitalmente

PROF. DR. ONEIDE BOBSIN (EST)

Assinado digitalmente

PROF. DR. IURI ANDRÉAS REBLIN (EST)

Assinado digitalmente

PROF. DR. JOSÉ ADRIANO FILHO (FUV)

Docente visitante

PROF. DR. DAVI MESQUIATI (FUV)

Docente visitante

Assinado
digitalmente por:
Flávio Schmitt
Data: 20/08/2024
11:29:34 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Iuri Andréas Reblin
Data: 20/08/2024
20:14:50 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Oneide Bobsin
Data: 17/09/2024
10:51:15 -03:00



*Dedico a essa tese a toda a minha família
que de maneira incessante esteve sempre
comigo.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

A minha amada esposa Paula Daiany e meus filhos João Pedro e Mariana por vivenciar cada batalha desse desafiador trabalho.

A toda a minha família, por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos professores da Faculdade EST, em especial ao Prof Dr Flávio Schmitt, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu caminho nessa instituição.

A Congregação, que estou Pastor, Assembleia de Deus Nação Madureira AD ARSE 112 em Palmas/TO, pelo apoio e incentivo em buscar conhecimento a cada dia.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado

Meu muito obrigado!

*Sábio é aquele dá o que não pode guardar
a fim de ganhar o que não pode perder.*

Jim Elliot

RESUMO

O tema de pesquisa é a relevância da doutrina do arrebatamento pré-tribulacional da igreja para a igreja Assembleia de Deus no Brasil. A pesquisa centraliza-se na relação entre a base bíblico-teológica do arrebatamento pré-tribulacionista e seus fundamentos doutrinários na Declaração de Fé das Assembleias de Deus. O arrebatamento pré-tribulacional tornou-se uma marca identitária crucial da fé assembleiana, assim como a compreensão pentecostal do batismo no Espírito Santo. A doutrina é historicamente sustentada pela igreja, evidenciada em documentos oficiais e ensinamentos regulares através de literatura e publicações da Assembleia de Deus. A tese destaca que a doutrina do arrebatamento não é apenas uma questão acadêmica, mas uma esperança vital para os cristãos, enfatizando a expectativa pelo arrebatamento da igreja. A presente pesquisa é de cunho bibliográfico, tendo por base a literatura escolhida para cada capítulo. Para o primeiro capítulo a bibliográfica compreende obras referenciais para a tradição dispensacionalista. Para o segundo capítulo a bibliografia de consulta compreende obras dispensacionalistas e comentários exegéticos de diferentes linhas teológicas. Para o terceiro capítulo a bibliografia principal é a Declaração de Fé das Assembleias de Deus, obras de teólogos assembleianos e dispensacionalistas. A tese está dividida em três capítulos, além da introdução e da conclusão. O primeiro capítulo trata do dispensacionalismo e da tradição dispensacionalista, apresentamos os fundamentos desse sistema teológico e consideramos brevemente sua história e objeções. O segundo capítulo apresenta o fundamento bíblico-teológico para o arrebatamento pré-tribulacional da igreja. O terceiro capítulo aborda a escatologia da Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil e apresenta a importância do pré-tribulacionismo para a fé e a espiritualidade das assembleias de Deus no Brasil

Palavras-chave: Arrebatamento. Pré-tribulacionismo. Dispensacionalismo. Assembleia de Deus. Declaração de Fé das Assembleias de Deus.

ABSTRACT

The research topic is the relevance of the doctrine of the pre-tribulation rapture of the church for the Assembly of God church in Brazil. The research focuses on the relationship between the biblical-theological basis of the pre-tribulation rapture and its doctrinal foundations in the Declaration of Faith of the Assemblies of God. The pre-tribulation rapture has become a crucial identity mark of the Assembly of God faith, as has the Pentecostal understanding of the baptism in the Holy Spirit. The doctrine is historically supported by the church, evidenced in official documents and regular teachings through literature and publications of the Assembly of God. The thesis emphasizes that the doctrine of the rapture is not just an academic issue, but a vital hope for Christians, emphasizing the expectation of the rapture of the church. This research is bibliographic in nature, based on the literature chosen for each chapter. For the first chapter, the bibliography includes reference works for the dispensationalist tradition. For the second chapter, the reference bibliography includes dispensationalist works and exegetical commentaries from different theological lines. For the third chapter, the main bibliography is the Declaration of Faith of the Assemblies of God, works by Assemblies of God and dispensationalist theologians. The thesis is divided into three chapters, in addition to the introduction and conclusion. The first chapter deals with dispensationalism and the dispensationalist tradition. We present the foundations of this theological system and briefly consider its history and objections. The second chapter presents the biblical-theological foundation for the pretribulation rapture of the church. The third chapter addresses the eschatology of the Declaration of Faith of the Assemblies of God in Brazil and presents the importance of pretribulationism for the faith and spirituality of the Assemblies of God in Brazil.

Keywords: Rapture. Pretribulationism. Dispensationalism. Assembly of God. Declaration of Faith of the Assemblies of God

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	O DISPENSACIONALISMO	21
2.1	DEFININDO O DISPENSACIONALISMO	21
2.1.1	Características comuns da tradição dispensacionalista	23
2.1.1.1	<i>Inspiração e inerrância da Bíblia</i>	23
2.1.1.2	<i>A interpretação literal da Bíblia</i>	25
2.1.3	Dispensações	31
2.1.1.4	<i>A singularidade da igreja</i>	36
2.1.1.5	<i>Pré-milenismo futurista</i>	39
2.1.1.6	<i>Iminência da segunda vinda de Jesus Cristo – o arrebatamento</i>	40
2.1.1.7	<i>Futuro para o Israel nacional</i>	40
2.1.2	As sete dispensações.....	40
2.1.2.1	<i>Inocência</i>	40
2.1.2.2	<i>Consciência</i>	41
2.1.2.3	<i>Governo humano</i>	41
2.1.2.4	<i>Promessa</i>	42
2.1.2.5	<i>Lei</i>	44
2.1.2.5	<i>Graça</i>	45
2.1.2.5	<i>Milênio</i>	45
2.1.3	Breve história da tradição dispensacionalista	46
2.2	OBJEÇÕES AO DISPENSACIONALISMO.....	48
2.3	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	49
3	FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA DO ARREBATAMENTO DA IGREJA.....	55
3.1	ANTIGO TESTAMENTO (DANIEL 9.24-27).....	55
3.2	NOVO TESTAMENTO	60
3.2.1	João 14.1-4.....	60
3.2.2	1 Tessalonicenses 4.13-18	62
3.2.3	1 Tessalonicenses 5.1-11	68
3.2.4	2 Tessalonicenses 2.1-12	70
3.2.5	1 Coríntios 15.50-58	73
3.2.5	Apocalipse 3.7-13	76
3.3	ARGUMENTOS TEOLÓGICOS	79
3.3.1	A iminência do arrebatamento.....	79
3.2.2	A natureza da igreja	82

3.2.3	A distinção entre o arrebatamento da igreja e a vinda em glória.....	83
3.3.4	O destino da igreja	83
3.4	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	84
4	O ARREBATAMENTO DA IGREJA E A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL	85
4.1	A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL.....	85
4.2	A DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL E A ESCATOLOGIA.....	91
4.2.1	Sobre a segunda vinda de Cristo.....	91
4.2.2	Sobre o mundo vindouro	95
4.2.3	A escatologia dispensacionalista da Declaração de Fé da Assembleia de Deus.....	99
4.3	A RELEVÂNCIA DO ARREBATAMENTO PARA A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL	104
4.3.1	Doutrina fundamental.....	104
4.3.2	Doutrina que incentiva uma vida cristã diligente	106
4.3.3	Doutrina que incentiva uma vida cristã de serviço	107
4.3.4	Doutrina que incentiva uma vida cristã de fervor espiritual	108
4.3.5	Doutrina que incentiva uma vida cristã voltada para o evangelismo e a missão	111
4.3.6	Doutrina presente no culto	111
4.4	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	112
5	CONCLUSÃO.....	113
	REFERÊNCIAS	115

1 INTRODUÇÃO

A presente tese de doutorado trata da importância do arrebatamento pré-tribulacional da igreja para a Assembleia de Deus no Brasil, tendo como pergunta central da pesquisa a seguinte questão: “Qual a relação entre a base bíblico-teológica do arrebatamento pré-tribulacionista e seus fundamentos doutrinários na Declaração de Fé das Assembleias de Deus.” Entre as hipóteses que norteiam nossa pesquisa está a de que o arrebatamento pré-tribulacional da igreja tornou-se uma das grandes marcas identitárias da fé assembleiana, juntamente com a compreensão pentecostal do batismo no Espírito Santo, e uma das marcas centrais da vivência da fé e espiritualidade dos membros da Assembleia de Deus no Brasil.

A discussão dos eventos escatológicos finais tem ocupado há muito tempo a agenda teológica das igrejas e cristãos conversadores, mas tem sido negligenciada por muitos estudiosos críticos, que consideram tais questões parte do fundamentalismo evangélico. No entanto, historicamente a igreja tem se perguntado sobre os eventos do fim dos tempos. Ela não pôde evitar tais questionamentos porque eles fazem parte da verdade mais ampla sobre a segunda vinda de Jesus Cristo bem como de uma afirmação da veracidade e autoridade as Escrituras Sagradas.

A Assembleia de Deus no Brasil professa historicamente a segunda vinda pré-milenial de Jesus Cristo, em duas fases distintas e separadas pelos sete anos da grande tribulação. A primeira fase, invisível ao mundo, para arrebatá-la igreja da terra, antes da grande tribulação; a segunda, visível e em glória, com a igreja glorificada, para reinar sobre a terra durante mil anos. A importância dessa crença doutrinária para a Assembleia de Deus no Brasil é evidenciada pela presença dessa doutrina na Declaração de Fé das Assembleias de Deus e por sua presença no Cremos da Assembleia de Deus, encontrado nas publicações oficiais da igreja. Além disso, o pré-tribulacionismo tem sido ensinado através da vasta literatura da Assembleia de Deus para formação cristã contínua de seus membros, como, por exemplo, as revistas de adultos da Escola Bíblia Dominical e o jornal Mensageiro da Paz, órgão oficial da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) e o jornal O Semeador, órgão oficial da Convenção Nacional da Assembleia de Deus no Brasil (CONAMAD).

A igreja Assembleia de Deus no Brasil foi fundada em 1911 na cidade de Belém do Pará e historicamente se adotou a doutrina do arrebatamento Pré-Tribulacionista, porém ainda hoje no ano de 2024 não encontramos documentos e/ou arquivos que fundamentem a partir de uma visão bíblia/teológica esse conceito. Ao longo dos anos esse conceito foi divulgado por meio de jornais e/ou revistas da própria igreja, mas sem um documento formal com as devidas fundamentações.

A partir de Belém, a Assembleia de Deus se espalhou para outras partes do Brasil, marcando o início de um movimento que se tornaria a maior denominação evangélica do país com mais de 22 milhões de membros e com mais de 100 mil templos-sede, representada oficialmente a nível nacional pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), e pela (CONEMAD). A CGADB e a CONEMAD desempenham um papel crucial na coordenação e supervisão das igrejas Assembleias de Deus em todo o país, garantindo a unidade doutrinária e organizacional. Ela oferece suporte administrativo, educacional e espiritual aos pastores e membros, além de promover eventos, seminários e conferências que fomentam o crescimento e a coesão da denominação.

Em termos teológicos, a Assembleia de Deus no Brasil (bem como em todo o mundo) “[...] se fundamenta nas Escrituras Sagradas; é histórica e mantém o pensamento teológico dos reformadores quando às doutrinas cardeais da fé [...], além de enfatizar a doutrina do Espírito Santo [...]” Durante muito tempo o único documento oficial da Assembleia de Deus no Brasil foi o “Cremos”, publicado em cada edição do jornal *Mensageiro da Paz*, órgão oficial da CGADB, a partir de 1969 com algumas revisões ao longo do tempo.

O arrebatamento pré-tribulacionista é uma visão escatológica do cristianismo que acredita que os cristãos serão arrebatados (levados para o céu) antes do início da Tribulação (período de 07 anos), um período de grande sofrimento e caos na Terra descrito no livro de Apocalipse.

Essa visão defende que Jesus Cristo retornará de forma invisível para arrebatá-la Igreja antes dos eventos apocalípticos descritos na Bíblia. Após o arrebatamento, aqueles que foram deixados para trás enfrentarão a Tribulação, um período de sete anos de dificuldades extremas antes do retorno visível de Cristo para estabelecer o seu reino milenar na Terra.

Principais pontos do arrebatamento pré-tribulacionista:

1. Retorno Secreto de Cristo: Jesus virá de forma invisível para arrebatá os crentes, que se encontrarão com Ele nos ares.

2. Período de Tribulação: Após o arrebatamento, um período de sete anos de sofrimento extremo ocorrerá na Terra, durante o qual o Anticristo terá poder e a ira de Deus será derramada.

3. Segunda Vinda Visível: Após a Tribulação, Jesus retornará visivelmente à Terra para derrotar as forças do mal e estabelecer seu reino milenar.

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico, tendo por base a literatura escolhida para cada capítulo. Para o primeiro capítulo a bibliográfica compreende obras referenciais para a tradição dispensacionalista. Para o segundo capítulo a bibliografia de consulta compreende obras dispensacionalistas e comentários exegéticos de diferentes linhas teológicas. Para o terceiro capítulo a bibliografia principal é a Declaração de Fé das Assembleias de Deus, obras de teólogos assembleianos e dispensacionalistas.

A doutrina pré-tribulacionista, popular na teologia escatológica de algumas denominações cristãs, incluindo a Assembleia de Deus, tem suas raízes no movimento dispensacionalista que se desenvolveu no século XIX. O pré-tribulacionismo ensina que a Igreja será arrebatada por Cristo antes de um período de sete anos de tribulação, conhecido como a Grande Tribulação, durante o qual ocorrerão eventos catastróficos descritos no livro do Apocalipse.

Essa interpretação escatológica ganhou força com os escritos de John Nelson Darby, um teólogo e líder do movimento Irmãos de Plymouth. Darby sistematizou a ideia de que o arrebatamento da Igreja seria um evento separado da segunda vinda de Cristo. De acordo com essa visão, o arrebatamento ocorre antes da Tribulação, para que os crentes não passem pelo sofrimento e juízo que cairão sobre a terra.

Essa doutrina foi amplamente promovida por meio da Bíblia de Estudo Scofield, publicada no início do século XX, que ajudou a difundir o dispensacionalismo pré-tribulacionista, especialmente nos Estados Unidos. A Assembleia de Deus, como outras denominações pentecostais, adotou essa perspectiva em grande parte devido à influência do dispensacionalismo na teologia evangélica americana, e essa visão foi incorporada em suas declarações doutrinárias.

A ideia principal é que os crentes fiéis serão poupados dos julgamentos divinos da tribulação, sendo arrebatados para se encontrarem com Cristo nos céus

antes dos eventos apocalípticos, retornando com Ele na segunda vinda após o período da tribulação.

A tese está dividida em três capítulos, além da introdução e da conclusão. O primeiro capítulo trata do dispensacionalismo e da tradição dispensacionalista, apresentamos os fundamentos desse sistema teológico e consideramos brevemente sua história e objeções. O segundo capítulo apresenta o fundamento bíblico-teológico para o arrebatamento pré-tribulacional da igreja. O terceiro capítulo aborda a escatologia da Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil e apresenta a importância do pré-tribulacionismo para a fé e a espiritualidade das assembleias de Deus no Brasil.

O tema do arrebatamento da igreja não é tão-somente uma questão acadêmica, mas também relevante e fundamental para a vida cristã, pois trata-se da grande esperança dos cristãos e é por isso que os cristãos clamam “Maranata!” (1 Co 16.22), isto é, “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20). Negligenciar o arrebatamento da igreja/segunda vinda de Jesus Cristo não é uma possibilidade para a igreja de Jesus Cristo.

2 O DISPENSACIONALISMO

Neste capítulo definimos o dispensacionalismo e a tradição dispensacionalista, destacando as principais características da tradição dispensacionalista, as sete dispensações do dispensacionalismo clássico e revisado e uma breve da tradição dispensacionalista. Por fim, respondemos algumas das objeções ao dispensacionalismo.

2.1 DEFININDO O DISPENSACIONALISMO

O dispensacionalismo é um sistema teológico propagado nos séculos XIX e XX e com extensa difusão e aceitação em círculos fundamentalistas e evangélicos do cristianismo. Em primeiro lugar, em círculos populares o dispensacionalismo é considerado equivalente ao pré-tribulacionismo. No entanto, é imprescindível elucidar essa equivalência. Primeiro: o dispensacionalismo não é só uma concepção escatológica, mas um sistema teológico no qual a escatologia é tão somente uma parte, provavelmente a mais conhecida. Segundo: todo dispensacionalista é pré-tribulacionista, mas nem todo pré-tribulacionista é dispensacionalista.¹ Além disso, não é preciso acolher todo o sistema dispensacionalista para ser dispensacionalista. Há muitas pessoas que adotam somente a concepção escatológica do dispensacionalismo e afirmam ser dispensacionalistas, Por exemplo, há dispensacionalistas reformados e dispensacionalistas pentecostais.

Em segundo lugar, ao afirmarmos que o dispensacionalismo é um sistema teológico, precisamos reconhecer que ele não é um sistema teológico como o calvinismo e o arminianismo, por exemplo. O dispensacionalismo não é um sistema teológico monolítico, mas uma tradição diversificada e em desenvolvimento.² Craig Blaising afirma o seguinte sobre isso:

Há uma variedade de dispensacionalismos que podemos encontrar hoje. Todos eles enfatizam a autoridade das Escrituras, a importância de reconhecer diferentes dispensações para a compreensão das Escrituras, o

¹ ERICKSON, Millard J. **Opções contemporâneas na escatologia**: um estudo do milênio. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 92.

² KREIDER, Glenn R. What Is Dispensationalism? In: BINGHAM, D. Jeffrey; KREIDER, Glenn R. (Eds.). **Dispensationalism and the history of redemption**: a developing and diverse tradition. Chicago: Moody Publishers, 2014. p. 17.

caráter distinto da igreja na história da revelação, a importância da profecia bíblica e do discurso apocalíptico, a vinda iminente e pré-milenar de Cristo e um futuro para o Israel nacional. (Tradução nossa).³

Segundo Blaising, três grandes formas de dispensacionalismo podem ser identificadas.

- *Dispensacionalismo clássico*: designa em geral os pontos de vistas dos dispensacionalistas britânicos e americanos a partir dos escritos de John N. Darby até a publicação da *Systematic Theologic* em oito volumes de Lewis Sperry Chafer em 1947, o fundador e primeiro presidente do *Dallas Theological Seminary* em 1924 (na época Evangelical Theological College). A *Scofield Reference Bible*, de C. I. Scofield, publicada em 1909 e em segunda edição levemente revisada em 1917 e posteriormente em 1967, pode ser considerada a principal representante do dispensacionalismo clássico, embora os dispensacionalistas da época divergissem de Scofield em várias questões.
- *Dispensacionalismo revisado*: designa o dispensacionalismo dos teólogos que escreveram principalmente entre o final da década de 1950 e o final da década de 1970, mas também se aplica a algumas publicações da década de 1990. Entre os dispensacionalistas mais conhecidos do dispensacionalismo revisado estão Alva J. McClain, John F. Walvoord, Charles C. Ryrie, J. D. Pentecost e Stanley Toussaint.
- *Dispensacionalismo progressivo*: designa uma modificação importante do dispensacionalismo clássico e revisado que surgiu a partir da década de 1980 e que aproximou o dispensacionalismo da interpretação bíblica evangélica contemporânea. Entre os dispensacionalistas mais conhecidos do dispensacionalismo progressivo estão Robert L. Saucy, Craig A. Blaising e Darrell L. Bock.⁴

Mark Sweetnam observa que o dispensacionalismo revisado foi mais uma “mensagem teológica” nos detalhes do dispensacionalismo clássico do que uma

³ “There are a variety of dispensationalisms which one might encounter today. All of them emphasize the authority of Scripture, the importance of recognizing different dispensations for understanding Scripture, the distinctiveness of the church in the history of revelation, the importance of biblical prophecy and apocalyptic discourse, the imminent and premillennial coming of Christ, and a future for national Israel.” BLAISING, Craig A. Contemporary dispensationalism. **Southwestern Journal of Theology**, Fort Worth, v. 36, n. 2, p. 5-13, 1994. p. 13.

⁴ BLAISING, Craig A. The Extent and Varieties of Dispensationalism. In: BLAISING, Craig A.; BOCK, Darrell L. **Progressive Dispensationalism**. Grand Rapids: Baker Academic, 1993. p. 22-23.

“reorganização dramática da estrutura dispensacional”. Ele acrescenta, com razão, que o dispensacionalismo progressivo representa uma “alteração significativa” em relação ao dispensacionalismo clássico e revisado e que é um sistema em desenvolvimento em alguns de seus aspectos, especialmente na escatologia.⁵ O dispensacionalista Charles Ryrie afirma que o dispensacionalismo progressivo “[...] já demonstrou ser mais que um desenvolvimento dentro do dispensacionalismo normativo. Alguns chamados desenvolvimentos são por demais radicais para não ser chamados de mudanças”⁶ Ele acrescenta com aprovação “Não é de se surpreender que alguns críticos não dispensacionais do dispensacionalismo progressivo o vejam como já tendo mudado para o premilenismo aliancista, ou, pelo menos, levando a esse ponto de vista.”⁷

Os dispensacionistas progressivos parecem não ver dessa forma a sua relação com o dispensacionalismo clássico e revisado. Eles argumentam que há tanto continuidade quanto mudanças, indicando que as mudanças foram exigidas pela interpretação e reinterpretação da Bíblia. Independentemente dessa discussão, quando comparamos essas três grandes formas de dispensacionalismo, vemos que há certas características comuns, as quais marcam a identidade permanente da tradição dispensacionalista. Nesse sentido, aquilo que Clarence Bass escreveu na década de 1960 ainda permanece válido: “As linhas de continuidade de Darby até o presente podem ser traçadas ininterruptamente [...]” (Tradução nossa).⁸

2.1.1 Características comuns da tradição dispensacionalista

2.1.1.1 Inspiração e inerrância da Bíblia

A tradição dispensacionalista afirma que a Bíblia é a única revelação verbal inerrante de Deus disponível hoje para a Igreja e que somente ela fornece um

⁵ SWEETNAM, Mark S. Defining Dispensationalism: A Cultural Studies Perspective. **Journal of Religious History**, Sydney, v. 34, n. 2, p. 191-212, 2010. p. 193-194.

⁶ RYRIE, Charles C. **Dispensacionalismo: ajuda ou heresia?** Mogi das Cruzes: A.B.E.C.A.R, 2004. p. 218. Por “dispensacionalismo normativo” Ryrie refere-se ao dispensacionalismo clássico e revisado.

⁷ RYRIE, 2004, p. 219.

⁸ “*The lines of continuity from Darby to the present can be traced unbroken [...]*” BASS, Clarence B. **Backgrounds to dispensationalism: the historical genesis and ecclesiastical implications.** Grand Rapids: Eerdmans, 1960. p. 17.

fundamento seguro para a vida e a fé cristãs.⁹ Ryrie declara que a inspiração é [...] a superintendência de Deus sobre os autores humanos para que, usando suas próprias personalidades individuais, eles compusessem e registrassem sem erro Sua revelação ao homem nas palavras dos autógrafos originais.” (Tradução nossa).¹⁰ Semelhantemente o dispensacionalista Paul Enns:

Existem vários elementos importantes que pertencem a uma definição adequada de inspiração: (1) o elemento divino – Deus, o Espírito Santo, supervisionou os escritores, garantindo a precisão da escrita; (2) o elemento humano – autores humanos escreveram de acordo com seus estilos e personalidades individuais; (3) o resultado da autoria humana divina é o registro da verdade de Deus sem erros; (4) a inspiração se estende à seleção de palavras pelos escritores; (5) a inspiração refere-se aos manuscritos originais. (Tradução nossa).¹¹

A afirmação da inspiração verbal e da inerrância da Bíblia não é exclusiva da tradição dispensacionalista, mas uma característica comum dos círculos fundamentalistas e evangélicos do cristianismo, isto é, do movimento evangélico.¹² A centralidade da inspiração verbal e da inerrância da Bíblia para o cristianismo evangélico pode ser evidenciada, por exemplo, pela *Declaração de Inerrância Bíblica de Chicago*,¹³ formulada a partir da *Conferência Internacional sobre Inerrância Bíblica* (1978), que reuniu cerca de trezentos estudiosos, pastores e leigos das mais diversas formações teológicas e igrejas, e pelo fato de que a *Evangelical Theological Society* (ETS) tem como requisito de associação a afirmação da inspiração verbal e da inerrância da Bíblia. A Constituição da ETS declara em sua base doutrinal: “Somente

⁹ BLAISING, 1993, p. 20.

¹⁰ “[...] God’s superintendence of the human authors so that, using their own individual personalities, they composed and recorded without error His revelation to man in the words of the original autographs.” RYRIE, Charles C. **A Survey of Bible Doctrine**. Chicago: Moody Press, 1972. p. 38.

¹¹ “There are several important elements that belong in a proper definition of inspiration: (1) the divine element—God the Holy Spirit superintended the writers, ensuring the accuracy of the writing; (2) the human element—human authors wrote according to their individual styles and personalities; (3) the result of the divine human authorship is the recording of God’s truth without error; (4) inspiration extends to the selection of words by the writers; (5) inspiration relates to the original manuscripts.” ENNS, Paul. **The Moody handbook of theology**. rev. and expanded. Chicado: Moody Publishers, 2008. p. 64.

¹² Isso não significa que todas as pessoas ou igrejas que se autoidentificam como “evangélicas” aceitam a inerrância da Bíblia.

¹³ A *Declaração de Inerrância Bíblica de Chicago* pode ser encontrada facilmente na internet e, por exemplo, no apêndice de GEISLER, Norman L. (Org.). **A inerrância da Bíblia**. São Paulo: Vida, 2003. p. 543-554.

a Bíblia, e a Bíblia em sua totalidade, é a Palavra de Deus escrita e, portanto, é inerrante nos autógrafos.” (Tradução nossa).¹⁴

A crença na inspiração verbal e na inerrância da Bíblia tem implicações óbvias para a interpretação e a tradição dispensacionalista interpreta a Bíblia a partir desse pressuposto. Certamente a afirmação da inspiração verbal e da inerrância da Bíblia não conduz necessariamente ao dispensacionalismo, pois o pré-milenismo aliancista e o amilenismo, por exemplo, também fazem coro aqui. Somos conscientes de que o “[...] texto bíblico não fala por si; cada leitura é a interpretação de alguém sobre isso.” (Tradução nossa).¹⁵ No entanto, a tradição dispensacionalista argumenta que a sua interpretação da Bíblia é fundamentada na e coerente com a própria Bíblia, a inspirada e inerrante Palavra de Deus.

2.1.1.2 A interpretação literal da Bíblia

A tradição dispensacionalista enfatiza a interpretação literal da Bíblia. O amilenista Oswald Allis declara:

Uma das características mais marcantes do pré-milenismo em todas as suas formas é a ênfase que ele coloca na interpretação literal das Escrituras. É a reivindicação insistente de seus defensores que somente quando interpretada literalmente a Bíblia é interpretada verdadeiramente; e denunciam como “espiritualizadores” ou “alegorizadores” aqueles que não interpretam a Bíblia com o mesmo grau de literalidade que eles. Ninguém fez essa acusação de forma mais incisiva do que os dispensacionalistas. A questão da interpretação literal versus figurativa é, portanto, uma questão que deve ser enfrentada desde o início. (Tradução nossa).¹⁶

¹⁴ “The Bible alone, and the Bible in its entirety, is the Word of God written and is therefore inerrant in the autographs.” ETS CONSTITUTION. Disponível em: <https://etsjets.org/constitution/>. Acesso em: 05 abr. 2024.

¹⁵ “[...] biblical text does not speak for itself; Every reading is someone’s interpretation of it.” STONE, Howard W.; DUKE, James O. **How to think theologically**. 3 ed. Minneapolis: Fortress Press, 2013. p. 50.

¹⁶ “One of the most marked features of Premillennialism in all its forms is the emphasis which it places on the literal interpretation of Scripture. It is the insistent claim of its advocates that only when interpreted literally is the Bible interpreted truly; and they denounce as “spiritualizers” or “allegorizers” those who do not interpret the Bible with the same degree of literalness as they do. None have made this charge more pointedly than the Dispensationalists. The question of literal versus figurative interpretation is, therefore, one which has to be faced at the very outset.” ALLIS, Oswald T. **Prophecy and the Church**: An examination of the claim of dispensationalist that the christian Church is a mystery parenthesis which interrupts the fulfillment to Israel of the Kingdom Prophecies of the Old Testament. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1945. p. 17-18.

O pré-milenista aliancista George Ladd afirma: “Eis aqui o principal divisor de águas entre uma teologia dispensacionalista e uma não dispensacionalista: o dispensacionalismo forma sua escatologia de uma interpretação literal do Antigo Testamento e então encaixa nela o Novo Testamento [...]”¹⁷ Mais recentemente, o amilenista Kim Riddlebarger argumentou que o dispensacionalismo é “literalista” e não “literal”. Ele diz: “Embora os dispensacionalista afirmem interpretar a Escritura literalmente, na verdade, eles muitas vezes leem uma passagem literisticamente, o que significa que minimizam ou ignoram como as passagens do Antigo Testamento são interpretadas pelos autores do Novo.” (Tradução nossa).¹⁸ Riddlebarger conclui: “São os amilenistas, e não os dispensacionalistas, que interpretam a profecia literalmente, na medida em que seguem o sentido literal de como os escritores do Novo Testamento interpretam a profecia do Antigo Testamento.” (Tradução nossa).¹⁹ No entanto, Riddlebarger redefine a ideia de interpretação literal a partir da hermenêutica amilenista, que, na verdade, tem como fundamento a interpretação não literal da profecia bíblica.

Ryrie observa que o dispensacionalismo progressivo tem se distanciado da interpretação literal da Bíblia: “Os dispensacionalista progressivos estão claramente se distanciando da hermenêutica coerentemente literal do dispensacionalismo normativo ao introduzir a ‘hermenêutica complementar’”.²⁰ Ele argumenta que a hermenêutica do dispensacionalismo progressivo está entre o literalismo do dispensacionalismo clássico e revisado e o não literalismo do pré-milenismo aliancista e do amilenismo. Ryrie levanta uma série de questionamentos:

(1) Será que a modificação ou redefinição do literalismo dos progressivos os permite proclamar sinceramente sua continuidade com a tradição dispensacional? (2) O guarda-chuva do literalismo é grande o suficiente para cobrir sua versão expandida de hermenêutica histórica e gramatical? (3) Seria progresso não ver as coisas nas Escrituras tão claramente hoje quanto era vista antes? (4) Se a hermenêutica literal do dispensacionalismo normativo não for adequada para interpretar toda a escritura, especialmente em suas partes apocalípticas e proféticas, o que poderá acontecer com outros

¹⁷ LADD, George E. Pré-milenismo histórico. In: CLOUSE, Robert G. (Ed.). **Milênio: significado e interpretações**. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985. p. 26.

¹⁸ “*Although dispensationalists claim to interpret Scripture literally, in actuality, they often read a passage literalistically, meaning they downplay or ignore how Old Testament passages are interpreted by the authors of the New.*” RIDDLEBARGER, Kim. **A case for amillennialism: understanding the end times**. expanded ed. Grand Rapids: Baker, 2013. p. 52.

¹⁹ “*It is amillennarians, not dispensationalists, who interpret prophecy literally in that they follow the literal sense of how the writers of the New Testament interpret Old Testament prophecy.*” RIDDLEBARGER, 2013, p. 54.

²⁰ RYRIE, 2004, p. 106-107.

ensinamentos característicos do dispensacionalismo no trabalho característico dos progressivos?²¹

O que está em jogo aqui? Por exemplo, os dispensacionalistas progressivos

[...] não acreditam que as alianças abraâmica, davídica e a nova aliança esteja sendo cumpridas hoje 'em um sentido espiritual'. As bênçãos espirituais concedidas hoje são bênçãos realmente previstas pela nova aliança. Essas bênçãos são dadas de forma parcial e inaugurada, que espera o cumprimento completo no retorno de Cristo. (Tradução nossa).²²

Os dispensacionalistas revisados dizem que o dispensacionalismo progressivo (e o pré-milenismo aliancista) interpreta as alianças abraâmica, davídica e a nova aliança de modo parcialmente literal, pois todas elas devem ser cumpridas literalmente para o Israel (e Judá) nacional após a Segunda Vinda Jesus Cristo durante o reino milenar (dispensação do milênio) e que nenhuma das alianças tem bênçãos previstas, nem mesmo de modo "parcial", para a dispensação da Igreja. E a "nova aliança" (Jr 31.31-34), mencionada explicitamente no Novo Testamento em Lucas 2.20, 1 Coríntios 11.25, 2 Coríntios 3.6, Hebreus 8.8 e 9.15, com outras referências em Mateus 26.28, Marcos 14.24; Romanos 11.27, Hebreus 8.10-13 e 12.24.²³

C. I. Scofield, por exemplo, afirmou que a "nova aliança" "[...] assegura a perpetuidade, a conversão e bênção futura de Israel [...] e assegura a bem-aventurança eterna [...] de todos os que creem." (Tradução nossa).²⁴ Para ele há somente uma nova aliança com dupla aplicação, para Israel no futuro e para Igreja ("todos os creem") nesta dispensação. Dispensacionalistas revisados como Ryrie²⁵ e J. Dwight Pentecost afirmam que há "duas novas alianças," uma para Israel e outra

²¹ RYRIE, 2004, p. 108.

²² "[...] do not believe that the Abrahamic, Davidic, and new covenants are being fulfilled today "in a spiritual sense." *The spiritual blessings being given today are blessings actually predicted by the new covenant. These blessings are given in a partial and inaugurated form, which looks forward to complete fulfillment at the return of Christ.*" BLAISING, 1993, p. 53.

²³ PENTECOST, J. Dwight. **Manual de Escatologia**: uma análise detalhada dos eventos futuros. São Paulo: Vida, 1998. p. 147.

²⁴ "[...] secures the perpetuity, future conversion, and blessing of Israel [...] and secures the eternal blessedness [...] of all who believe." SCOFIELD, C. I. **The Scofield Reference Bible**: The Holy Bible containing the Old and New Testament. London: Oxford University Press, 1917. p. 1297-1298.

²⁵ Ele, por exemplo, elucida quem em 2 Coríntios 3.6-11 "nova aliança" não tem artigo, de modo que Paulo está não está dizendo "[...] que somos ministros de 'a nova aliança', mas 'de uma nova aliança'. O artigo definido também está ausente de Hebreus 9.15 e 12.24. Isso pode não ser significativo, ou pode indicar que Paulo está focalizando uma nova aliança feita com a igreja, que, é claro, está baseada na morte de Cristo como é também a futura nova aliança com Israel. Se for assim, existem duas novas alianças, talvez até mais se entendermos uma aliança relacionada a cada mudança de dispensação no desenrolar do plano e propósito de Deus. Nesse ponto de vista, as duas [novas] alianças são distintas e não mescladas numa só que já tenha sido inaugurada (como ensinam os progressivos)." RYRIE, 2004, p. 212-213.

para a Igreja. O segundo apresenta os seguintes argumentos que apoiam a teoria de que a Igreja não está cumprindo a nova aliança de Israel agora:

1) O termo *Israel* não é usado nenhuma vez nas Escrituras para nenhum outro grupo que não os descendentes físicos de Abraão. Já que a igreja hoje é composta por judeus e por gentios sem distinções nacionais, seria impossível que essa igreja cumprisse as promessas feitas à nação israelita. 2) Na nova aliança [...] [há] promessas de bênçãos espirituais e de bênção terrena. Embora a igreja, assim como Israel, desfrute da promessa de salvação, de perdão de pecados, do ministério do Espírito Santo, ela jamais recebe a promessa de herdar uma terra, bênçãos materiais na terra e descanso da opressão, partes fundamentais da promessa a Israel. A nova aliança não só prometeu salvação a Israel, mas uma nova vida na terra do milênio, quando todas as suas alianças são concretizadas. A igreja certamente não está cumprindo as porções materiais dessa aliança. 3) Já que a igreja recebe bênçãos da aliança abraâmica (Gl 3.14; 4.22-31) exclusivamente pela fé, pode então receber bênçãos da nova aliança sem estar sob a nova aliança ou sem cumpri-la. 4) O elemento de tempo contido na aliança, tanto em sua declaração original quanto em sua reafirmação no livro de Hebreus, impede que a igreja seja o agente por intermédio do qual ela é cumprida. A aliança não pode ser cumprida e realizada antes do período da tribulação de Israel e de seu livramento pelo advento do Messias. Embora a igreja tenha enfrentado períodos de perseguição e de tribulação, jamais passou pela grande tribulação da profecia. Certamente a igreja não está agora no milênio. Romanos 11.26,27 mostra claramente que essa aliança só pode ser realizada após o segundo advento do Messias. Já que a tribulação, o segundo advento e o milênio ainda são futuros, o cumprimento da promessa ainda deve ser futuro, portanto a igreja não pode estar cumprindo a aliança.²⁶

Essas diferenças entre o dispensacionalismo revisado e o dispensacionalismo progressivo em relação às alianças mostra o que está em jogo com a interpretação literal da Bíblia. Nesse sentido, o dispensacionalismo progressivo tem, de fato, uma “hermenêutica complementar”, que é determinada pelo Novo Testamento:

O Novo Testamento introduz mudanças e avanços; não apenas repete a revelação do Antigo Testamento. Ao fazer adições complementares, porém, não descarta velhas promessas. O aprimoramento não ocorre às custas da promessa original.

A promessa do Antigo Testamento não foi substituída; foi aberta, esclarecida, ampliada e periodizada no progresso da reflexão apostólica sobre os ensinamentos e ações de Jesus. (Tradução nossa).²⁷

²⁶ PENTECOST, 1998, p. 152.

²⁷ “The New Testament does introduce change and advance; it does not merely repeat Old Testament revelation. In making complementary additions, however, it does not jettison old promises. The enhancement is not at the expense of the original promise.

Old Testament promise has not been replaced; it has been opened up, clarified, expanded, and periodized in the progress of apostolic reflection on Jesus' teaching and actions.” BLAISING, Craig A.; BOCK, Darrell L. *Dispensationalism, Israel and the church: assessment and dialogue*. In: BLAISING, Craig A.; BOCK, Darrell L. (Eds.). **Dispensationalism, Israel and the church**: search for definition. Grand Rapids: Zondervan, 1992. p. 392-393.

Os dispensacionalistas revisados indagam sobre os limites dessa “hermenêutica complementar”, perguntando se ela não conduzirá para outra interpretação da Bíblia, especialmente para o pré-milenismo aliancista. Ademais, Ryrie, por exemplo, observa que o dispensacionalismo progressivo diminui ou omite algumas questões significativas para o dispensacionalismo clássico e revisado como, por exemplo, “[...] uma distinção clara e consistente entre Israel e a Igreja [...]”²⁸ e o arrebatamento pré-tribulacional da Igreja: “Sem negar o Arrebatamento pré-tribulação ou o período literal de tribulação, os revisionistas [dispensacionalistas progressivos] não dão muita atenção à esses aspectos da escatologia.”²⁹

O dispensacionalismo clássico e o revisado insiste na interpretação literal da Bíblia. Mas o que se tem em mente com isso? Ryrie elucida:

Os dispensacionalistas reclamam para si a posição de interpretação literal na hermenêutica. Isso significa uma interpretação que dá o mesmo significado a toda palavra que teria em seu uso normal, quer empregado na escrita, fala ou pensamento. Às vezes é chamado de interpretação *histórica gramatical*, pois o significado de cada palavra é determinado por considerações históricas e gramaticais. O princípio também pode ser chamado de interpretação *normal*, pois o significado literal das palavras é a abordagem normal para seu entendimento em todas as línguas. Pode ser designado também de interpretação simples, já que ninguém recebe a ideia errada de que o próprio significado elimine o uso de figuras de linguagens. Símbolos, figuras de linguagem e tipos são interpretados de maneira simples neste método, e não são contrários à interpretação literal. Afinal de contas, a existência de uma figura de linguagem depende da realidade do significado dos termos usados. Muitas vezes as figuras tornam claro o significado, mas é o significado literal, normal e simples que elas transmitem ao leitor.³⁰

Ryrie acrescenta que a interpretação literal não é exclusiva dos dispensacionalista clássicos e revisados, mas compartilhada pela maioria dos estudiosos conservadores. Segundo ele, a diferença entre os dispensacionalistas clássicos e revisados e os não dispensacionalistas (incluindo os dispensacionalista progressivos), está no fato de que os primeiros empregam “[...] o princípio normal de interpretação *consistentemente* em *todo* seu estudo da Bíblia.”³¹ Ryrie acusa os não dispensacionalistas (talvez, incluindo parcialmente os dispensacionalista

²⁸ RYRIE, 2004, p. 2016.

²⁹ RYRIE, 2004, p. 2017.

³⁰ RYRIE, 2004, p. 95. Pentecost afirma: “O método literal de interpretação é o método que dá a cada palavra o mesmo sentido básico e exato que teria no uso costumeiro, normal, cotidiano, empregada de modo escrito, oral ou conceitual. Chama-se método histórico-gramatical para ressaltar o conceito de que o sentido deve ser apurado mediante considerações históricas e gramaticais.” PENTECOST, 1998, p. 37.

³¹ RYRIE, 2004, p. 97.

progressivos) de “[...] alegorizar ou espiritualizar quando chega na interpretação da profecia.”³² Por exemplo, veja o que diz o amilenista Floyd Hamilton em tom de confissão:

Agora, devemos admitir francamente que uma interpretação literal das profecias do Antigo Testamento nos dá exatamente uma imagem de um reinado terreno do Messias como as imagens pré-milenistas. Esse era o tipo de reino messiânico que os judeus da época de Cristo estavam procurando, com base em uma interpretação literal do reino das promessas do Antigo Testamento. (Tradução nossa).³³

A interpretação literal da Bíblia é fundamentada em várias razões. Em primeiro lugar, “[...] o propósito da própria linguagem parece requerer uma interpretação literal. A linguagem foi dada por Deus com o propósito de comunicar-se com a humanidade. [...] Ele [Deus] utilizaria a língua e esperaria que as pessoas entendessem em seu sentido normal, literal e simples.”³⁴ Pentecost comenta:

Visto que Deus concedeu Sua Palavra como revelação ao homem, teria de esperar que Sua revelação fosse dada de forma tão exata e específica que Seus pensamentos pudessem ser comunicados e entendidos corretamente quando interpretados segundo as leis da linguagem da gramática. Tomada como evidência, essa pressuposição favorece a interpretação literal, pois um método alegórico de interpretação turvaria o sentido da mensagem entregue por Deus ao homem.³⁵

Em segundo lugar, “[...] as profecias do Antigo Testamento quanto à primeira vinda de Cristo – Seu nascimento, Sua criação, Seu ministério, Sua morte e Sua ressurreição – foram todos cumpridos literalmente. Isto é um forte argumento em favor do método literal.”³⁶ “No campo de profecias cumpridas não é possível apontar nenhuma profecia que tenha sido cumprida de outra maneira que não a literal. O Novo Testamento não conhece nenhum outro método de cumprimento do Antigo. Deus tem, dessa maneira, estabelecido seu divino princípio.”³⁷ Charles Feinberg é definitivo nesse ponto:

³² RYRIE, 2004, p. 97.

³³ “Now we must frankly admit that a literal interpretation of the Old Testament prophecies gives us just such a picture of an earthly reign of the Messiah as the premillennialist pictures. That was the kind of Messianic kingdom that the Jews of the time of Christ were looking for, on the basis of a literal kingdom interpretation of the Old Testament promises.” HAMILTON, Floyd E. **The basis of the Millennial Faith**. Grand Rapids: Eerdmans, 1942. p. 38.

³⁴ RYRIE, 2004, p. 96.

³⁵ PENTECOST, 1998, p. 38.

³⁶ RYRIE, 2004, p. 96.

³⁷ PENTECOST, 1998, p. 88.

[...] na interpretação da profecia que ainda não foi cumprida, essas profecias que foram cumpridas devem formar o padrão. A única maneira de saber como Deus cumprirá a profecia no futuro é verificar como Ele o fez no passado. Todas as profecias do Messias sofredor foram literalmente cumpridas no primeiro advento de Cristo. Não temos motivos para acreditar que as predições de um Messias glorificado e reinante serão cumpridas de qualquer outra maneira. (Tradução nossa).³⁸

Em terceiro lugar, Ryrie também afirma o seguinte:

Se não for usado o método simples, literal e normal da interpretação, toda a objetividade é perdida. Qual seria o parâmetro para a variedade de interpretações produzidas pela imaginação do homem se não houvesse um padrão objetivo, como o que oferece o método literal? Tentar ver um significado diferente do normal resultaria em tantas interpretações quantos são os intérpretes. O literalismo é raciocínio racional.³⁹

Em outras palavras, somente a interpretação literal impede o intérprete de cair no subjetivismo hermenêutico. O dispensacionalismo (clássico e revisado) “[...] é resultado da aplicação coerente do princípio hermenêutico básico de interpretação literal, normal ou simples. Nenhum outro sistema teológico pode reivindicar isso.”⁴⁰ A interpretação literal “[...] leva a uma distinção clara entre palavras, conceitos, povos e economias. Esse princípio hermenêutico consistente é a base do dispensacionalismo [clássico e revisado].”⁴¹

2.1.3 Dispensações

A tradição dispensacionalista tem seu nome derivado da palavra “dispensação”. Ela entrou no vocabulário das línguas inglesa e portuguesa através do latim *dispensatio*, que foi usado por Jerônimo na Vulgata para traduzir o grego *oikonomia*.⁴² A palavra *oikonomia* indicava na cultura grega antiga o cargo ou a atividade de administração de uma casa, sendo o *oikonomos* o servo encarregado dessa função. No entanto, não demorou para que essas palavras designassem mais amplamente

³⁸ “[...] in the interpretation of prophecy that has not yet been fulfilled, those prophecies which have been fulfilled are to form the pattern. The only way to know how God will fulfill prophecy in the future is to ascertain how He has done it in the past. All the prophecies of the suffering Messiah were literally fulfilled in the first advent of Christ. We have no reason to believe that the predictions of a glorified and reigning Messiah will be brought to pass in any other manner.” FEINBERG, Charles L. **Premillennialism or amillennialism**. Grand Rapids: Zondervan, 1936. p. 39.

³⁹ RYRIE, 2004, p. 96.

⁴⁰ RYRIE, 2004, p. 102.

⁴¹ RYRIE, 2004, p. 116.

⁴² RYRIE, 2004, p. 27.

qualquer tipo de gestão e gestor, incluindo, por exemplo, cargos públicos e políticos, desde procuradores romanos a tesoueiros municipais, abarcando outras atividades como as de um cozinheiro e as de gestores de casas de banho.⁴³

Na Septuaginta, por exemplo, *oikonomos* refere-se ao administrador do palácio (2 Rs 18.18,37; 19.2 = Is 36.3,22; 37.2) e *oikonomia* designa o cargo de administrador de palácio (Is 22.19,21). No Novo Testamento, Paulo envia saudações a Erasto, que ele chama de *ho oikonomos tēs poleōs* (Rm 16.23). Os estudiosos debatem o significado de *oikonomos* aqui, mas a evidência indica que Erasto ocupava um cargo importante na administração de Corinto.⁴⁴ *Oikonomos* também ocorre, por exemplo, em Lucas 12.42 onde Jesus começa uma parábola sobre um mordomo responsável por dar alimento aos demais servos de uma casa. O mordomo, conforme a parábola, está sujeito a avaliação de seu senhor a qualquer momento. O trabalho bem realizado poderá resultar em promoção, enquanto o trabalho mal realizado em punição ou até demissão. Outra parábola que emprega *oikonomos* é a difícil parábola do “administrador infiel”, como é conhecida (Lc 16.1-13). Nela um administrador é convocado pelo dono do negócio a prestar contas de seu trabalho diante de uma denúncia de má administração. O administrador é demitido e pode-se presumir que outro administrador foi escolhido para o cargo. Portanto, podemos concluir que *oikonomos*, em seu sentido geral, indica qualquer tipo de gerente ou administrador e que *oikonomia* “[...] referia-se geralmente à atividade de um gestor e ao arranjo organizacional geral em que essa atividade era realizada. Seu sentido pode ser adequadamente transmitido por palavras como *administração, organização, plano e gerenciamento.*” (Tradução nossa).⁴⁵

⁴³ BLAISING, Craig A. *Dispensations in Biblical Theology*. In: BLAISING, Craig A.; BOCK, Darrell L. **Progressive Dispensationalism**. Grand Rapids: Baker Academic, 1993. p. 274.

⁴⁴ JEWETT, Robert. **Romans**: a commentary. Minneapolis: Fortress, 2007. p. 981-983. Douglas Moo escreve: “Erastus’ may be the same Erastus whom Paul sends from Ephesus to Macedonia during the third missionary journey (Acts 19:21–22; see also 2 Tim. 4:20). But the identification is complicated by the existence of an inscription in Corinth that names an Erastus as “aedile” of the city. The term that Paul uses here to describe Erastus, *oikonomos*, identifies him as a financial officer in the city government (BDAG: “city treasurer”); and it is not clear whether this title would be equivalent to ‘aedile.’ If not, it is still possible that Erastus, having served as “treasurer,” was promoted to aedile at a later date. On the whole, the identification of Paul’s Erastus with the Erastus named in this inscription is probable.” MOO, Douglas J. **The Letter to the Romans**. 2 ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2018. p. 951-952.

⁴⁵ “[...] referred generally to the activity of a manager and the overall organizational arrangement in which that activity was carried out. Its sense can properly be conveyed by words such as *administration, arrangement, order, plan, and management.*” BLAISING, 1993, p. 275.

A tradição dispensacionalista entende as dispensações a partir desse transfundo e considera especialmente três passagens paulinas importantes para o entendimento da ideia das dispensações: Efésios 1.10; 3.2 e Colossenses 1.25-26. Ryrie, por exemplo, comenta elas referem-se a pelo menos “[...] três dispensações [...] conforme se entende de modo comum no ensino dispensacional [...]”.⁴⁶ Ele elucida:

Em Efésios 1.10 ele escreve sobre “uma administração propícia para a plenitude dos tempos” que é um período futuro. Em Efésios 3.2 ele fala da “dispensação da graça de Deus” com ênfase no conteúdo de sua pregação naquele tempo. E Colossenses 1.25-26 está implícito que havia outra dispensação anterior à atual, na qual o mistério de Cristo no crente é revelado.⁴⁷

Ryrie acrescenta que a Bíblia não menciona explicitamente sete dispensações, mas duas (Ef 1.10; 3.2) e deixa implícito uma terceira (Cl 1.25-26). Portanto, ele argumenta que o uso da palavra “dispensação” pela tradição dispensacionalista fundamenta-se na própria Bíblia. Desse modo, é incorreto acusar os dispensacionalistas de darem um sentido teológico distinto ao uso bíblico do termo dispensação. Ele prossegue:

[...] é perfeitamente válido tomar uma palavra bíblica e utilizá-la em sentido teológico desde que o uso teológico não seja contrário à Bíblia. Todos os conservadores fazem isso com a palavra expiação. É um vocábulo nunca usado no Novo Testamento, embora teologicamente todos usam-no para representar o que estava envolvido na morte de Cristo. Biblicamente, a palavra expiação não é utilizada em conexão com a morte de Cristo, mas, já que é usado para o pagamento do pecado no Antigo Testamento, não é antibíblico dar significado teológico que na verdade é mais inclusivo do que o uso restrito da Bíblia. O dispensacionalista faz algo semelhante com a palavra dispensação. O uso e as características da palavra [...], provam de modo conclusivo que o dispensacionalista não empregou a palavra de maneira antibíblica quando a emprega como designativa de seu sistema de ensino.⁴⁸

Portanto, a tradição dispensacionalista argumenta que o plano ou administração de Deus para o mundo durante toda a sua história se desdobra em várias dispensações ou plano de mordomia. Por conseguinte, Ryrie elucida:

O mundo é visto como um lar administrado por Deus em associação com várias etapas de revelação que demarcam as diferentes economias no desenvolvimento do Seu programa total. Estas economias são as dispensações no dispensacionalismo. Assim, do ponto de vista de Deus, uma dispensação é uma economia; do ponto de vista do homem, é uma

⁴⁶ RYRIE, 2004, p. 32.

⁴⁷ RYRIE, 2004, p. 32.

⁴⁸ RYRIE, 2004, p. 33.

responsabilidade diante da revelação específica dada na ocasião. Com relação à revelação progressiva, uma dispensação é uma etapa dentro dela. Então, uma dispensação pode ser definida como “uma economia distinguível dentro do desenvolvimento do programa de Deus”.⁴⁹

A tradição dispensacionalista oferece muitas definições das dispensações. Por exemplo, Scofield fala de “[...] um período de tempo durante o qual o homem é testado em relação à obediência a alguma revelação *específica* da vontade de Deus.” (Tradução nossa).⁵⁰ H. A. Ironside, um importante dispensacionalista clássico, explica dispensação da seguinte maneira: “[...] é aquela ordem particular ou condição de coisas que prevalece em uma era especial e que não prevalece necessariamente em outra.” (Tradução nossa).⁵¹ Observe também a definição de dispensação de Ryrie no final da citação longa anterior. O dispensacionalista progressivo Craig Blaising observa que a “[...] palavra *dispensação* refere-se a um arranjo particular pelo qual Deus regula a maneira como os seres humanos se relacionam com ele.” (Tradução nossa).⁵²

Ryrie explica o que destaca e distingue as diferentes dispensações no propósito de Deus. Segundo ele: “(1) a diferente relação governadora com o mundo em que Deus entra em cada economia e (2) a responsabilidade resultante sobre a humanidade em cada um desses relacionamentos diferentes.”⁵³ Ele continua e elucida as características distintas que marcam uma dispensação diferente:

(1) uma mudança no relacionamento governamental de Deus com o homem (embora uma dispensação não tenha de ser composta inteiramente de novos valores); (2) uma resultante mudança na responsabilidade do homem; e (3) revelação correspondente necessária para efetuar essa mudança (que é nova e um estágio do progresso através da revelação da Bíblia).⁵⁴

A tradição dispensacionalista clássica e revisada afirma, no geral, a existência de sete dispensações, seguindo Scofield:⁵⁵

⁴⁹ RYRIE, Charles C. *Dispensação, Dispensacionalismo*. In: ELWELL, Walter A. (Ed.). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1992. v. 2, p. 479.

⁵⁰ “[...] is a period of time during which man is tested in respect of obedience to some specific revelation of the will of God.” SCOFIELD, 1917, p. 5.

⁵¹ “[...] is that particular order or condition of things prevailing in one special age which does not necessarily prevail in another.” IRONSIDE, H. A. **In The Heavens**: Practical expository addresses on the Epistle to the Ephesians. Neptune: Loizeaux Brothers, 1937. p. 67.

⁵² “[...] word dispensation refers to a particular arrangement by which God regulates the way human beings relate to Him.” BLAISING, 1993, p. 14.

⁵³ RYRIE, 2004, p. 40-41.

⁵⁴ RYRIE, 2004, p. 42.

⁵⁵ SCOFIELD, 1917, p. 5.

1. Inocência
2. Consciência
3. Governo Humano
4. Promessa
5. Lei
6. Graça
7. Milênio

Os dispensacionalistas revisados propõem “quatro dispensações primárias”:

1. Patriarcal (até o Sinai)
2. Mosaica (até a ascensão do Messias)
3. Eclesial (do Messias até a sua volta)
4. Siônica (Milênio e Eternal).⁵⁶

Ryrie observa “[...] um esquema de sete dispensações não é inspirado, nem é imutável. Mas é necessário algum esquema e parece difícil fugir do conceito de sete economias no desenrolar do propósito de Deus.”⁵⁷ O dispensacionalismo progressivo subdivide a dispensação siônica e poderia ter feito o mesmo com dispensação patriarcal. Além disso, considera o estado eterno com uma dispensação (algo feito pelos dispensacionalistas clássicos mais antigos⁵⁸), afirmando que o milênio é um reino intermediário entre o reino davídico já inaurado nessa dispensação e a manifestação plena do reino de Deus sobre a terra na eternidade.⁵⁹ Isso deve-se ao fato de que para o dispensacionalismo progressivo há um maior foco na continuidade e no desenvolvimento progressivo da revelação divina. As dispensações não são vistas como períodos completamente distintos, mas como fases progressivas do plano de Deus.

O dispensacionalismo progressivo é consciente da crítica de que o dispensacionalismo clássico e revisado destrói a unidade da revelação divina. Por exemplo, Anthony Hoekema começa sua crítica ao dispensacionalismo (clássico e revisado) com essa ideia: “*O dispensacionalismo falha em fazer plena justiça à unidade básica da revelação bíblica.*” (Tradução nossa).⁶⁰ Ryrie reconhece a verdade

⁵⁶ BLAISING, 1993, p. 279.

⁵⁷ RYRIE, 2004, p. 61.

⁵⁸ RYRIE, 2004, p. 202.

⁵⁹ BLAISING, 1993, p. 270,283.

⁶⁰ “*Dispensationalism fails to do full justice to the basic unit of biblical revelation.*” HOEKEMA, Anthony A. **The Bible and the future**. Exeter: The Paternoster Press, 1978. p. 195.

dessa objeção: “[...] os dispensacionalista nem sempre afirmaram essa unidade como deveriam [...]”.⁶¹ No entanto, corretamente, a nosso ver, ele afirma o seguinte:

Ainda que os dispensacionalista não tenham comunicado com clareza os ensinamentos de seu sistema nessas linhas, devemos lembrar que não é culpa do sistema. O dispensacionalismo por si tem um amplo princípio unificador que faz justiça à unidade do progresso da revelação por ⁶²um lado, e por outro, a distinção dos diversos estágios desse progresso.

Nesse sentido, “[...] somente o dispensacionalismo pode manter a unidade e diversidade ao mesmo tempo e oferecer um sistema coerente de interpretação”.⁶³ Portanto, o dispensacionalismo clássico e revisado fornece um sistema interpretativo que é capaz de explicar as mudanças e continuidades no relacionamento de Deus com a humanidade ao longo do tempo. Isso permite uma leitura consistente da Bíblia, que preserva tanto a unidade quanto a descontinuidade do desenvolvimento do propósito de Deus. (Mais adiante, ainda neste capítulo, faremos uma breve exposição das sete dispensações).

2.1.1.4 A singularidade da igreja

A tradição dispensacionalista enfatiza a singularidade da igreja no propósito de Deus. Bass disse corretamente que o dispensacionalismo (clássico, o também está correto para o dispensacionalismo progressivo) “[...] está enraizado no conceito de igreja de Darby – um conceito que distingue fortemente a igreja de Israel [...]” (Tradução nossa).⁶⁴ Ryrie observa que “[...] a natureza da igreja é parte crucial na diferença entre o dispensacionalismo e outros sistemas doutrinários. Na verdade, a eclesiologia [...] é a pedra de toque do dispensacionalismo (como também do pré-tribulacionismo).”⁶⁵

Para o dispensacionalismo clássico e revisado, a igreja é um mistério que não foi revelado no Antigo Testamento.

Não era um mistério que Deus proveria salvação para os judeus, nem que os gentios seriam abençoados com as bênçãos dessa salvação. O fato de que Deus formaria de judeus e gentios um só corpo nunca foi revelado no Antigo

⁶¹ RYRIE, 2004, p. 39.

⁶² RYRIE, 2004, p. 39.

⁶³ RYRIE, 2004, p. 39.

⁶⁴ “[...] is rooted in Darby's concept of the church - a concept that sharply distinguishes the church from Israel. [...]” BASS, 1960, 127.

⁶⁵ RYRIE, 2004, p. 147.

Testamento e constitui o mistério citado por Paulo em Efésios 3.1-7, Romanos 16.25-27 e Colossenses 1.26-29. Todo esse plano não foi revelado até a rejeição de Cristo por Israel. E depois da rejeição de Mateus 12.23,24 que o Senhor faz a primeira promessa futura da igreja, em Mateus 16.18. É depois da rejeição da cruz que a igreja tem o seu início, em Atos 2. É depois da rejeição final de Israel chama Paulo para ser apóstolo aos gentios, e por meio dele o mistério da natureza da igreja é revelado. A igreja é, manifestadamente uma interrupção do plano de Deus para Israel, que não foi iniciada até que Israel rejeitasse a oferta do reino. Segue-se, logicamente, que esse plano de mistério deve ser concluído antes que Deus possa retomar Seu trato com a nação de Israel [...]. O plano do mistério, tão distinto no seu início, certamente será separado na sua conclusão. Esse plano deve ser concluído antes que Deus retome e complete Seu plano para Israel. Esse conceito da igreja como mistério torna inevitável o arrebatamento pré-tribulacionista.⁶⁶

A fundamentação para a distinção entre Israel e a igreja é muito bem apresentada pelo dispensacionalista clássico Lewis Chafer em sua *Teologia Sistemática*. Por ser extensa para uma citação normal, mencionamos parte de suas palavras por causa de sua importância:

I. A Extensão da Revelação Bíblica

Com respeito à aplicação primária, Israel ocupa aproximadamente 4/5 do texto da Escritura, enquanto que a Igreja, um pouco mais do que 1/5.

II. O Propósito Divino

Por causa de uma estranha desatenção da parte de muitos, precisa ser afirmado que há dois propósitos divinos principais, ambos totalmente à parte daquilo que diz respeito aos anjos ou aos gentios. A distinção entre o propósito para Israel e o propósito para a Igreja é tão importante quanto aquele que existe entre os dois testamentos. Pacto, promessa e provisão para Israel são terrestres, e Israel será uma nação respeitada na terra, quando ela for recriada. Todo pacto ou promessa para a Igreja é para uma realidade celestial, e ela continuará na cidadania celestial quando os céus forem recriados.

III. A Semente de Abraão

Em razão do fato de Abraão ser não somente o progenitor da nação da promessa, mas também o padrão de um cristão sob a graça, é significativo que haja duas figuras empregadas por Jeová a respeito da descendência de Abraão – o pó da terra (Gn 13.16), e as estrelas do céu (Gn 15.5; cf. Hb 11.12). A extensão deste pacto abraâmico é vista em Romanos 4.16: “Portanto procede da fé o ser herdeiro, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme e toda a descendência, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé que teve Abraão, o que é pai de todos nós”. À parte da linhagem de Israel e dos filhos de Quetura, a respeito de quem não há um propósito divino revelado, os filhos de Jacó, ou Israel, e sem referência a Esaú, são contados como a descendência física (cf. Gn 22.2; Hb 11.17) de Abraão; porque com esses Deus fez pactos a respeito dos privilégios terrestres deles.

De modo contrário, a descendência celestial de Abraão não é gerada por Abraão, mas por Deus sobre o princípio eficaz da fé; e, por causa da verdade de que essa fé foi exercida especificamente por Abraão (Gn 15.6; Rm 4.1–3,

⁶⁶ PENTECOST, 1998, p. 224.

17–24), aqueles que possuem semelhante fé são descendência espiritual de Abraão. Está escrito: “De modo que os que são da fé são abençoados com o crente Abraão” (Gl 3.9). Uma distinção vital é feita pelo apóstolo Paulo entre o Israel da carne e aquela porção de Israel dentro da Israel que é salva. Aqueles que são salvos são chamados “o Israel de Deus” (Gl 6.16), e a afirmação de que “nem todos os que são de Israel são israelitas” (Rm 9.6) é uma referência à mesma distinção. O uso dessas passagens, para provar que Israel e a Igreja são a mesma coisa, é deplorável à luz da verdade que esses textos declaram.

XXIV. A Posição na Eternidade

Em sua contagem dos habitantes da nova Jerusalém, o escritor aos Hebreus assevera que haverá aqueles presentes que são identificados como “os espíritos dos justos aperfeiçoados”. Isto pode facilmente se referir aos santos do Antigo Testamento que, enquanto nesta vida, foram chamados de justos. Esta designação ocorre mais de trinta vezes no Antigo Testamento e sempre com referência àqueles que estiveram em relação correta com Deus. Na mesma contagem dos habitantes da nova Jerusalém, há reconhecimento também da “igreja dos primogênitos” (Hb 12.22–24).⁶⁷

Portanto, a singularidade da igreja no plano de Deus e sua distinção de Israel é a “[...] base indispensável para o estudo do pré-tribulacionismo. É seguro dizer que o pré-tribulacionismo depende de uma definição particular de igreja, e qualquer forma de pré-tribulacionismo que não levar esse fator em consideração será irrelevante.”⁶⁸ Dessa maneira, não é por acaso que os pré-milenistas aliancistas, que são comumente pós-tribulacionistas, e os amilenistas tem uma concepção diferente sobre a natureza da igreja.

O dispensacionalismo progressivo minimiza a distinção entre a igreja e Israel do dispensacionalismo clássico e revisado, afirmando que há uma sobreposição e interconexão no plano de Deus. A igreja é vista como a continuação do povo de Deus iniciado com Israel, um “[...] estágio na revelação progressiva de Deus para a humanidade. (Tradução nossa)”⁶⁹ O dispensacionalista progressivo Robert Saucy, por exemplo, fala em “povo de Deus”. Ele comenta:

[...] o ensino bíblico sobre “o povo de Deus” fornece o esboço fundamental do relacionamento entre Israel e a igreja. No sentido final, talvez seja melhor dizer que “o povo de Deus” é um só povo porque todos estarão relacionados com ele através da mesma aliança de salvação. Mas esta unidade fundamental numa relação com Deus através de Cristo não elimina a distinção de Israel como uma nação especial chamada por Deus para um ministério único no mundo como uma nação entre as nações. Também não

⁶⁷ CHAFER, Lewis. S. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2013. v. 4, p. 413-419.

⁶⁸ WALVOORD, John F. **O arrebatamento**: fundamentos da escatologia pré-tribulacionista. Natal: Editora Carisma, 2021. p. 29-30.

⁶⁹ “[...] a stage in the progressive revelation of God’s salvation for humankind. BLAISING, Craig A. Changing patterns in American dispensational theology. **Wesleyan Theological Journal**, Kentucky, v. 29, n. 1-2, p. 149-164, 1994. p. 161.

define a totalidade do povo de Deus como “Israel”, exigindo que a igreja seja de alguma forma um “novo Israel”. (Tradução nossa).⁷⁰

O dispensacionalista progressivo rejeita a ideia de que a igreja é um mistério que não foi revelado no Antigo Testamento.⁷¹ Ela é o cumprimento de predições do Antigo Testamento. Nesse sentido, a igreja pode ser considerada um "mistério" no Antigo Testamento, não no sentido de ser totalmente oculta, mas no sentido de ainda não ser uma realidade plenamente manifesta. A igreja, conforme Blaising, “[...] deve ser entendida como uma forma atual do reino escatológico, uma presença que garante a futura vinda desse reino em toda a sua plenitude.” (Tradução nossa).⁷²

2.1.1.5 Pré-milenismo futurista

A tradição dispensacionalista advoga uma forma de pré-milenismo,⁷³ isto é, que Jesus Cristo retornará a esta terra para governá-la por 1.000 anos – o milênio. Interpreta a profecia bíblica no sentido de que Jesus Cristo arrebatará a igreja antes da “grande tribulação” (pré-tribulacionismo), um período de intenso sofrimento e calamidade que servirá para preparar Israel e o mundo para o reino milenar, em cumprimento a profecias veterotestamentárias e a Apocalipse 20.1-10. Além disso, os dispensacionalistas frequentemente interpretam os capítulos 4 a 22 do Apocalipse como eventos futuros, descrevendo a grande tribulação, a segunda vinda de Cristo, o milênio, o julgamento final e o estado eterno.⁷⁴

⁷⁰ “[...] the biblical teaching on “the people of God” provides the fundamental outline of the relationship of Israel and the church. In the final sense it is perhaps best to say that “the people of God” are one people because all will be related to him through the same covenant salvation. But this fundamental unity in a relation to God through Christ does not remove Israel’s distinction as a special nation called of God for a unique ministry in the world as a nation among nations. Nor does it define the totality of the people of God as “Israel,” requiring that the church is somehow a “new Israel.” SAUCY, Robert L. **The Case for Progressive Dispensationalism: the interface between dispensational & non-dispensational theology.** Grand Rapids: Zondervan, 1993. p. 190.

⁷¹ RYRIE, 2004, p. 160.

⁷² “[...] the church must be understood as a present form of the eschatological kingdom, a presence which guarantees the future coming of that kingdom in all its fullness.” BLAISING, 1993, p. 382.

⁷³ Todo dispensacionalista é pré-milenista, mas nem todo pré-milenista é dispensacionalista.

⁷⁴ Provavelmente o melhor comentário do Apocalipse a partir da tradição dispensacionalista (revisada) é de Robert Thomas: THOMAS, Robert L. **Revelation 1-7: an exegetical commentary.** Chicago: Moody Press, 1992; THOMAS, Robert L. **Revelation 8-22: an exegetical commentary.** Chicago: Moody Press, 1995. Interpretações do Apocalipse do dispensacionalismo clássico/revisado e do progressivo são encontradas em: PATE, C. Marvin (org.). **Four views on the book of Revelation.** Grand Rapids: Zondervan, 1998.

2.1.1.6 Iminência da segunda vinda de Jesus Cristo – o arrebatamento

A tradição dispensacionalista afirma a iminência do arrebatamento da igreja. A segunda vinda de Jesus Cristo é compreendida como um evento que ocorrerá em duas fases distintas e separadas pela grande tribulação. A primeira fase é o arrebatamento da igreja e a segunda é a vinda em glória após a grande tribulação para instaurar o reino milenar. O arrebatamento é considerado iminente, ou seja, pode acontecer a qualquer momento (sem nenhum sinal prévio) e, por conseguinte, “[...] deve ocupar o pensamento e a vida do cristão em grande escala”.⁷⁵

2.1.1.7 Futuro para o Israel nacional

A tradição dispensacionalista sustenta a ideia de um futuro para o Israel nacional. Esse futuro inclui pelo menos o reino milenar de Jesus Cristo e alguns dispensacionalistas clássicos e revisados incluem também o estado eterno (algo rejeitado pelos dispensacionalistas progressivos).⁷⁶ Alguns dispensacionalistas referem-se a Israel como o “relógio escatológico” de Deus e o surgimento do Estado moderno de Israel como um cumprimento de profecias bíblicas, uma ideia que também foi compartilhada por Karl Barth, provavelmente o maior teólogo do século passado.⁷⁷ A importância de Israel para a profecia bíblica é reconhecida pelo pré-milenismo em geral.

2.1.2 As sete dispensações

2.1.2.1 Inocência

A dispensação da inocência cobre o período entre a criação e a queda de Adão e Eva. As responsabilidades nessa dispensação eram cultivar o jardim, não comer do fruto proibido, encher e subjugar da terra. Adão e Eva fracassaram e o juízo de Deus, além da expulsão do jardim, incluiu maldições e morte física e espiritual. Ryrie comenta: “De modo estranho, o dispensacionalismo progressivo não inclui esta

⁷⁵ WALVOORD, 2021, p. 90.

⁷⁶ BLAISING, 1994, p. 161.

⁷⁷ MOSELEY, Carys. **Nationhood, Providence, and Witness: Israel in Modern Theology and Social Theory**. Eugene: Cascade Books: 2013. p. xxxii, 221-222, 226.

dispensação em seu esquema, mas inicia as dispensações com a entrada do pecado na raça humana.”⁷⁸

2.1.2.2 Consciência

A dispensação da consciência tem seu nome derivado de Romanos 2.15, que destaca a lei escrita no coração dos seres humanos e sua consciência dando testemunho.

O título não indica que o homem não tivesse consciência anterior ou após esse período [...]. Significa simplesmente que esse era o modo principal com que Deus governava a humanidade durante aquela economia, e a obediência aos ditames da consciência era a principal responsabilidade de mordomia do homem.⁷⁹

Scofield explica que pela desobediência, o homem passou a conhecer o bem e o mal, com a consciência sendo despertada por esse conhecimento. Esse despertar significava que a consciência passou a ser um guia moral interno, indicando obediência ao bem e desobediência ao mal.⁸⁰ A principal responsabilidade do ser humano era fazer o bem, obedecendo à sua consciência. Apesar dessa responsabilidade clara, a humanidade fracassou em viver de acordo com o bem, o que resultou no juízo de Deus através do dilúvio.

2.1.2.3 Governo humano

A dispensação do governo humano tem como característica distintiva o governo do homem pelo homem, cuja função principal foi a pena capital. Além disso, o homem tinha a responsabilidade de encher a terra e se espalhar por ela. No entanto, os seres humanos construíram a torre de Babel para não se espalharem. Como resultado, Deus enviou seu juízo e a confusão de línguas. Scofield observa que governo humano continuou depois disso: para os judeus ele terminou com o cativoiro

⁷⁸ RYRIE, 2004, p. 62.

⁷⁹ RYRIE, 2004, p. 62.

⁸⁰ “By disobedience man came to a personal and experimental knowledge of good and evil—of good as obedience, of evil as disobedience to the known will of God. Through that knowledge conscience awoke.” SCOFIELD, 1917, p. 10. Tradução nossa.

abilônico e para os gentios terminará com a destruição da imagem de Daniel 2 e o julgamento das nações (Mt 25.31-46).⁸¹

2.1.2.4 Promessa

A dispensação da promessa marca a escolha de Deus por uma família e uma nação. “A responsabilidade dos patriarcas era simplesmente crer em Deus e servi-lo, e Deus lhes deu toda provisão material e espiritual para que pudessem fazê-lo. A Terra Prometida era deles e a bênção lhes pertencia desde que permanecesse na Terra.”⁸² Os patriarcas desobedeceram e tiveram como juízo de Deus viver o jugo egípcio e vagar pelo deserto, mas Deus lhe prometeu libertação. Ryrie pergunta se é mesmo necessário distinguir a dispensação da promessa e a dispensação da lei. Ele concluiu que sim. Essas dispensações operam com bases diferentes, pois a lei é mantida distinta da promessa em Gálatas 3.15-29.⁸³

Scotfield comenta que a dispensação da promessa era exclusivamente israelita e ela deve ser distinguida da “aliança abraâmica”, que era incondicional.⁸⁴ A aliança abraâmica (Gn 12.1-3; 13.14-17; 15.1-21; 17.1-14; 22.15-18; 22.2-5; 28.10-17) incluía a promessa da Terra Prometida, da redenção nacional e universal bem como a de uma descendência numerosa que formaria uma grande nação. Por conseguinte,

[...] podemos dizer que as promessas de terra da aliança abraâmica são desenvolvidas na aliança palestina, as promessas de semente são desenvolvidas na aliança davídica e as promessas de bênção são desenvolvidas na nova aliança. Esta, então, determina todo o futuro plano para a nação de Israel e é um fator de vulto na escatologia bíblica.⁸⁵

Ryrie elucida as implicações da aliança abraâmica:

Todos concordam que a aliança abraâmica é uma das alianças mais importantes da Palavra de Deus. Suas questões cruciais em relação ao pré-milenismo são duas: (1) A aliança abraâmica promete a Israel uma existência permanente como nação? Se assim for, então a Igreja não está cumprindo as promessas de Israel, mas Israel como nação ainda tem um futuro em perspectiva; e (2) a aliança abraâmica promete a Israel a posse permanente

⁸¹ SCOTFIELD, 1917, p. 16.

⁸² RYRIE, 2004, p. 64.

⁸³ RYRIE, 2004, p. 64.

⁸⁴ SCOTFIELD, 1917, p. 20.

⁸⁵ PENTECOST, 1998. p.101.

da terra prometida? Se assim for, Israel ainda deve entrar em posse da terra, pois ela nunca a possuiu totalmente em sua história. (Tradução nossa).⁸⁶

Para a tradição dispensacionalista, a aliança abraâmica estabelece que as promessas feitas a Israel devem ser cumpridas pela própria nação de Israel, ou seja, não podem ser cumpridas pela igreja. Nesse ponto outras perspectivas escatológicas apresentam forte oposição. O amilenista Allis, por exemplo, é muito crítico aqui. Ele escreve:

Levando a um extremo quase sem precedentes aquele literalismo que é característico do milenarismo, eles insistem que Israel deve significar Israel, e que as promessas do reino no Antigo Testamento dizem respeito a Israel e devem ser cumpridas a Israel literalmente.⁸⁷

Pentecost afirma que os dispensacionalistas não negam que a aliança abraâmica

[...] ofereça bênçãos universais aos que não fazem parte da descendência física de Abraão, mas se afirma que as promessas nacionais só podem ser cumpridas pela própria nação israelita. Desse modo, a palavra Israel é tomada em seu sentido usual e literal, significando a descendência física de Abraão.⁸⁸

Os dispensacionalistas também argumentam que a Igreja nunca é confundida com Israel nas dispensações, como se fosse o “novo Israel”. Aqui é muito discutido Gálatas 6.16: Quem é o “Israel de Deus” aqui? Provavelmente judeus que haviam abandonado o legalismo judaico e tornaram-se seguidos de Jesus.⁸⁹ Por conseguinte, Israel de Deus não se refere à igreja, mas a uma parte da nação israelita.⁹⁰

⁸⁶ “All agree that the Abrahamic covenant is one of the outstanding covenants in the Word of God. Its crucial issues in relation to premillennialism are two: (1) Does the Abrahamic covenant promise Israel a permanent existence as a nation? If it does, then the Church is not fulfilling Israel’s promises, but rather Israel as a nation has a future yet in prospect; and (2) does the Abrahamic covenant promise Israel permanent possession of the promised land? If it does, then Israel must yet come into possession of the land, for she has never fully possessed it in her history.” RYRIE, C. C. **The Basis of the Premillennial Faith**. Neptune: Loizeaux Brothers, 1953. p. 48-49.

⁸⁷ “Carrying to an almost unprecedented extreme that literalism which is characteristic of Millenarianism, they insist that Israel must mean Israel, and that the kingdom promises in the Old Testament concern Israel and are to be fulfilled to Israel literally.” ALLIS, 1945, p. 218.

⁸⁸ PENTECOST, 1998, p. 114-115.

⁸⁹ RYRIE, 2004, p. 154.

⁹⁰ Esta também é a conclusão RICHARDSON, Peter. **Israel in the Apostolic Church**. Cambridge: At the Cambridge University Press, 1969. p. 83. Além disso, ele mostra que a palavra Israel foi aplicada a Igreja pela primeira vez por Justino Mártir em sua obra Diálogo com Trifo, em 160 d.C.

2.1.2.5 Lei

A dispensação da lei se estende do Sinai ao Calvário, isto é, da entrega da lei até morte de Jesus Cristo. Através de Moisés, Deus deu a lei à Israel, isto é, 613 mandamentos que abarcavam todas as fases e atividades da vida. Os israelitas era responsáveis por cumprir toda a lei (Tg 2.10), mas falharam (Rm 10.1-3). Como resultado houve muitos juízos nessa dispensação (por exemplo, o cativoiro babilônico).

Na dispensação da lei a salvação era pela graça e não pela observância de lei *em si*. É importante ressaltar esse ponto, pois o dispensacionalismo tem sido muito criticado e não compreendido nesse ponto. Por exemplo, Bass declara o seguinte:

[...] a pressuposição da diferença entre lei e graça, entre Israel e a Igreja, entre as diferentes relações de Deus com os homens nas diferentes dispensações, quando levada à sua conclusão lógica, inevitavelmente resultará em uma forma múltipla da salvação – que os homens não são salvos da mesma maneira em todas as épocas.” (Tradução nossa).⁹¹

No entanto, isso não é o que a tradição dispensacionalista advoga de modo algum! Chafer, por exemplo, observa:

Existem duas maneiras pelas quais alguém pode ser salvo? Em resposta a esta pergunta, pode afirmar-se que a salvação, qualquer que seja o seu carácter específico, é sempre obra de Deus em favor do homem e nunca uma obra do homem em favor de Deus. Isso é para afirmar que Deus nunca salvou qualquer pessoa ou grupo de pessoas em qualquer outra base que não a justa liberdade de fazê-lo e que a Cruz de Cristo assegurou. Há, portanto, apenas uma maneira de ser salvo, que é pelo poder de Deus tornado possível através do sacrifício de Cristo. (Tradução nossa).⁹²

Portanto, os dispensacionalistas afirmam o seguinte: “A base para a salvação em qualquer era é a morte de Cristo; o *requisito* para a salvação em qualquer época é a fé; o *objeto* da fé em toda era é Deus; o *conteúdo* da fé muda nas diversas

⁹¹ “the presupposition of the difference between law and grace, between Israel and the Church, between the different relations of God to men in the different dispensations, when carried to its logical conclusion, will inevitably result in a multiple form of salvation – that men are not saved the same way in all ages.” BASS, 1960. p. 34.

⁹² “Are there two ways by which one may be saved? In reply to this question it may be stated that salvation of whatever specific character is always the work of God in behalf of man and never a work of man in behalf of God. This is to assert that God never saved any one person or group of persons on any other ground than that righteous freedom to do so which the Cross of Christ secured. There is, therefore, but one way to be saved and that is by the power of God made possible through the sacrifice of Christ.” CHAFER, Lewis. S. Inventing Heretics Through Misunderstanding. **Bibliotheca Sacra**, Dallas, v. 102, n. 405, p. 1-17, 1945. p. 1.

dispensações.”⁹³ O último ponto evidencia a natureza progressiva da revelação de Deus e que a graça de Deus nem sempre é revelada da mesma maneira e da mesma quantidade.⁹⁴ Por exemplo, João 1.17 “[...] não quer dizer que não existia graça antes da vinda de Cristo, mas quer dizer que, em comparação com a graça de Cristo, todas as revelações anteriores de graça eram como nada.”⁹⁵

2.1.2.5 Graça

A dispensação da graça traz a graça divina através da vida, pregação e morte de Jesus Cristo. A responsabilidade do homem é aceitar o dom da justiça de Deus dado a todos gratuitamente (Rm 5.15-18). “Há dois aspectos da graça de Deus nessa economia: (1) a benção é totalmente pela graça e (2) a graça é para todos. Deus não está mais lidando apenas com uma nação como exemplo, mas com toda a humanidade.”⁹⁶ Aqueles que rejeitarem Jesus Cristo serão julgados com base nisso e os crentes podem perder seus galardões, mas não a salvação. A dispensação da graça terminará com a segunda vinda de Jesus Cristo depois da grande tribulação, que não é uma dispensação, mas a preparação para o reino milenar.

2.1.2.5 Milênio

A dispensação do milênio é a dispensação do reino milenar, que será estabelecido em cumprimento de todas as promessas do Antigo e Novo Testamento, principalmente aquelas contidas nas alianças abraâmica e davídica, também com a aliança palestina e a nova aliança. Desse modo, “[...] a era milenar traz consigo pleno cumprimento de todas as promessas de Deus para com a nação de Israel.”⁹⁷ Trata-se de um reino literal de mil anos, no qual Jesus Cristo governará este mundo com justiça e paz.

⁹³ RYRIE, 2004, p. 139.

⁹⁴ RYRIE, 2004, p. 139-140.

⁹⁵ RYRIE, 2004, p. 140.

⁹⁶ RYRIE, 2004, p. 67.

⁹⁷ PENTECOST, 1998, p. 487.

2.1.3 Breve história da tradição dispensacionalista

O dispensacionalismo tem sido acusado de ter origens recentes e por isso, ser falso. Erickson elucida: “Nenhum sinal desta teologia pode ser achado na história primitiva da igreja.”⁹⁸ Embora alguns dispensacionalistas tentem, por vezes, argumentar que o dispensacionalismo surgiu em data muito antigo (por exemplo, na patrística), parece mais adequado reconhecer que o dispensacionalismo como o conhecemos surgiu no começo do século XX e se espalhou rapidamente em círculos fundamentalistas por causa de sua teologia conservadora. Isso não significa que elementos encontrados na tradição dispensacionalista surgiram somente nessa época. Na verdade, eles são encontrados durante toda a história da igreja e há vários precursores da tradição dispensacionalista nos séculos XVII e XVIII, especialmente na Inglaterra.⁹⁹

Devemos lembrar que no começo do século passado a teologia liberal ainda estava viva e o fundamentalismo foi a reação do século XX ao liberalismo teológico.¹⁰⁰ Scofield, por exemplo, estava os autores da obra clássica *The Fundamentals*. O dispensacionalismo como o conhecemos foi desenvolvido na Inglaterra, em meados do século XIX, por Edward Irving (1792-184) e John Nelson Darby (1800-1882), mas Scofield foi o grande popularizador do dispensacionalismo e sua Bíblia “[...] fez com que o dispensacionalismo viesse a ser conhecido como sinônimo de fundamentalismo.”¹⁰¹ Além disso, Erickson comenta:

Provavelmente, a popularização mais eficaz do dispensacionalismo foi a Bíblia de Referência de Scofield. No começo do século XX, havia poucas Bíblias disponíveis com “ajudas”. Procure imaginar a prédica do leigo típico. Conhece algumas histórias bíblicas, mas tem dúvidas acerca de sua ordem cronológica ou ambiente geográfico, ou, ainda mais provavelmente, tem dúvidas quanto ao significado de muitas passagens doutrinárias. Quando, pois, obtém uma Bíblia com um esboço juntamente com o texto e com notas explanatórias ao rodapé de cada página, fica muito alegre. Naturalmente, tem forte atração para qualquer pessoa que não tem comentários ou que acha inconveniente carregar um comentário consigo. Scofield tinha convenientemente combinado o texto e o comentário num só volume. Não surpreende que algumas pessoas achassem conveniente lembrar-se de que leram ou não alguma coisa no rodapé (nas notas) ou no meio da página (no

⁹⁸ ERICKSON, 1991, p. 93.

⁹⁹ WATSON, William C. **Dispensationalism before Darby**: Seventeenth-Century and Eighteenth-Century English Apocalypticism. Silverton: Lampion Press, LLC, 2015.

¹⁰⁰ OLSON, Roger E. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Vida, 2001. p. 571.

¹⁰¹ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 1107.

texto). A interpretação de Scofield veio a ser amplamente adotada nos círculos fundamentalistas. Em algumas igrejas, até se pode ouvir o farfalhar de muitas páginas sendo viradas simultaneamente, porque tantas pessoas levam a Bíblia de Scofield. Não é totalmente desconhecida a situação em que um pastor, para citar a localização de uma passagem, dá o número da página ao invés de citar o livro, capítulo e versículo!¹⁰²

Devemos dizer que o fato de dispensacionalismo ser recente não implica, necessariamente, que ele é falso. Mas esse é um argumento apresentado muitas vezes contra o dispensacionalismo. Robert Cameron, por exemplo, diz o seguinte sobre o pré-tribulacionismo dispensacionalista:

Agora, seja lembrado, que antes dessa data [1830], nenhum indício de qualquer aproximação a tal crença pode ser encontrado em qualquer literatura cristã de Policarpo em diante [...]. Certamente, uma doutrina que não encontra expoente ou defensor em toda a história e literatura da cristandade, por mil e oitocentos anos após a fundação da Igreja – uma doutrina que nunca foi ensinada por um Pai ou Doutor da Igreja no passado - que não teve nenhum comentarista padrão ou professor de língua grega em qualquer escola teológica até meados do século XIX para aprová-la, e que não tem amigo, mesmo para mencionar seu nome entre os professores ortodoxos ou as seitas heréticas da cristandade, uma doutrina tão órfã de pai e mãe, quando se levanta, exigindo aceitação universal, deveria sofrer cuidadoso escrutínio antes de ser admitida e tabulada como parte da “fé que uma vez por todas foi dada aos santos”. (Tradução nossa)¹⁰³

No entanto, esse argumento não é convincente. Pentecost comenta: “Se a mesma linha de raciocínio fosse seguida, por exemplo, não se aceitaria sequer a doutrina da justificação pela fé, pois ela não foi ensinada claramente até a Reforma.”¹⁰⁴ Além disso, embora a antiguidade seja um fator importante, o que realmente importa é se uma doutrina ou sistema teológico se sustenta bíblicamente. Nesse sentido, o critério não é a história, mas a Bíblia (e como veremos no capítulo seguinte, o arrebatamento pré-tribulacional da igreja possui um forte fundamento bíblico; na verdade, os dispensacionalistas afirmam que todo o seu sistema é bíblico!).

¹⁰² ERICKSON, 1991, p. 95.

¹⁰³ “Now, be it remembered, that prior to that date, no hint of any approach to such belief can be found in any Christian literature from Polycarp down... Surely, a doctrine that finds no exponent or advocate in the whole history and literature of Christendom, for eighteen hundred years after the founding of the Church—a doctrine that was never taught by a Father or Doctor of the Church in the past—that has no standard Commentator or Professor of the Greek language in any Theological School until the middle of the Nineteenth century, to give it approval, and that is without a friend, even to mention its name amongst the orthodox teachers or the heretical sects of Christendom such a fatherless and motherless doctrine, when it rises to the front, demanding universal acceptance, ought to undergo careful scrutiny before it is admitted and tabulated as part of the faith once for all delivered unto the saints.” CAMERON, Robert. **Scriptural truth about the Lord's return**. New York: Fleming H. Revell Company, 1922. p. 72-73. Tradução nossa.

¹⁰⁴ PENTECOST, 1998, p. 192.

O dispensacionalismo clássico e revisado se desenvolveu durante o século XX e continuam surgindo obras que aprofundam os detalhes estabelecidos pelos autores mais antigos. No entanto, os autores do século passado deram forma ao que é comumente entendido como dispensacionalismo e nós faremos uso de várias obras clássicas do dispensacionalismo clássico e revisado. Mais recentemente, a partir de 1980, como vimos acima, surgiu o dispensacionalismo progressivo, que talvez não deva ser chamado de dispensacionalismo, pois vários pilares do dispensacionalismo clássico e revisado foram questionados e novas interpretações propostas. No entanto, essa é uma questão que está além da nossa pesquisa neste momento, mas, como veremos no capítulo 4, a Assembleia de Deus no Brasil está alinhada com o dispensacionalismo clássico e revisado.

2.2 OBJEÇÕES AO DISPENSACIONALISMO

Não podemos tratar de todas as objeções ao dispensacionalismo e a tradição dispensacionalista. Uma objeção já foi apresentada acima, que é a objeção histórica, isto é, que o dispensacionalismo é recente. Como respondemos acima, essa objeção não é tão importante como aqueles que a fazem pensar. O que realmente importa é se um sistema teológico ou uma interpretação particular pode ser sustentada bíblicamente e é nossa convicção que o dispensacionalismo possui uma teologia essencialmente bíblica e conservadora.

Muitas das objeções ao dispensacionalismo são, na verdade, caricaturas e distorções. Elas partem, muitas vezes, de uma compreensão equivocada sobre algum aspecto da tradição dispensacionalista. Por exemplo, que o dispensacionalismo diminui o valor da cruz. Allis, por exemplo, afirma que “[...] a questão levantada pela interpretação dispensacional [...] é da maior importância. [...], Poderiam os homens poderiam ter sido salvos sem a cruz?” (Tradução nossa).¹⁰⁵ No entanto, Ryrie comenta:

Não se pode dizer com ênfase exagerada que o dispensacionalismo não ensinou nem o ensina o que se diz ou deixa implícito [em citações como essa] [...]. A objeção antidispenacionalista é baseada estrita e unicamente naquilo que ele espera convencer as pessoas quanto ao que dizem os dispensacionalistas, ou o que ele desejaria que eles dissessem. *Mas não é baseada em citações de escritos dispensacionalistas.* Os dispensacionalistas

¹⁰⁵ “[...] the question raised by the Dispensational interpretation [...] is of the greatest moment. [...], Could men have been saved without the Cross? ALLIS, 1945, p. 75.

não dizem que o conceito de reino posposto torna teoricamente desnecessária a cruz [...].¹⁰⁶

Alguns acusam o dispensacionalismo de ser uma “heresia”. John Gerstner afirmou que o dispensacionalismo está vinculado a “falsos mestres” e “hereges”.¹⁰⁷ No entanto, declarações como essa mostram apenas que tais pessoas não compreenderam que o dispensacionalismo é um sistema teológico conservador e que afirma todas as doutrinas centrais da fé cristã. Além disso, elas não reconhecem que há diversidade de sistemas teológicos conservadores igualmente válidos e que todos procuram ser fieis à Bíblia.

O dispensacionalismo não é uma heresia, mas um sistema teológico que oferece respostas coerentes e bíblicamente fundamentadas. Não é necessário concordar com o sistema dispensacionalista, mas é imprescindível ser honesto e irônico no diálogo para com aqueles que discordamos. O debate é entre cristãos que procuram honrar a palavra de Deus, compreende-la fielmente e comunicar aos seres humanos toda a sabedoria e grandeza do propósito de Deus para a humanidade.

2.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo tratamos do dispensacionalismo e da tradição dispensacionalista, apresentado as características comuns da tradição dispensacionalista e as sete dispensações. Em nossa avaliação, o dispensacionalismo progressivo está a um passo do pré-milenismo aliancista. Sua perspectiva rompe com vários aspectos centrais do dispensacionalismo clássico e revisado. Além disso, afirmamos que o dispensacionalismo é um sistema teológico conservador e que procurar honra a Bíblia. Certamente o dispensacionalismo é mais amplo que a escatologia, mas esta é uma das partes mais distintivas do dispensacionalismo.

No próximo capítulo apresentamos a fundamentação bíblico-teológica do arrebatamento (pré-tribulacional) da igreja. No entanto, parece que precisamos das premissas dispensacionalistas para compreender adequadamente as passagens

¹⁰⁶ RYRIE, 2004, p. 181.

¹⁰⁷ GERSTNER, John H. **Wrongly dividing the word of truth: a critique of dispensationalism.** Brentwood: Wolgemuth & Hyatt, Publishers, 1991. p. 262.

bíblicas que tratam do arrebatamento da igreja e da segunda vinda em glória após a grande tribulação.

3 FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA DO ARREBATAMENTO DA IGREJA

Neste capítulo tratamos da fundamentação bíblico-teológica do arrebatamento (pré-tribulacional) da igreja. Analisamos, inicialmente, a passagem de Daniel 9.24-27, no Antigo Testamento, e as passagens de João 14.1-4, 1 Tessalonicenses 4.13-18; 5.1-11; 2 Tessalonicenses 2.1-12; 1 Coríntios 15.50-58 e Apocalipse 3.7-13, no Novo Testamento. Em seguida apresentamos argumentos de natureza mais teológica, embora sempre consideremos a respectiva fundamentação bíblica.

3.1 ANTIGO TESTAMENTO (DANIEL 9.24-27)

— Setenta semanas estão determinadas para o seu povo e para a sua santa cidade, para acabar com a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos. Saiba e entenda isto: desde que foi dada a ordem para restaurar e para edificar Jerusalém até a vinda do Ungido, o Príncipe, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas. As ruas e as muralhas serão reconstruídas, mas será um tempo de muita angústia. Depois das sessenta e duas semanas, o Ungido será morto e não terá nada. O povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário. O seu fim virá como uma inundação. Até o fim haverá guerra, e desolações foram determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana. Na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de cereais. Sobre a asa das abominações virá aquele que causa desolação, até que a destruição, que está determinada, seja derramada sobre ele.¹⁰⁸

A profecia de Daniel 9.24-27 é fundamental para a escatologia bíblica e estabelece que a nação de Israel é a chave para a interpretação da profecia. Ela provavelmente é a passagem mais difícil de interpretar em todo o Antigo Testamento.¹⁰⁹ James Montgomery chegou a afirmar o seguinte sobre ela a quase um século: “A história da exegese das 70 Semanas é o Pântano Sombrio da crítica do AT.” (Tradução nossa).¹¹⁰ A situação não mudou deste então e o Pântano Sombrio “racionalista” permanece.

¹⁰⁸ Todas as citações bíblicas que realizamos são da Nova Almeida Atualizada.

¹⁰⁹ TANNER, J. Paul. **Daniel**: Evangelical Exegetical Commentary. Bellingham: Lexham Press, 2020. p. 543.

¹¹⁰ “The history of the exegeses of the 70 Weeks is the Dismal Swamp of O. T. criticism.” MONTGOMERY, James A. **A critical and exegetical commentary on the book of Daniel**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1927. p. 400.

A primeira dificuldade relaciona-se com a datação do livro de Daniel. As tradições judaica e cristã atribuem consistentemente a autoria do livro ao profeta Daniel, que teria escrito o livro na última parte do século VI a.C. A pesquisa conversadora do Antigo Testamento segue afirmando a autoria daniélica do livro. A pesquisa crítica do Antigo Testamento, por sua vez, afirma que o livro de Daniel, especialmente as visões dos capítulos 7-12, são datadas “[...] acima de dúvida pela pesquisa crítica [...]”¹¹¹ no segundo século a.C. e, portanto, “[...] referem-se claramente à perseguição de Antíoco Epífanes.”¹¹² No entanto, nós assumimos que o livro de Daniel foi escrito pelo profeta Daniel na última parte do século VI a.C.¹¹³

Além disso, parece que um dos motivos para rejeitar a autoria daniélica do livro relaciona-se à ideia de que a profecia preditiva não é possível. Por exemplo, W. Towner, em seu comentário sobre a visão de Daniel 8, afirma que:

Precisamos assumir que a visão como um todo é uma profecia posterior ao fato. Por que? Porque os seres humanos são incapazes de prever com precisão eventos futuros com séculos de antecedência e dizer que Daniel poderia fazê-lo, mesmo com base numa revelação simbólica que lhe foi concedida por Deus e interpretada por um anjo, é insulta as certezas natureza humana. Portanto, o que temos não é, na verdade, um roteiro do futuro estabelecido no século VI a.C., mas uma interpretação dos acontecimentos da época do próprio autor, 167-164 a.C. [...]. (Tradução nossa).¹¹⁴

Certamente o ser humano não pode prever o futuro, mas Towner “[...] desconsidera o poder de Deus de falar de forma preditiva e, de fato, sem erro, por meio da agência humana pecadora.” (Tradução nossa).¹¹⁵ O Deus da Bíblia é onisciente, o que significa que Ele conhece todas as coisas, incluindo o passado, o presente e o futuro. Além disso, a ideia de *vaticinium ex eventu* em nossa opinião não é condizente com a afirmação da inspiração e inerrância da Bíblia, especialmente

¹¹¹ COLLINS, John Joseph. **A imaginação apocalíptica**: uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010. p. 136.

¹¹² COLLINS, 2010, p. 137.

¹¹³ Uma excelente defesa da autoria e datação conversadora de Daniel é encontrada em: TANNER, 2020, p. 71-80.

¹¹⁴ “We need to assume that the vision as a whole is a prophecy after the fact. Why? Because human beings are unable accurately to predict future events centuries in advance and to say that Daniel could do so, even on basis of a symbolic revelation vouchsafed to him by God and interpreted by angel, is to fly in the face of the certainties of human nature. So what we have is in fact not a road map of the future laid down in the sixth century B. C. but na interpretation of the events of the author’s own time, 167-164 B.C. [...]” TOWNER, W. Sibley. **Daniel**. Atlanta: John Knox Press, 1984. p. 115.

¹¹⁵ “[...] discounts the power of God to speak predictively and, indeed, without error through sinful human agency.” LONGMAN, Tremper; DILLARD, Raymond B. **An introduction to the Old Testament**. 2. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006. p. 375.

quando consideramos que Jesus Cristo fez referências as predições de Daniel como sendo futuras (Mc 13.14 par.).

A segunda dificuldade relaciona-se à seguinte pergunta: a passagem é ou não messiânica? A interpretação messiânica é rejeitada pela pesquisa crítica e até mesmo por alguns estudiosos evangélicos. Por exemplo, o evangélico Thomas McComiskey afirma que o “ungido” do versículo 25 é Ciro e que os versículos 26 e 27 são uma profecia da queda do anticristo, que seria tanto o “ungido” do versículo como o “príncipe que há de vir” do versículo 27.¹¹⁶ No entanto, há bons argumentos para que compreendamos a passagem de modo messiânico¹¹⁷ e que o “Ungido” (Messias) seja identificado com o “filho do homem” de Daniel 7.¹¹⁸ É nessa perspectiva que compreendemos a passagem.

A terceira dificuldade relaciona-se a interpretação de “semana’ (*šābûa*’) na passagem. A maioria dos estudiosos críticos e conservadores entende que “setenta semanas (*šābûim šibim*)” significa “semanas de anos”, ou seja, 490 anos.¹¹⁹ Alva McClain, por exemplo, comenta que o contexto da profecia exige setenta semanas de anos (por exemplo, observe Dn 9.1-2) e que semanas de dias (= 490 dias) são improváveis para os acontecimentos da profecia.¹²⁰ Mais controverso é se os 490 anos devem ser entendidos literal ou simbolicamente. A tradição dispensacionalista, especialmente o dispensacionalismo clássico e revisado, afirma que os 490 anos da profecia são literais. McClain e Pentecost, por exemplo, argumentam que o ano nas passagens proféticas é composto de 360 dias.¹²¹

No geral, o dispensacionalismo clássico e revisado entende que os 490 anos começam com a autorização de Ataxerxes em 444/445 a.C. para que Neemias reconstrua Jerusalém (Ne 2.5) e que as primeiras 469 semanas (= 483 anos) completam-se com a entrada triunfal de Jesus de Cristo em Jerusalém.¹²² Considerando alguns detalhes cronológicos, Scofield observa em qualquer situação “[...] somos levados ao tempo de Cristo. (Tradução nossa).¹²³

¹¹⁶ MCCOMISKEY, Thomas E. The Seventy “Weeks” of Daniel against the Background of Ancient Near Eastern. *Westminster Theological Journal*, Glenside v. 47, n. 1, p. 18-45, 1985.

¹¹⁷ TANNER, 2020, p. 552-556 (como bibliografia substancial).

¹¹⁸ TANNER, 2020, p. 556.

¹¹⁹ TANNER, 2020, p. 545.

¹²⁰ MCCLAIN, Alva J. **Daniel's prophecy of the seventy weeks**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1966. p. 15.

¹²¹ MCCLAIN, 1966, p. 16-17; PENTECOST, 1998, p. 266.

¹²² PENTECOST, 1998, p. 266-268.

¹²³ “[...] we are brought to time of Christ.” SCOFIELD, 1917, p. 915,

A tradição dispensacionalista comumente afirma que há um intervalo entre a sexagésima nova e a septuagésima semana. Pentecost observa, em nossa opinião adequadamente:

- 1) Tal intervalo é encontrado em vários trechos das Escrituras. [...]. A profecia não pode ter um cumprimento literal se não existirem parênteses nos grandes planos proféticos, pois em muitas profecias os acontecimentos não são consecutivos. O intervalo da profecia de Daniel está de acordo com o princípio estabelecido na Palavra de Deus.
- 2) Em segundo lugar, os acontecimentos de Daniel 9.26 necessitam de um intervalo. Dois grandes acontecimentos ocorrem após a sexagésima nona semana e antes da septuagésima semana: a morte do Messias e a destruição da cidade e do templo em Jerusalém. Esses dois acontecimentos não ocorreram na septuagésima semana, pois esta não nos é introduzida até o v. 27, mas num intervalo entre a sexagésima nona e a septuagésima semana. Será observado que a morte do Messias ocorreu apenas alguns dias depois do término da sexagésima nona semana, mas a destruição da cidade e do templo não se realizou até o ano 70 d.C, ou cerca de quarenta anos depois do término da sexagésima nona semana. Se alguns dias de intervalo são permitidos, não é difícil admitir a possibilidade de um intervalo de quarenta anos. Se um intervalo de quarenta anos é permitido, não é difícil ver que o intervalo pode estender-se pela presente era.
- 3) Em terceiro lugar, o ensinamento do Novo Testamento de que Israel foi deixado de lado (Mt 23.37-39) até a restauração do trato de Deus exige um intervalo entre as últimas duas semanas. Se a septuagésima semana já foi cumprida, as seis bênçãos prometidas deveriam, semelhantemente, ter sido cumpridas para Israel. Nenhuma delas foi experimentada pela nação. Como a igreja não é Israel, não pode cumpri-las agora. Visto que Deus cumprirá literalmente o que prometeu, Ele deve honrar essas coisas com a nação. Vê-se, portanto, que deve haver um intervalo entre sua rejeição e a consumação dessas promessas.
- 4) Em quarto lugar, já que todas as bênçãos prometidas estão associadas à segunda vinda de Cristo (Rm 11.26,27), se não houvesse intervalo, o Senhor teria voltado três anos e meio ou sete anos depois de Sua morte para cumprir as promessas. Como o Seu retorno ainda é aguardado, deve haver um intervalo entre as últimas duas semanas da profecia.
- 5) Finalmente, ao lidar com a profecia, o Senhor prevê um intervalo. Mateus 24.15 faz referência à vinda do "abominável da desolação", e esse é um sinal para Israel de que a grande tribulação se aproxima (Mt 24.21). Mesmo nessa hora, porém, há esperança, pois "logo em seguida à tribulação daqueles dias [...] verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória" (Mt 24.29,30). Desse modo, o Senhor coloca a septuagésima semana de Daniel no final dos tempos imediatamente antes de Seu segundo advento à terra. Associando isso a Atos 1.6-8, vemos que toda era de duração indeterminada estará interposta entre a sexagésima nona e a septuagésima semana da profecia. A única conclusão deve ser que os acontecimentos da septuagésima semana ainda não foram cumpridos e aguardam cumprimento literal futuro.¹²⁴

Portanto, no geral, para a tradição dispensacionalista o "parêntese" entre a sexagésima nova e a septuagésima semana compreende a era da igreja, a dispensação da graça, de modo que assim como as primeiras 69 semanas

¹²⁴ PENTECOST, 1998, p. 270-272.

relacionam-se a Israel, a última semana também o será. A septuagésima semana (= 7 anos) refere-se à grande tribulação, que começa com o arrebatamento da igreja e prossegue até a vinda em glória de Jesus Cristo e compreende os grandes acontecimentos dos capítulos 6 a 19 de Apocalipse.¹²⁵ A igreja é arrebatada antes da grande tribulação porque a grande tribulação não diz respeito a ela, mas a Israel, “[...] [o] tempo de angústia para Jacó [...]” (Jr 30.7).

[...] as Escrituras ensinam uniformemente que a tribulação é um prelúdio para a restauração e exaltação de Israel no reinado milenar, e também a fase final da dominação mundial gentílica, terminando com sua completa destruição na segunda vinda de Cristo.¹²⁶

A setenta semana da profecia de Daniel são fundamentais para a interpretação do Novo Testamento. McClain comenta:

[...] estou convencido de que nas previsões das Setenta Semanas temos a chave cronológica indispensável para todas as profecias do Novo Testamento. O grande discurso profético de nosso Senhor registrado em Mateus e Marcos fixa o tempo do maior e final problema de Israel definitivamente dentro dos dias da septuagésima semana da profecia de Daniel (Dn 9:27; Mt 24:15-22; Mc 13:14-22). 20). E a maior parte do Livro do Apocalipse é simplesmente uma expansão da profecia de Daniel dentro da estrutura cronológica delineada pela mesma septuagésima semana, que é dividida em dois períodos iguais, cada um se estendendo por 1.260 dias, ou 42 meses, ou 3^{1/2} anos (Ap 11:2-3; 12:6, 14; 13:5). Portanto, à parte uma compreensão dos detalhes das Setenta Semanas de Daniel, todas as tentativas de interpretar a profecia do Novo Testamento falharão em grande parte. (Tradução nossa).¹²⁷

Além disso, ele observa que a profecia das setenta semanas de Daniel evidencia a veracidade da Bíblia, pois as primeiras 69 semanas cumpriram-se literalmente. Somente Deus seria capaz de prever com séculos de antecedência os acontecimentos da profecia, o quais foram cumpridos literalmente em relação as 69

¹²⁵ MCCLAIN, 1966, p. 45-47.

¹²⁶ WALVOORD, 2021, p. 75.

¹²⁷ “[...] I am convinced that in the predictions of the Seventy Weeks, we have the indispensable chronological key to all New Testament prophecy. Our Lord's great prophetic discourse recorded in Matthew and Mark fixes the time of Israel's final and greatest trouble definitely within the days of the Seventieth Week of Daniel's prophecy (Dan. 9:27; Matt. 24:15-22; Mark 13:14- 20). And the greater part of the Book of Revelation is simply an expansion of Daniel's prophecy within the chronological framework as outlined by the same Seventieth Week, which is divided into two equal periods, each extending for 1260 days, or 42 months, or 3^{1/2} years (Rev. 11:2-3; 12:6, 14; 13:5). Therefore, apart from an understanding of the details of the Seventy Weeks of Daniel, all attempts to interpret New Testament prophecy must fail in large measure.” MCCLAIN, 1966, p. 6-7.

semanas.¹²⁸ Isso evidencia que a septuagésima semana também será literalmente cumprida.

Queremos concluir nosso comentário sobre Daniel 9.24-27 com as palavras de Walvoord, que com razão diz com o seguinte:

A interpretação desta passagem depende em grande parte se o intérprete é um liberal que nega a realidade da profecia, um amilenista conservador que reconhece a legitimidade da profecia, mas nega que ela deva ser interpretada literalmente, ou um pré-milenista que procura uma interpretação literal da passagem. (Tradução nossa).¹²⁹

3.2 NOVO TESTAMENTO

3.2.1 João 14.1-4

— Que o coração de vocês não fique angustiado; vocês creem em Deus, creiam também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu já lhes teria dito. Pois vou preparar um lugar para vocês. E, quando eu for e preparar um lugar, voltarei e os receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, vocês estejam também. E vocês conhecem o caminho para onde eu vou.

João 14.1-4 é a única passagem dos evangelhos que indica claramente o arrebatamento. Walvoord observa que

Há um grande contraste entre essa revelação e a de Mateus 24.27-30, na qual a segunda vinda de Cristo é descrita como um evento glorioso, semelhante ao relâmpago que sai do oriente e se mostra no ocidente. Em Jo 14.1-3, ao invés de Cristo descrever uma vinda dos céus para a terra, ele descreve uma vinda para os seus discípulos, para leva-los à casa do Pai. Em contraste aos esforços pós-tribulacionistas de localizar o arrebatamento em Mateus 13 ou Mateus 24-25, o esforço aqui é o de eliminar a referência ao arrebatamento, pois isso contradiz seu ponto de vista.¹³⁰

Por exemplo, o pós-tribulacionista Robert Gundry, em um livro clássico dessa perspectiva, comenta que nessa passagem não há referência ao arrebatamento, mas que se trata de “[...] *moradas espirituais dentro de Sua própria pessoa*” [...] como consequência de “[...] estarem em Cristo, em que cada crente já tem uma morada.”

¹²⁸ MCCLAIN, 1966, p. 5.

¹²⁹ “*Interpretation of this passage depends largely on whether the interpreter is a liberal who denies the reality of prophecy, a conservative amillenarian who recognizes the legitimacy of prophecy but denies that it is to be interpreted literally, or premillennialist who attests a literal interpretation of the passage.*” WALVOORD, John F. **Major Bibles prophecies**: 37 crucial prophecies that affect you today. Grand Rapids: Zondervan, 1991. p. 166.

¹³⁰ WALVOORD, 2021, p. 232.

(Tradução nossa).¹³¹ Outro pós-tribulacionista, Douglas Moo, mais acertadamente, reconhece que João 14.1-4 se refere ao arrebatamento, mas conclui que “[...] João 14.1-4 não oferece nenhuma indicação do momento do Arrebatamento.” (Tradução nossa).¹³²

Em primeiro lugar, concordamos com Moo que não há indicação *explícita* do tempo do arrebatamento, isto é, se é antes ou após a grande tribulação. No entanto, os pós-tribulacionistas (e todos os não pré-tribulacionistas) não reconhecem as diferenças entre as passagens que tratam do arrebatamento e da vinda depois da grande tribulação. Nas passagens que tratam da segunda vinda em glória há sinais ou eventos específicos que a sinalizam, como, por exemplo, demonstram Mateus 24.4-28 e Apocalipse 19.11-21).

Por outro lado, não há menção a quaisquer sinais ou eventos que precedem o Arrebatamento da igreja em *qualquer* uma das passagens do Arrebatamento. A questão parece ser que o crente antes deste evento deve procurar, não algum sinal, mas o Senhor do céu. Se o Arrebatamento fizesse parte do complexo de eventos que compõem o Segundo Advento, e não fosse distinto dele, então esperaríamos que houvesse uma menção de sinais ou eventos em pelo menos uma passagem. (Tradução nossa)¹³³

Em segundo lugar, os pós-tribulacionistas afirmam que a igreja será arrebatada para encontrar Jesus Cristo e em seguida retornar à terra. João 4.3 deixa explícito que Jesus Cristo levará os crentes para a casa de “meu Pai” (v. 2a), onde Ele está: “Jesus fala de Deus como seu Pai num sentido especial, e a casa de seu Pai é também a

¹³¹ Citamos aqui o trecho completo: “In order to console the disciples concerning His going away, Jesus tells them that His leaving will work to their advantage. He is going to prepare for them *spiritual abodes within His own person*. Dwelling in these abiding places they will belong to God’s household. This He will accomplish by going to the cross and then ascending to the Father. But He will return to receive the disciples into His immediate presence forever. Thus, the rapture will not have the purpose of taking them to heaven. It rather follows from their being in Christ, in whom each believer already has an abode.” GUNDRY, Robert H. **The Church and tribulation: a biblical examination of posttribulationism**. Grand Rapids: Zondervan, 1973. p. 233.

¹³² “[...] *John 14:1-4 offers no indication at all of the time of the Rapture.*” MOO, Douglas J. The case for the posttribulation rapture position. In: ARCHER, Gleason L., Jr. et al. **Three views on the Rapture: pre-, mid-, or post-Tribulation?** Grand Rapids: Zondervan, 1996. p. 169.

¹³³ “*On the other hand, there is no mention of any signs or events that precede the Rapture of the church in any of the Rapture passages. The point seems to be that the believer prior to this event is to look, not for some sign, but the Lord from heaven. If the Rapture was a part of the complex of events that make up the Second Advent, and not distinct from it, then we would expect that there would be a mention of signs or events in at least one passage.*” FEINBERG, Paul D. The case for the pretribulation rapture position. In: ARCHER, Gleason L., Jr. et al. **Three views on the Rapture: pre-, mid-, or post-Tribulation?** Grand Rapids: Zondervan, 1996. p. 80.

sua, para a qual ele agora retorna através da morte.” (Tradução nossa).¹³⁴ Casa do Pai indica o céu, o lugar da habitação de Deus.¹³⁵ Portanto, João 14.1-4 mostra que Jesus Cristo voltará para levar os crentes para o céu, “[...] um evento totalmente diferente da vinda de Cristo à Terra para estabelecer seu reinado.”¹³⁶

3.2.2 1 Tessalonicenses 4.13-18

Irmãos, não queremos que vocês ignorem a verdade a respeito dos que dormem, para que não fiquem tristes como os demais, que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, na companhia dele, os que dormem. E, pela palavra do Senhor, ainda lhes declaramos o seguinte: nós, os vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, de modo nenhum precederemos os que já morreram. Porque o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolem uns aos outros com estas palavras.

1 Tessalonicenses, “[...] que provavelmente foi a primeira epístola que Paulo escreveu, contribui mais para a doutrina do arrebatamento do que qualquer outro livro do Novo Testamento.”¹³⁷ O arrebatamento é mencionado diversas vezes na epístola. Por isso, antes de tratar de 4.13-18, que é a principal passagem, comentaremos brevemente sobre as outras que ocorrem anteriormente, pois elas contribuem para a compreensão de 4.13-18.

Logo no começo, no final da ação de graças (1.2-10),¹³⁸ Paulo afirma que os tessalonicenses se converteram a Deus, o Deus vivo e verdadeiro, para servi-Lo “e para aguardar dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira vindoura” (v. 10). “Ira” (*orgēs*) refere-se ao período imediatamente anterior ao reinado do Messias na terra, a fase inicial do Dia do Senhor, quando Deus irá afligir os habitantes da terra com uma série de tormentos físicos sem

¹³⁴ “Jesus speaks of God as his Father in a special sense, and his Father’s home is also his own, to which he is now returning through death.” BARRETT, C. K. **The Gospel According to St. John: An Introduction with Commentary and notes on the Greek Text.** 2. ed. London: SPCK, 1978. p. 456.

¹³⁵ HOLWERDA, David Earl. **The Holy Spirit and Eschatology in the Gospel of John: A Critique of Rudolf Bultmann’s Present Eschatology.** Kampen: Kok, 1959. p. 20, n. 52; CARSON, D. A. **The Gospel according to John.** Leicester: Inter-Varsity Press; Grand Rapids: Eerdmans, 1991. p. 489; MORRIS, Leon. **The Gospel of John.** rev. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1995. p. 567.

¹³⁶ WALVOORD, 2021, p. 232.

¹³⁷ WALVOORD, 2021, p. 235.

¹³⁸ HARVEY, John D. **Interpreting the Pauline Letters: An Exegetical Handbook.** Grand Rapids: Kregel Publications, 2012. p. 33.

paralelo devido à rejeição da Sua vontade.¹³⁹ Desse modo, Pentecost comenta: “[...] Paulo indica claramente que nossa expectativa não é a ira, mas a revelação do ‘Seu Filho dos céus’. Isso não poderia acontecer, a menos que o Filho fosse revelado antes da ira da septuagésima semana ser derramada sobre a terra.”¹⁴⁰ Os crentes não aguardam a ira de Deus e portanto, não devem teme-la. Ela é, na verdade, um incentivo à perseverança, pois a vinda de Jesus Cristo indica a libertação da igreja.

Em 2.19, Paulo diz: “Pois quem é a nossa esperança, ou alegria, ou a coroa em que nos gloriamos na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não é verdade que são vocês?” Aqui encontramos o primeiro uso do substantivo *parousia* nas cartas de Paulo. Se em 3.13 ele e os tessalonicenses aparecem juntos diante de Deus, “[...] aqui sua aparição é diante do Senhor Jesus, como se fosse ele quem julgaria o sucesso do ministério de Paulo”. (Tradução nossa).¹⁴¹ Provavelmente Paulo está se referindo ao “tribunal de Cristo” (2 Co 5.10; Rm 14.10¹⁴²), mas indica que a “[...] *parousia* não é simplesmente uma libertação da ira de Deus (1.10), mas positivamente um tempo de glória e regozijo.” (Tradução nossa).¹⁴³

Um pouco mais adiante, Paulo diz: “a fim de que o coração de vocês seja fortalecido em santidade, isento de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos” (3.13). Aqui temos a segunda ocorrência de *parousia* nas cartas de Paulo. Aqui no versículo 13 termina outra oração de Paulo pelos tessalonicenses e ele olha para quando a igreja estará na presença de nosso Deus e Pai, e isso ocorrerá “na vinda de nosso Senhor Jesus”. Provavelmente trata-se de outra menção ao tribunal de Cristo. Além disso, Paulo diz que a vinda de

¹³⁹ THOMAS, Robert L. 1 Thessalonians. In: LONGMAN, Tremper; GARLAND, David L (ed.). **The expositor’s Bible commentary**: 1 and 2 Thessalonians, 1 and 2 Timothy, Titus. rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006. Livro Digital.

¹⁴⁰ PENTECOST, 1998, p. 239.

¹⁴¹ “[...] *here their appearance is before the Lord Jesus, as though it is he who will judge the success of Paul’s ministry.*” MALHERBE, Abraham J. **The letters to the Thessalonians**: a new translation with introduction and commentary. New Haven; London: Yale University Press, 2000. p. 185-186.

¹⁴² A tradição manuscrita traz tanto “de Deus” quando “de Cristo” (como encontrado na ARC). A primeira recebe melhor apoio manuscrito e a substituição por “de Cristo” provavelmente ocorreu por influência de 2 Co 5.10. OMANSON, Roger L. **A Textual Guide to the Greek New Testament**: an adaptation of Bruce M. Metzger’s Textual commentary for the needs of translators. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006. p. 317.

¹⁴³ “[...] *parousia is not simply a deliverance from God’s wrath (1:10), but positively a time of glory and rejoicing.*” SHOGREN, Gary S. **1 and 2 Thessalonians**. Grand Rapids: Zondervan, 2012. p. 135.

Jesus Cristo ocorre “todos os seus santos”, que muito provavelmente é uma referência aos anjos¹⁴⁴ que o acompanharão durante o arrebatamento da igreja.

Em nenhuma dessas passagens Paulo menciona qualquer sinal ou evento que precede a vinda de Jesus Cristo para arrebatá-la e como 1.10 deixa evidente, o arrebatamento ocorre antes da “ira vindoura”. Além disso, essas passagens parecem deixar implícito que o arrebatamento é iminente e que ele conduz a igreja para estar diante de Deus, no “tribunal de Cristo”. Este está relacionado apenas aos crentes como o contexto de 2 Coríntios 5.10 demonstra.¹⁴⁵ Se 1 Coríntios 3.10-15 também se refere ao tribunal de Cristo, como parece ser o caso, temos evidência adicional para a presente interpretação.

Agora podemos ir para 4.13-18. Nessa passagem Paulo aborda um problema que surgiu na igreja de Tessalônica: o que acontecerá com aqueles que morreram em Jesus Cristo antes do arrebatamento? O contexto histórico implica que entre a fundação da igreja e o retorno de Timóteo (3.2-5), um ou mais membros da igreja morreram, o que ocasionou muita tristeza entre eles (v. 18). A natureza exata do que motivou o problema *teológico* entre os tessalonicenses é desconhecida e várias teorias foram propostas pelos estudiosos.¹⁴⁶ Em nossa opinião a melhor explicação ainda é a de que os tessalonicenses ainda não haviam compreendido plenamente as instruções de Paulo sobre a ressurreição e acreditaram que os mortos teriam desvantagens em relação aos vivos no momento do arrebatamento da igreja.¹⁴⁷

Paulo começa dizendo que não quer que os tessalonicenses “ignorem a verdade a respeito dos que dormem” (v. 13a). Isso indica que o assunto a ser tratado não era plenamente compreendido por eles e que o seu propósito era esclarecer a questão.¹⁴⁸ O assunto dizia respeito aos “que dormem”. A palavra “dormir” é um eufemismo para a morte e esta “[...] forma eufemística de falar sobre os mortos

¹⁴⁴ WANAMAKER, Charles A. **The Epistles to the Thessalonians**: a commentary on the Greek text. Grand Rapids: Eerdmans, 1990. p. 145; MALHERBE, 2000, p. 214; GREEN, Gene L. **The letters to the Thessalonians**. Grand Rapids, Eerdmans, 2002. p. 181.

¹⁴⁵ PENTECOST, 1998, p. 243. Ralph Martin, por exemplo, afirma: “A question arises as to whether this judgment in 5:10 is universal or is restricted to Christians. From earlier Pauline writings, it appears that there is a judgment intended for Christians”. MARTIN, Ralph P. **2 Corinthians**. 2. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2014. p. 270-271.

¹⁴⁶ Gene Green, por exemplo, discute seis teorias. GREEN, 2002, p. 213-215.

¹⁴⁷ Assim, por exemplo, MARSHALL, I. H. **I and II Thessalonians**. London: Marshall, Morgan & Scott, 1983. p. 120-122.

¹⁴⁸ Charles Wanamaker observa que a construção *de... peri tōn koimōmenōn* (literalmente, “e... a respeito de os que dormem”) “[...] suggests that the matter discussed in 4:13-18 was either raised in a communication from the Thessalonians or more probably by Timothy’s report regarding the situation that prevailed in Thessalonica.” WANAMAKER, 1990, p. 166-167.

aparece tanto em textos judaicos como cristãos e não implica nada sobre o estado intermediário.” (Tradução nossa).¹⁴⁹ O propósito de tratar o assunto é para que os tessalonicenses “não fiquem tristes como os demais, que não tem esperança” (v. 13b). Em contraste com os que não tem esperança em Deus, os cristãos de Tessalônica tem esperança tanto para si próprios como para aqueles que morreram.

A primeira razão (*gar* indica causa ou razão e pode ser traduzido como “de fato”) para a esperança está na confissão da ressurreição de Jesus Cristo (v. 15a.b): “Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou” (v. 15a). Os cristãos creem que Jesus Cristo morreu e ressuscitou e esta confissão constitui um dos fundamentos da pregação de Paulo. Além disso, a função da prótase aqui (a oração “se”) não é questionar se a morte e ressurreição de Jesus Cristo são verdadeiras, “[...] mas tirar uma conclusão – se a ressurreição é considerada verdadeira (e por definição um cristão acredita assim, 1.10), *então* o que se segue também é verdade.” (Tradução nossa).¹⁵⁰ O “então” (“assim”, NAA), indica o conteúdo da apódase: “assim também Deus, mediante Jesus, trará, na companhia dele, os que dormem” (v. 14b). Ou seja, a ressurreição dos crentes é um corolário da ressurreição de Jesus Cristo e os crentes serão ressuscitados para que estejam presentes no arrebatamento igreja. N. T. Wright comenta 4.14 “[...] é, na verdade, um resumo sucinto de praticamente todo 1 Coríntios 15.” (Tradução nossa).¹⁵¹ Além disso, a construção grega incomum é “[...] a afirmação reconfortante de que Deus não abandonou aqueles que morreram [...]” (Tradução nossa).¹⁵²

A segunda razão (observa novamente a conjunção *gar*) (vv. 15-17) para a esperança envolve uma “palavra do Senhor” (*logō kyriou*) (v. 15a). Duas questões principais dizem respeito a essa “palavra do Senhor”: qual é a sua fonte e o que nos versículos seguintes constitui a “palavra do Senhor”. Em relação à primeira questão, pode-se tratar de um ensino de Jesus Cristo não preservado nos evangelhos, pois não encontramos nenhum paralelo que esteja exatamente em conformidade com o

¹⁴⁹ “[...] euphemistic way of speaking about the dead appears in both Jewish and Christian texts and implies nothing about the intermediate state.” GREEN, 2002, p. 217. Ele menciona (n. 15): “Gen. 47:30; Deut. 31:16; 1 Kings 2:10; 11:43; Isa. 14:8; 43:17; Jer. 51:39; 2 Macc. 12:45; As. Mos. 1.15; 10.14; 1 Enoch 100.5; T. Joseph 20.4; John 11:11–14; Acts 7:60; 13:36; 1 Cor. 7:39; 11:30; 15:6, 18, 51; 2 Pet. 3:4.”

¹⁵⁰ “[...] if the resurrection is believed to be true (and by definition a Christian does so believe, 1:10), then what follows is also true.” SHOGREN, 2012, p. 181.

¹⁵¹ “[...] is, in fact, a succinct summary of virtually the whole of 1 Corinthians 15.” WRIGHT, N. T. **The resurrection of the Son of God**. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 2003. p. 218.

¹⁵² “[...] the comforting assertion that God had not abandoned those who had died [...]” MALHERBE, 2000, p. 276.

que é apresentado aqui ou mais provavelmente “[...] uma revelação direta à igreja através de um de seus profetas – o próprio Paulo ou possivelmente algum outro.” (Tradução nossa).¹⁵³ Em relação à segunda questão, consideramos que tudo o que segue constitui a “palavra do Senhor” (expressada e provavelmente interpretada por Paulo).

A revelação divina, segundo Paulo, estabelece que os crentes que estiverem vivo até o arrebatamento da igreja (o terceiro emprego de *parousia* nas cartas de Paulo) (v. 15b) de nenhum modo precederão os que já morreram (v. 15c). Em outras palavras, os crentes vivos não serão arrebatados antes dos que morreram em Jesus Cristo. Paulo é muito enfático aqui ao usar a dupla negação *ou mē* com o subjuntivo aoristo (*phthasōmen*):¹⁵⁴ não há possibilidade de vantagem dos vivos sobre os mortos no momento do arrebatamento. Desse modo, a palavra do Senhor resolve o problema *teológico* dos tessalonicenses.

Antes de prosseguir é preciso dizer algumas palavras sobre o substantivo *parousia*, cuja tradução geralmente é “vinda” quando indica o evento da segunda vinda de Jesus Cristo. Ladd, por exemplo, argumenta que o

[...] vocabulário usado para a volta de nosso Senhor não dá suporte à ideia de duas vindas de Cristo ou de dois aspectos de Sua vinda. Pelo contrário, fundamenta a opinião de que o regresso de Cristo será um evento glorioso único e indivisível. (Tradução nossa).¹⁵⁵

No entanto, discordamos de Ladd e outros que argumentam de modo semelhante.¹⁵⁶ Um estudo das palavras que tratam do arrebatamento e da segunda vinda em glória evidenciam somente que as mesmas palavras são empregadas indistintamente para as duas fases da segunda vinda de Jesus Cristo e que o contexto definirá a qual fase há referência. Desse modo, a palavra *parousia* não conduz necessariamente ao pós-tribulacionismo, da mesma forma que não é prova do pré-tribulacionismo.

¹⁵³ “[...] a direct revelation to the church through one of her prophets—Paul himself or possibly some other.” THOMAS, 2016, np.

¹⁵⁴ FRAME, James Everett. **A critical and exegetical commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1966. p. 173.

¹⁵⁵ “[...] vocabulary used of our Lord's return lends no support for the idea of two comings of Christ or of two aspects of His coming. On the contrary, it substantiates the view that the return of Christ will be a single, indivisible glorious event.” LADD, George E. **The Blessed Hope: A Biblical Study of the Second Advent and the Rapture**. Grand Rapids: Eerdmans, 1956. p. 56-57.

¹⁵⁶ GUNDRY, 1973, p. 55.

Com base na palavra do Senhor, Paulo revela como ocorrerá o arrebatamento e como os mortos cristãos ressuscitados terão precedência sobre os cristãos vivos. A conjunção *hoti* (“porque”, NAA) (v. 16^a) é causal e indica o fundamento do versículo 15b. O “Senhor mesmo” (Jesus Cristo) (onde o pronome *autos* é intensivo) (v. 16a) com um grito de comando (v. 16 b), que provavelmente é a ordem para que os mortos cristãos ressuscitem,¹⁵⁷ descerá dos céus (v. 16d). Concomitantemente há “voz do arcanjo”, que não é identificado, e a “trombeta de Deus” (v. 16c), que também devem conclamar os mortos (e os vivos) em Jesus Cristo para encontra-lo.

Então “os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (v. 16e). A palavra “primeiro” (*prōton*) indica que a ressurreição precede o arrebatamento.¹⁵⁸ Em seguida (*epeita*, “depois, NAA), os crentes que estiverem vivos (v. 17a) serão arrebatados juntamente com os cristãos ressuscitados (v. 17b). O verbo *harpagēsometha* (“seremos arrebatados”) é um *passivo divino*, pois é Deus quem reúne os crentes arrebatados.¹⁵⁹

O arrebatamento conduz à igreja “para o encontro com o Senhor nos ares” (v. 17c). Os pós-tribulacionistas argumentam que *apantēsin* (“encontro” tem o sentido técnico da literatura grega, isto é, quando um visitante importante era formalmente recebido por uma delegação de cidadãos para então retornar com ele à sua cidade. Desse modo, o termo indicaria que os crentes saem para encontrar o Senhor nos ares e, então, retornar com Ele para a terra.¹⁶⁰ Robert Thomas observa, no entanto, que

[...] o uso do substantivo na LXX, bem como as diferentes características do contexto presente (por exemplo, os cristãos sendo arrebatados em vez de avançarem por conta própria para encontrar o visitante) são suficientes para remover esta passagem de seu sentido técnico helenístico da palavra [...]. (Tradução nossa).¹⁶¹

Além disso, um encontro nos ares seria inútil a não ser que os crentes arrebatados continuem para o céu com Jesus Cristo, que saiu para encontra-los.¹⁶²

¹⁵⁷ WEIMA, Jeffrey A. D. **1-2 Thessalonians**. Grand Rapids: Baker Academic, 2014. p. 327.

¹⁵⁸ WANAMAKER, 1990, p. 174.

¹⁵⁹ SHOGREN, 2012, p. 188.

¹⁶⁰ LADD, 1956, p. 91.

¹⁶¹ “[...] usage of the noun in the LXX as well as differing features of the present context (e.g., Christians’ being snatched away rather than advancing on their own to meet the visitor) are sufficient to remove this passage from its technical Hellenistic sense of the word [...]” THOMAS, 2016, np.

¹⁶² Wanamacker escreve: “The expression εἰς ἀπάντησιν was a technical expression in Hellenistic Greek for the departure from a city of a delegation of citizens to meet an arriving dignitary in order to accord the person proper respect and honor by escorting the dignitary back to the city. Whether this technical application should then be taken in a literal sense in v. 17 to suggest that the Lord and

“E, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (v. 17d). A ressurreição e o arrebatamento são a maneira de os cristãos estarem para sempre com Jesus Cristo. Por isso, Paulo conclui dizendo: “Portanto, consolem uns aos outros com estas palavras” (v. 18).

1 Tessalonicenses 4.13-18 afirma, se estivermos corretos, que a igreja é conduzida para o céu após o arrebatamento. Além disso, novamente não há nenhuma menção a sinais ou eventos anteriores e a grande tribulação e, como comenta Walvoord, para “[...] oferecer algum conforto para eles, teriam de sobreviver à grande tribulação para então serem arrebatados, o que faz a afirmação de 1 Tessalonicenses 4.18 algo sem sentido se os pós-tribulacionistas estiverem certo.”¹⁶³

3.2.3 1 Tessalonicenses 5.1-11

Irmãos, no que se refere aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu lhes escreva. Porque vocês sabem perfeitamente que o Dia do Senhor vem como ladrão à noite. Quando andarem dizendo: “Paz e segurança”, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à mulher que está para dar à luz; e de modo nenhum escaparão.

Mas vocês, irmãos, não estão em trevas, para que esse Dia os apanhe de surpresa como ladrão. Porque vocês todos são filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas. Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios. Ora, os que dormem é de noite que dormem, e os que se embriagam é de noite que se embriagam. Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestindo-nos da couraça da fé e do amor e tomando como capacete a esperança da salvação. Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos em união com ele. Portanto, consolem uns aos outros e edifiquem-se mutuamente, como vocês têm feito até agora.

those with him will return to earth, as Marshall (131) conjectures, seems unlikely. Those who meet the Lord in the air (the space between the earth and the heavens in Jewish cosmology) are caught up in a heavenly ascent by the clouds without any indication that they then return to earth. Apart from the possible connotation that ἀπάντησις might have for a return to earth, the rest of the imagery (the clouds and being caught up to the Lord) are indicative of an assumption to heaven of the people who belong to Christ. That Paul adds his own definitive statement concerning the significance of this meeting in the clause καὶ οὕτως πάντοτε σὺν κυρίῳ ἔσόμεθα (“and thus we will always be with the Lord”) suggests that both dead and living Christians will return to heaven with the Lord, not only to enjoy continuous fellowship with him, but also, in terms of 1:10, to be saved from the coming wrath of God. The idea of a return to heaven is also supported by 1 Cor. 15:23f. According to this text the dead will be raised at the coming of Christ, and then will come the end when he will deliver his dominion to God after he has destroyed all rule, authority, and power. While it is always dangerous to press apocalyptic imagery and accounts too literally, this does imply that the return to heaven is necessary for Christ to render up his rule to God. That 1 Thes. 4:16f. has an assumption in mind is also confirmed by the statement in v. 14 that “God will lead those who sleep in Jesus with him.” Since they are to be taken up into the air to meet Jesus this can only refer to their being led to heaven with Jesus.” WANAMAKER, 1990, p. 175-176.

¹⁶³ WALVOORD, 2021, p. 248.

Em 1 Tessalonicenses 5.1-11 Paulo afirma que, diferentemente da ignorância sobre os mortos em Jesus Cristo (4.13), os tessalonicenses não precisam que ele lhes escreva sobre os “tempos e às épocas” escatológicas (v. 1), pois eles “sabem perfeitamente que o Dia do Senhor vem como ladrão à noite” (v. 3). O “dia do Senhor”, como observamos acima, será o derramamento da ira divina sobre a terra e compreende o período da septuagésima semana de Daniel. No entanto, como em 1.10, aqui Paulo deixa claro que “Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo” (v. 9). Portanto, a ira do não está relacionada com aqueles que foram salvos por Jesus Cristo, o quais o encontrarão nos ares no arrebatamento da igreja (4.17).

A vinda do dia Senhor, como Paulo anuncia nessa passagem, comenta Thomas

dificilmente pode ser inesperada e repentina sem ser iminente. Não pode ser inesperada e repentina se um evento profetizado for precedê-lo, removendo-o assim da categoria de inesperado e repentino; portanto, deve ser iminente, além de inesperado e repentino. (Tradução nossa).¹⁶⁴

Isso tem como corolário que para que o arrebatamento também seja iminente, ele deverá ser simultâneo ao início do dia do Senhor e o derramamento de Sua ira sobre terra, de modo que o dia Senhor trará a salvação para os crentes e o terrível julgamento para os incrédulos.¹⁶⁵ Portanto,

Paulo estava dizendo que o tempo do arrebatamento não pode ser determinado mais que o tempo do início do dia do Senhor; mas essa não é a preocupação dos crentes porque nossa designação não é para a ira do ia do Senhor, e sim para a nossa salvação em Cristo.¹⁶⁶

Além disso, devemos observar que Paulo mostra que os crentes foram designados à salvação, devem comportar-se de modo adequado, ou seja, com vigilância e sobriedade, como convém àqueles que pertencem à luz e ao dia, e não à noite e às trevas. Desse modo, a salvação da ira do dia do Senhor é “[...] uma

¹⁶⁴ “[...] can hardly be unexpected and sudden without being imminent. It cannot be unexpected and sudden if a prophesied event is to precede it, thereby removing it from the unexpected and sudden category; therefore, it must be imminent as well as unexpected and sudden.” THOMAS, 2016, np.

¹⁶⁵ THOMAS, 2016, np.

¹⁶⁶ WALVOORD, 2021, p. 264.

motivação para encorajar uma conduta religiosa e ética adequada entre os seus convertidos no presente.” (Tradução nossa).¹⁶⁷

3.2.4 2 Tessalonicenses 2.1-12

Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, pedimos que vocês não se deixem demover facilmente de seu modo de pensar, nem fiquem perturbados, quer por espírito, quer por palavra, quer por carta, como se procedesse de nós, dando a entender que o Dia do Senhor já chegou. Ninguém, de modo nenhum, os engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, apresentando-se como se fosse o próprio Deus. Vocês não lembram que eu costumava lhes dizer estas coisas, quando ainda estava com vocês? E, agora, vocês sabem o que o detém, para que ele seja revelado a seu tempo.

Porque o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém. Então será revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá pela manifestação de sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a ação de Satanás, com todo poder, sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que estão perecendo, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos. É por este motivo que Deus lhes envia a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça.

Em 2 Tessalonicenses 2.1-12 Paulo trata de outro problema *teológico* que surgiu na igreja de Tessalônica: provavelmente falsos mestres estavam afirmando que o “dia do Senhor” havia chegado (v.2). Paulo começa relacionando o arrebatamento da igreja (v.1) com o dia do Senhor (v. 2). Se o dia do Senhor realmente tivesse chegado, o arrebatamento não teria acontecido antes da grande tribulação. Por isso, Walvoord observa que isso indica que, além de ensinar que os cristãos já estavam no dia do Senhor, os falsos mestres afirmavam que a igreja passaria pela grande tribulação.¹⁶⁸ No entanto, a passagem “[...] claramente implica que Paulo havia ensinado a eles que não entrariam no dia do Senhor e que o arrebatamento viria antes da perseguição final aos santos.”¹⁶⁹ Desse modo, se Paulo estivesse ensinado o pós-tribulacionismo para os tessalonicenses, não haveria motivo para eles estarem perturbados e agitados, como o versículo 2 indica, pois a realidade do dia do Senhor indicaria que a segunda vinda de Jesus Cristo/arrebatamento estaria próxima.

¹⁶⁷ “[...] a motivation to encourage proper religious and ethical conduct among his converts in the present.” WANAMAKER, 1990, p. 179.

¹⁶⁸ WALVOORD. 2021, p. 283.

¹⁶⁹ WALVOORD. 2021, p. 283.

Paulo afirma aos tessalonicenses que o dia do Senhor não chegou, pois não houve ainda a “apostasia” e a revelação do “homem da iniquidade, o filho da perdição” (v. 3). Aqui é preciso fazer algum comentário que o advérbio “primeiro” (*prōton*), pois os pós-tribulacionistas comumente interpretam-no no sentido de que a apostasia e a revelação do homem da iniquidade precedem o dia do Senhor. Gundry, por exemplo: “Paulo diz não apenas que ‘o Dia do Senhor’ não chegará a menos que essa figura maligna seja ‘revelada’, mas também que ‘a apostasia’ que ele liderará contra toda divindade exceto a sua própria (afirmada falsamente, é claro) ‘vem primeiro’ (2 Tess. 2:1–4).” (Tradução nossa).¹⁷⁰ No entanto, como argumenta convincentemente Thomas, “primeiro” não se refere ao dia do Senhor, mas que a apostasia precede o homem da iniquidade durante o dia do Senhor.¹⁷¹

É interessante observar que alguns dispensacionalistas clássicos e revisados interpretaram “apostasia” (*apostasia*) como uma menção ao arrebatamento da igreja. Eles argumentaram que *apostasia* pode significar “partida, desaparecimento”, que é uma definição encontrada, por exemplo, léxico grego de Henry Liddel, Stuart Jones e Robert Scott.¹⁷² Desse modo, Paul Leen Tan diz:

O que exatamente Paulo quer dizer quando afirma que “a apostasia” (2:3) deve ocorrer antes da tribulação? O artigo definido “a” denota que este será um evento definido, um evento distinto do aparecimento do Homem do Pecado. A palavra grega para “apostasia”, considerada isoladamente, não significa apostasia ou deserção religiosa. A palavra também não significa “cair”, pois os gregos têm outra palavra para isso [...]. A melhor tradução da palavra é “partir”. O apóstolo Paulo refere-se aqui a um evento definido que ele chama de “a partida”, e que ocorrerá pouco antes do início da tribulação. Este é o arrebatamento da igreja. (Tradução nossa)¹⁷³

¹⁷⁰ “Paul says not only that ‘the Day of the Lord’ won’t arrive unless that evil figure ‘is revealed’ but also that ‘the apostasy’ which he will lead against all divinity except his own (claimed falsely, of course) ‘comes first’ (2 Thess. 2:1–4).” GUNDRY, Robert H. **First the Antichrist: Why Christ Won’t Come Before the Antichrist Does**. Grand Rapids: Baker, 1997. p. 20.

¹⁷¹ THOMAS, Robert L. 2 Thessalonians. In: LONGMAN, Tremper; GARLAND, David L (ed.). **The expositor’s Bible commentary: 1 and 2 Thessalonians, 1 and 2 Timothy, Titus**. rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006. Livro Digital.

¹⁷² LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert; JONES, Henry Stuart. **A Greek English lexikon**. Oxford: At the Clarendon Press, 1961. p. 218.

¹⁷³ “What precisely does Paul mean when he says that “the falling away” (2:3) must come before the tribulation? The definite article “the” denotes that this will be a definite event, an event distinct from the appearance of the Man of Sin. The Greek word for “falling away”, taken by itself, does not mean religious apostasy or defection. Neither does the word mean “to fall,” as the Greeks have another word for that. [ipto, I all; TDI] The best translation of the word is “to depart.” The apostle Paul refers here to a definite event which he calls “the departure,” and which will occur just before the start of the tribulation. This is the rapture of the church.” TAN, Paul Lee. **The interpretation of prophecy**. Winona Lake: Assurance Publishers, 1974. p. 341.

No entanto, a maioria dos dispensacionalistas entende que a evidência não é convincente para *apostasia* indicar o arrebatamento da igreja, mas que se refere à apostasia religiosa final que acompanhará a atividade do “homem da iniquidade, o filho da perdição” e, portanto, “[...] o clímax das crescentes tendências apóstatas antes do arrebatamento da igreja.” (Tradução nossa).¹⁷⁴ Um ensino semelhante é encontrado em outros lugares do Novo Testamento (Mt 24.11-12,24; 1 Tm 4.1-3; 3 Tm 3.1-5; 4.3-4; 2 Pe 2.1-22; 3.3-6; Jd 17-18)

Conforme Paulo, a manifestação do “homem da iniquidade, o filho da perdição”, que é identificado pela tradição dispensacionalista como o anticristo, está sendo detida (vv. 6-7). Muito já foi escrito sobre a identidade do detentor, que no texto emprego é referido por dois participios, um neutro (v. 6) e outro masculino (v. 7). A maioria dos dispensacionalistas clássicos e revistados entende que o detentor é o Espírito Santo e o gênero masculino não é obstáculo intransponível para essa interpretação, pois o masculino pode ser empregado por causa da personalidade do Espírito Santo e o neutro para concordar com gênero gramatical do substantivo *pneuma*, que é neutro (cf. Jo 14.26; 15.26; 16.13-14).¹⁷⁵

Portanto, com o arrebatamento da igreja a presença especial do Espírito Santo será removida abruptamente da mesma forma que ela começou no Pentecostes e ele atuará como nos tempos do Antigo Testamento,¹⁷⁶ e certamente não deixará de ser onipresente.¹⁷⁷ Até mesmo o pós-tribulacionista Gundry acredita que se trata do Espírito Santo.¹⁷⁸ Em consequência, Walvoord observa “[...] se esta retirada do Espírito Santo na igreja acontece antes de que o iniquo possa ser revelado, aponta para um evento que deve preceder a tribulação.”¹⁷⁹ Ele acrescenta: “[...] isso está dizendo que o arrebatamento precede a tribulação.”¹⁸⁰

Paulo acrescenta que “[...] o Senhor Jesus matará [o iniquo] com o sopro de sua boca e destruirá pela manifestação de sua vinda” (v. 8). Após a revelação e atuação do anticristo, Jesus Cristo virá pessoalmente em glória à terra para “destruí-lo” com o “sopro de sua boca” e “pela manifestação de sua vinda”. Desse modo, Ele

¹⁷⁴ “[...] *the climax of the increasing apostate tendencies prior to the rapture of the church.*” THOMAS, 2006, np.

¹⁷⁵ THOMAS, 2006, np.

¹⁷⁶ RYRIE, Charles C. Ryrie, **First and Second Thessalonians**. Chicago: Moody Press, 2001. p. 116.

¹⁷⁷ PENTECOST, 1998, p. 288.

¹⁷⁸ GUNDRY, 1973, p. 112-128.

¹⁷⁹ WALVOORD. 2021, p. 288.

¹⁸⁰ WALVOORD. 2021, p. 288.

interromperá o seu programa diabólico de engano ao mundo. Portanto, a vinda em glória de Jesus Cristo conclui o período da grande tribulação com a destruição do anticristo.¹⁸¹

3.2.5 1 Coríntios 15.50-58

Com isto quero dizer, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção.

Eis que vou lhes revelar um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita:

“Tragada foi a morte pela vitória.”

“Onde está, ó morte, a sua vitória?”

Onde está, ó morte, o seu aguilhão?”

O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

Portanto, meus amados irmãos, sejam firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o trabalho de vocês não é vão.

Se 1 Tessalonicenses 4.13-18, especialmente os versículos 16-17, “[...] constitui a descrição mais explícita dos eventos que cercam o retorno de Cristo encontrada em qualquer lugar dos escritos de Paulo e provavelmente também em todo o NT.” (Tradução nossa).¹⁸² O capítulo 15 de 1 Coríntios constitui o principal tratamento em todo o Novo Testamento sobre a ressurreição, onde Paulo “[...] desenvolve diversas imagens e usa vários termos técnicos, que não são encontrados em nenhum outro lugar.” (Tradução nossa).¹⁸³ Ao tratar da ressurreição, Paulo consequentemente trata do arrebatamento da igreja. Walvoord comenta que há uma estranha relutância de os pós-tribulacionistas lidarem com 1 Coríntios 14 e eles “[...] tem de lidar com ela, sobretudo para refutar qualquer possível uso desse texto pelos pré-tribulacionistas.”¹⁸⁴

O arrebatamento da igreja é introduzido no versículo 51: “Eis que vou lhes revelar um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados [...]”.

¹⁸¹ THOMAS, 2006, np.

¹⁸² “[...] constitutes the most explicit description of the events surrounding Christ’s return found anywhere in Paul’s writings and probably in the whole NT as well.” WEIMA, 2014, p. 325

¹⁸³ “[...] develops several images, and uses several technical terms, which are not found elsewhere.” WRIGHT, 2003, p. 277.

¹⁸⁴ WALVOORD. 2021, p. 292.

No versículo anterior, Paulo afirma que na sua presente forma o corpo não pode “herdar o Reino de Deus” e agora começa a tratar do “mistério” de que nem todos morrerão antes do arrebatamento da igreja, mas parece que ele quer ressaltar que “todos seremos transformados”, mortos e vivos para encontrar o Senhor Jesus Cristo nos ares (1 Ts 4.17). Visto que a sua ênfase está na transformação que todos os crentes experimentam, não há menção explícita ao arrebatamento da igreja e à ressurreição dos salvos. No entanto, está claro que está pensando no arrebatamento da igreja.¹⁸⁵

Paulo elucida que a transformação dos salvos ocorrerá “num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta” (v. 52). Ou seja, a transformação será instantânea.¹⁸⁶ Como em 1 Tessalonicenses 4.16c, Paulo também menciona uma trombeta, mas diz que é o ressoar da “última trombeta”. Alguns, especialmente os mesotribulacionistas identificam essa trombeta com a sétima trombeta de Apocalipse de 11.15. Há uma série de razões para não identificarmos essas trombetas:

1) A trombeta de 1 Coríntios 15.52, e com isso até o mesotribulacionista concorda, soa antes de a ira de Deus cair sobre a terra, ao passo que, conforme foi demonstrado, a cronologia de Apocalipse indica que a trombeta de Apocalipse 11.15 soa ao final do tempo da ira, pouco antes da segunda vinda. 2) A trombeta que convoca a igreja é chamada trombeta de Deus, ao passo que a sétima trombeta é a trombeta de um anjo. [...]. 3) A trombeta para a igreja é singular. Nenhuma outra trombeta a precedeu de modo que ela seja referida como a última de uma série. A trombeta que encerra a tribulação é claramente a última de uma série de sete. 4) Em 1 Tessalonicenses 4 a voz associada ao soar da trombeta convoca os vivos e os mortos e conseqüentemente é ouvida antes da ressurreição. No Apocalipse, embora seja mencionada uma ressurreição (11.12), a trombeta somente é tocada depois da ressurreição, mostrando assim que dois acontecimentos distintos estão em foco. 5) A trombeta de 1 Tessalonicenses introduz a bênção, a vida, a glória; a trombeta de Apocalipse, entretanto, introduz o julgamento contra os inimigos de Deus. 6) Na passagem de Tessalonicenses a trombeta soa "num momento, num abrir e fechar de olhos". Em Apocalipse 10.7 a indicação é que a sétima trombeta soará por um período prolongado de tempo, talvez durante os juízos que a ela estão associados, pois João fala de o anjo "começar a tocar". A duração desse toque também é prova da distinção entre as duas trombetas. 7) A trombeta de 1 Tessalonicenses é especificamente designada para a igreja. Uma vez que Deus está lidando com Israel em particular e com os gentios em geral, na tribulação, essa sétima trombeta, que se enquadra no período tribulacional, não poderia referir-se à igreja sem que se perdessem as distinções entre a igreja e Israel. 8) A passagem de Apocalipse retrata um gigantesco terremoto em que milhares de pessoas perdem a vida, e graças

¹⁸⁵ FEE, Gordon D. **The First Epistle to the Corinthians**. rev. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2014. p. 886.

¹⁸⁶ THISELTON, Anthony C. **The First Epistle to the Corinthians: a commentary on the Greek text**. Grand Rapids: Eerdmans, 2000. p. 1295.

ao qual o remanescente fiel adora a Deus, tomado de medo. Na passagem de Tessalonicenses nenhum terremoto é mencionado. Não haverá remanescente fiel deixado para trás no arrebatamento, experimentando os terrores de Apocalipse 11.13. Tal ponto de vista só poderia encaixar-se na posição parcialista do arrebatamento. 9) Embora a igreja venha a ser transladada por ocasião do arrebatamento, o galardão a ser oferecido aos "teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome" não pode ser identificado com aquele acontecimento. A recompensa mencionada em Apocalipse 11.18 acontece sobre a terra, quando da segunda vinda de Cristo, em seguida ao julgamento de Seus inimigos. Uma vez que a igreja é galardoada nos céus, em seguida ao arrebatamento, os dois acontecimentos devem ser diferentes.¹⁸⁷

Ao ressoar da última trombeta, "os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados (v. 52). Observe que há a mesma ordem de 1 Tessalonicenses 4.16-17. Paulo explica na sequência o argumento: "Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade" (v. 53). Ou seja, "[...] tanto os vivos como os mortos devem assumir corpos transformados a fim de entrarem na sua existência final, celestial." (Tradução nossa).¹⁸⁸

As qualidades que o corpo ressuscitado deve atingir são enfatizadas no par de contrastes. O fato de as qualidades de imperecibilidade e imortalidade serem indicadas por termos gregos que começam com um alfa privativo sugere que estas não são qualidades que pertencem ao ser perecível e mortal. Privado da imperecibilidade e da imortalidade, o corpo ressuscitado deve receber essas qualidades como um presente. (Tradução nossa).¹⁸⁹

1 Coríntios 15.50-58 reforça aquilo que encontramos em 1 Tessalonicenses. Não há menção a ressurreição dos não salvos. A ressurreição é exclusiva dos crentes em Jesus Cristo. Observe que isso é confirmado por 1 Coríntios 15.23: "Cada um, porém, na sua ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda." E o erro pós-tribulacionista (e de outras concepções escatológicas) consiste em tentar provar que todas as ressurreições ocorrem ao mesmo tempo. Walvoord comenta:

[...] aqui [1 Co 15] o arrebatamento é uma exortação para sermos fiéis, permanecermos firmes na nossa fé, não permitindo que nada nos demova, entregando-nos ao senhor do Senhor [1 Co 15.58].

¹⁸⁷ PENTECOST, 1998, p. 214-215.

¹⁸⁸ "[...] that both the living and the dead must assume transformed bodies in order to enter their final, heavenly existence." FEE, 2014, p. 888.

¹⁸⁹ "The qualities the risen body must attain are emphasized in the pair of contrasts. That the qualities of imperishability and immortality are indicated by Greek terms that begin with a privative alpha suggests that these are not qualities that belong to the perishable and mortal being. Deprived of imperishability and immortality, the risen body must receive these qualities as a gift." COLLINS, Raymond F. **First Corinthians**. Collegeville: The Liturgical Press, 1999. p. 581.

Os pós-tribulacionistas quase universalmente encobrem o fato óbvio desta exortação, ou seja, que os coríntios não foram de forma alguma avisados que este evento somente ocorre depois da grande tribulação. A implicação da passagem é que o arrebatamento é um evento iminente e que não há nada interferindo. Se a tese do arrebatamento pré-tribulacionista está correta, seria natural apresentar a doutrina dessa forma, sem entrar em detalhes sobre o que vai acontecer às pessoas que não serão arrebatadas. Se, por outro lado, a perspectiva da igreja for passar pela grande tribulação e outros eventos do fim dos tempos, isso seria visto como uma incumbência de Paulo afirmar claramente que a esperança do arrebatamento, necessariamente, deveria ser adiada até que eventos precedentes de cumpram.¹⁹⁰

3.2.5 Apocalipse 3.7-13

— Ao anjo da igreja em Filadélfia escreva:

“Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá.

Conheço as obras que você realiza. Eis que tenho posto diante de você uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar. Sei que você tem pouca força, mas guardou a minha palavra e não negou o meu nome.

Eis o que eu farei com alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que se declaram judeus e não são, mas mentem. Eis que farei com que venham até você, prostrem-se aos seus pés e reconheçam que eu amo você. Você guardou a palavra da minha perseverança. Por isso, também eu o guardarei da hora da prova que há de vir sobre o mundo inteiro, para pôr à prova os que habitam sobre a terra. Venho sem demora. Conserve o que você tem, para que ninguém tome a sua coroa.

Ao vencedor, farei com que seja uma coluna no santuário do meu Deus, e dali jamais sairá. Gravarei sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.”

Apocalipse 3.7-12 compreende a carta de Jesus Cristo ressurreto à igreja de Filadélfia. Ela contém uma clara referência ao arrebatamento da igreja no versículo 10. Até mesmo alguns pós-tribulacionistas concordam que é o arrebatamento que se está em vista aqui.¹⁹¹ No entanto, eles argumentam que a evidência indica que o arrebatamento é pós-tribulacional e muitos concordarão com Grant Osborne:

[...] o ponto é que a igreja de Filadélfia (identificada com todos os crentes fiéis aqui) será protegida da ira de Deus contra os incrédulos, mas não da ira de Satanás, e que essa proteção em meio a essa ira, e não uma remoção (como em um arrebatamento pré-tribulacional) dessa ira." (Tradução nossa).¹⁹²

¹⁹⁰ WALVOORD, 2021, p. 297-298.

¹⁹¹ LADD, 1956, p. 44.

¹⁹² “[...] the point is that the Philadelphia church (identified with all faithful believers here) will be protected from the wrath of God against the unbelievers but not from the wrath of Satan, and that this protection is within and not a removal from (as in a pretribulation rapture) that wrath.” OSBORNE, Grant R. **Revelation**. Grand Rapids: Baker Academic, 2002. p. 194.

Gundry relaciona Apocalipse 3.10 com João 17.15 e conclui que a preposição *ek* tem força local, indicando proteção “em meio à” provação.¹⁹³ Ele diz: “Como as coisas são, *ék* coloca toda ênfase no resultado final e vitorioso da proteção”. (Tradução nossa).¹⁹⁴ Outro pós-tribulacionista, Moo, afirma o seguinte: “Devemos concluir que Apocalipse 3.10 não nenhuma evidência clara a favor ou contra um Arrebatamento pós-tribulacional.” (Tradução nossa).¹⁹⁵

Apocalipse 3.10, em primeiro lugar, é uma promessa direcionada a toda igreja – a igreja universal, e não uma promessa circunscrita a igreja da Filadélfia.¹⁹⁶ Em segundo lugar, a maioria dos estudiosos conversadores concorda que “da hora da provação” (*tēs hōras tou peirasmou*) indica as provações do final dos tempos,¹⁹⁷ aquilo que chamamos de grande tribulação. Em terceiro lugar, o verbo “guardarei” (*tērēsō*) indica preservação e a preposição *ek* “[...] preservação após retirada do período.” (Tradução nossa).¹⁹⁸ Em nossa opinião devemos concordar com Jeffrey Townsend:

Este estudo de *ek* ao longo de sua história linguística, e especialmente seu uso no Novo Testamento, mostrou que a preposição às vezes pode indicar “posição externa” (enquanto outras vezes significa remoção “de dentro”). Em relação à interpretação de *tēreō ek* em Apocalipse 3.10, esta descoberta estabelece a posição pré-tribulacional como uma possibilidade gramatical genuína. Compreender *tēreō ek* como uma indicação de preservação em uma posição externa está dentro dos limites da história linguística e do uso de *ek*. (Tradução nossa).¹⁹⁹

Além disso, deve-se observar em João 17.15 está num contexto diferente: 1) em João 17.15 a preservação é do mal, mas em Apocalipse 3.10 é do julgamento que cairá sobre o mundo inteiro; 2) em João 17.15 os discípulos já encontravam no meio do mal, mas em Apocalipse 3.10 as pragas da grande tribulação anda são futuras; 3) em João 17.16b, o reino espiritual do maligno (isto é, a morte espiritual) está em vista,

¹⁹³ GUNDRY, 1973, p. 55-60

¹⁹⁴ “As it is, *ék* lays all the emphasis on emergence, in this verse on the final, victorious outcome of the keeping-guarding.” GUNDRY, 1973, p. 56.

¹⁹⁵ “We must conclude that Revelation 3:10 neither offers clear-cut evidence for ou against a posttribulational Rapture.” MOO, 1996, p. 198.

¹⁹⁶ WALVOORD, 2021, p. 304.

¹⁹⁷ OSBORNE, 2002, p. 195.

¹⁹⁸ “[...] preservation after removal from the period.” THOMAS, 1992, p. 285.

¹⁹⁹ “This study of *ek* throughout its linguistic history, and especially its usage in the New Testament, has shown that the preposition may sometimes indicate “outside position” (whereas at other times it means removal “out from within”). In relation to the interpretation of *tēreō ek* in Revelation 3:10, this finding establishes the pretribulational position as a bona fide grammatical possibility. To understand *tēreō ek* as indicating preservation in an outside position is well within the bounds of the linguistic history and usage of *ek*.” TOWNSEND, Jeffrey L. The Rapture in Revelation 3:10. In: ICE, Thomas. DEMY, Timothy (eds.). **The Trumpet Sounds: Today’s Foremost Authorities Speak Out on End-Time Controversies** (Eugene: Harvest House, 1995. p. 373.

não a esfera moral do maligno, isto é, a dominação maligna sobre o sistema mundial.²⁰⁰

Em quarto lugar, a promessa de preservação fora “da hora da provação” está intrinsecamente relacionada com a promessa do versículo 11a: “Venho sem demora”. Ela implica que a preservação da igreja da grande tribulação virá com a vinda de Jesus Cristo. Além disso, a vinda é “sem demora” (*tachy*) dificilmente pode ser a vinda de Apocalipse 19.11-21, por esta fase da segunda vinda será precedida dos eventos descritos nos capítulos 6-18. Portanto, uma vinda “sem demora” deverá ser antes um acontecimento repentino e inesperado. Somente esta iminência da vinda de Jesus Cristo para recompensar os fiéis fornece uma razão eficaz para a perseverança.²⁰¹

A presente interpretação de Apocalipse 3.10 é reforçada pela ausência da igreja nos capítulos 4-18. Walvoord observa que o pós-tribulacionista não consegue

[...] explicar a total ausência de qualquer menção, seja de uma igreja local, ou da igreja universal, em um registro detalhado de eventos escatológicos. A descrição dos salvos de origem judaica e gentílica contrasta bastante como a referência a eles como reunidos em um corpo, a igreja, em grande parte do Novo Testamento.²⁰²

Além disso, nenhum arrebatamento e ressurreição são mencionados na volta em glória de Jesus Cristo em Apocalipse 19.11-21. A ressurreição de Apocalipse 20.4-5 ocorre posteriormente e compreende apenas os mártires da grande tribulação. Essas considerações demonstram que a igreja será arrebatada antes da grande tribulação e já não estará na terra durante os acontecimentos que envolvem a septuagésima semana de Deus. Há a possibilidade de os 24 anciãos da visão de João (Ap 4.4) representarem a igreja arrebatada nos céus. Scofield comenta:

Cinco marcas inerrantes identificam os anciãos como representantes da igreja. São elas: (1) A *posição* deles. Eles estão entronizados “ao redor” do trono central circundado por um arco-íris. À igreja e somente à igreja dentre todos os grupos de redimidos é prometida a coentronização (Ap 3.21). Cristo ainda não está sentado no seu próprio trono na terra, mas estes seres reais, tendo sido apresentados sem defeito, com a grande alegria do Senhor, deve estar com ele (Jo 17.24; 1 Ts 4:17). (2) O *número* desses anciãos representativos, no livro onde os números são uma parte tão importante do simbolismo, é significativo. Pois vinte e quatro é o número dos coros em que o sacerdócio levítico foi dividido (1 Cr 24.1-19), e de todos os grupos dos redimidos apenas a igreja é um sacerdócio (1 Pe 2.5-9; Ap 1.6). (3) O *testemunho* dos anciãos entronizados os marca como representantes da

²⁰⁰ THOMAS, 1992, p. 284-285.

²⁰¹ THOMAS, 1992, p. 290.

²⁰² WALVOORD, 2021, p. 308.

igreja: “E cantavam um novo cântico, dizendo: ‘Digno és de tomar o livro e de abrir os seus selos: porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação, e os fizeste para nosso Deus, um reino e sacerdotes; e eles reinam sobre a terra’” (Ap 5.9,10, RV). A igreja, e somente a igreja, pode assim testemunhar. (4) Os anciano é um ofício de *representação* (At 15.2; 20.17). (5) A *inteligência espiritual* dos anciãos os aponta como participantes dos conselhos divinos mais íntimos (e.g., Ap 5.5; 7.13). E para quem entre os redimidos deveriam esses conselhos ser dados a conhecer, senão àqueles a quem nosso Senhor disse: “Doravante eu não vos chamo de servos;...mas eu vos chamei amigos...” (Jo 15.15). Os anciãos são, simbolicamente, a igreja, e eles são vistos no céu, no lugar onde as Escrituras atribuem à igreja antes que um selo seja aberto ou um ai pronunciado, e antes que uma taça da ira de Deus seja derramada. E em tudo o que se segue, até o capítulo vinte, a igreja nunca é mencionada como estando na terra. (Tradução nossa).²⁰³

3.3 ARGUMENTOS TEOLÓGICOS

3.3.1 A iminência do arrebatamento

A tradição dispensacionalista e os pré-tribulacionistas em geral afirmam que o arrebatamento da igreja é um acontecimento iminente. Os pós-tribulacionistas não consegue sustentar coerentemente a iminência do arrebatamento da igreja, pois ao compreender a segunda vinda de Jesus Cristo como um evento único, precisa reconhecer que vários sinal e eventos deverão preceder a volta de Jesus Cristo. Provavelmente muitos pós-tribulacionistas concordarão com o amilenista Louis Berkhof: “De acordo com as Escrituras, vários eventos importantes devem ocorrer

²⁰³ “Five inerrant marks identify the elders as representing the church. These are: (1) Their position. They are enthroned “round about” the rainbow encircled central throne. To the church and to the church only of all groups of the redeemed is co-enthronement promised (Rev. 3:21). Not yet is Christ seated upon his own throne on earth, but these kingly ones having been presented faultless, with the exceeding joy of the Lord, must be with him (Jno. 17:24; 1 Thess. 4:17). (2) The number of these representative elders, in the book where numbers are so great a part of the symbolism, is significant. For twenty-four is the number of the choruses into which the Levitical priesthood was divided (1 Chron. 24:1-19), and of all the groups of the redeemed only the church is a priesthood (1 Pet. 2:5-9; Rev. 1:6). (3) The testimony of the enthroned elders marks them as representing the church: “And they sing a new song, saying, “worthy art thou to take the book, and to open the seals thereof: for thou wast slain, and didst purchase unto God with thy blood men of every kindred, and tongue, and people, and nation, and madest them to be unto our God a kingdom and priests; and they reign upon the earth” (Rev. 5:9, 10, R.V.). The church, and the church only, can thus testify. (4) Eldership is a representative office (Acts 15:2; 20:17). (5) The spiritual intelligence of the elders points them out as sharers of the most intimate divine counsels (e.g., Rev. 5:5; 7:13). And to whom amongst the redeemed should those counsels be made known if not to those to whom our Lord said: “Henceforth I call you not servants;...but I have called you friends...” (Jno. 15:15). The elders are, symbolically, the church, and they are seen in heaven in the place which the Scriptures assign to the church before a seal is opened or a woe uttered, and before a vial of the wrath of God is poured out. And in all that follows, to the twentieth chapter, the church is never once referred to as on Earth.” SCOFIELD, C. I. **Will the Church Pass Through the Great Tribulation?**: Eighteen Reasons which Prove that it Will Not. Philadelphia: Philadelphia School of the Bible, 1917. p. 23-24.

antes do retorno do Senhor e, portanto, não pode ser chamado de iminente.” (Tradução nossa).²⁰⁴ Ele menciona os seguintes eventos: a) a pregação do evangelho a todas as nações, b) a conversão de todo o Israel, c) a grande apostasia e a grande tribulação, d) a revelação do anticristo e e) sinais e prodígios (guerras, fomes, falsos profetas etc.).²⁰⁵ O pós-tribucionista Wayne Grudem apresenta a seguinte solução para essa questão:

Exceto pelos sinais espetaculares nos céus, é improvável, mas possível, que todos esses sinais já tenham sido cumpridos. Além disso, o único sinal que parece certamente não ter ocorrido, o escurecimento do Sol e da Lua e a queda das estrelas, poderia ocorrer no espaço de alguns minutos e, portanto, parece apropriado dizer que Cristo poderia agora retornar em breve, qualquer hora do dia ou da noite. É, portanto, improvável – mas certamente possível – que Cristo possa regressar *a qualquer momento*. (Tradução nossa).²⁰⁶

A solução de Grudem não é convincente, pois ele precisa ampliar a concepção dos eventos para que eles já tenham sido cumpridos. Por exemplo, ele relaciona a grande tribulação com a guerra judaica de 66-70 d.C. e com as perseguições a cristãos na antiga União Soviética, na China comunista, na Coreia do Norte e nos países muçulmanos. Ele diz: “Parece apropriado concluir que é *improvável, mas possível*, que a predição de uma grande tribulação já tenha sido cumprida ou esteja sendo cumprida em várias partes do mundo neste exato momento.” (Tradução nossa).²⁰⁷

Os dispensacionalistas progressivos também sustentam a iminência do arrebatamento igreja, mas para eles não é essencial que o arrebatamento seja pré-tribulacional e eles quase não tratam do arrebatamento da igreja.²⁰⁸ Por exemplo, Blaising comenta que “[...] parece que seria pré-tribulacional.” (Tradução nossa).²⁰⁹ Não seria improvável que os dispensacionalistas progressivos se tornassem pós-

²⁰⁴ BERKHOF, Louis. **Systematic theology**. Grand Rapids: Eerdmans, 1938. p. 696.

²⁰⁵ BERKHOF, 1938, p. 697-703.

²⁰⁶ “*Except for the spectacular signs in the heavens, it is unlikely but possible that all of these signs have already been fulfilled. Moreover, the only sign that seems certainly not to have occurred, the darkening of the sun and moon and the falling of the stars, could occur within the space of a few minutes, and therefore it seems appropriate to say that Christ could now return at any hour of the day or night. It is therefore unlikely—but certainly possible—that Christ could return at any time.*” GRUDEM, Wayne. **Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine**. 2. ed. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2020. p. 1358.

²⁰⁷ “*It seems appropriate to conclude that it is unlikely but possible that the prediction of a great tribulation has already been fulfilled or is being fulfilled in various parts of the world at this very moment.*” GRUDEM, 2020, p. 1356.

²⁰⁸ RYRIE, 2004, p. 66.

²⁰⁹ “[...] would appear to be pretribulacional.” BLAISING, 1993, p. 317, n. 15.

tribulacionistas, pois estão muito próximos do pré-milenismo aliancista (que é pós-tribulacionista).

Pentecost apresenta iminência do arrebatamento da igreja nas seguintes palavras:

Muitos sinais foram dados à nação de Israel, os quais precederiam a segunda vinda, a fim de que a nação vivesse em expectativa quando Sua volta se aproximasse. Apesar de Israel não saber o dia nem a hora em que o Senhor voltaria, saberia que sua redenção se aproximava pelo cumprimento desses sinais. Tais sinais nunca foram dados à igreja. A igreja tem a ordem de viver à luz da vinda iminente do Senhor para transladá-la à Sua presença (Jo 14.2,3; At 1.11; 1 Co 15.51,52; Fp 3.20; Cl 3.4; 1 Ts 1.10; 1 Tm 6.14; Tg 5.8; I Pe 3.3,4). Passagens como 1 Tessalonicenses 5.6, Tito 2.13 e Apocalipse 3.3 alertam o crente a aguardar o próprio Senhor, não aguardar sinais que antecederiam Seu retorno. E verdade que os acontecimentos da septuagésima semana lançarão um prenúncio antes do arrebatamento, mas a atenção do crente deve ser sempre dirigida para Cristo, nunca aos presságios.²¹⁰

Ele acrescenta acertadamente a iminência do arrebatamento da igreja “[...] não é uma doutrina nova surgida com Darby, como muitas vezes se afirma, embora ele a tenha esclarecido, sistematizado e popularizado. A crença na iminência marcou o pré-milenarismo dos primeiros pais da igreja bem como dos escritores do Novo Testamento.”²¹¹ Em relação à isso, Henry Thiessen elucida:

[...] eles mantinham não apenas a visão pré-milenista da vinda de Cristo, mas também consideravam essa vinda como iminente. O Senhor os havia ensinado a esperar Seu retorno a qualquer momento, e por isso esperavam que Ele viesse em seus dias. Não apenas isso, mas também ensinaram que Seu retorno pessoal seria imediato. Somente os Alexandrinos se opuseram a esta verdade; mas estes Pais também rejeitaram outras doutrinas fundamentais. Podemos dizer, portanto, que a Igreja primitiva vivia na constante expectativa do seu Senhor e, portanto, não estava interessada na possibilidade de um período de Tribulação no futuro. (Tradução nossa).²¹²**28**

²¹⁰ PENTECOST, 1998, p. 226.

²¹¹ PENTECOST, 1998, p. 226.

²¹² “[...] ...they held not only the premillennial view of Christ’s coming, but also regarded that coming as imminent The Lord had taught them to expect His return at any moment, and so they looked for Him to come in their day. Not only so, but they also taught His personal return as being immediately. Only the Alexandrians opposed this truth; but these Fathers also rejected other fundamental doctrines. We may say, therefore, that the early Church lived in the constant expectation of their Lord, and hence was not interested in the possibility of a Tribulation period in the future.” THIESSEN, Henry Clarence. **Will the church pass through the tribulation?** New York: Loizeaux Brothers, 1941. p. 15.

3.2.2 A natureza da igreja

A natureza da igreja como corpo de Cristo e um mistério não revelado no Antigo Testamento e sua distinção de Israel são fortes argumentos para o arrebatamento pré-tribulacional da igreja. Pentecost comenta o seguinte sobre a distinção entre a igreja e Israel:

1) Existe uma distinção entre a igreja professante e o Israel nacional. Devemos notar que a igreja professante é composta por aqueles que fazem profissão de fé em Cristo. Para alguns, essa profissão baseia-se na realidade, mas para outros não há nenhuma realidade. Este último grupo entrará no período tribulacional, pois Apocalipse 2.22 indica claramente que a igreja professante não salva experimentará a ira como castigo. A participação no grupo denominado Israel nacional baseia-se em nascimento físico, e todos os que pertencem a esse grupo e não forem salvos e removidos pelo arrebatamento, se estiverem vivos no momento do arrebatamento serão, com a igreja professante, sujeitos à ira da tribulação. 2) Existe uma distinção entre a igreja verdadeira e a igreja professante. A igreja verdadeira é composta por todos os que, nesta era, receberam a Cristo como Salvador. Ao contrário disso, temos a igreja professante, composta por aqueles que fazem profissão de aceitar a Cristo sem realmente recebê-lo. Apenas a verdadeira igreja será arrebatada. 3) Existe uma distinção entre a igreja verdadeira e o Israel verdadeiro ou espiritual. Antes de Pentecostes, existiam indivíduos salvos, mas não existia igreja, e eles faziam parte do Israel espiritual, não da igreja. Depois do Pentecostes e até o arrebatamento encontramos a igreja, que é o corpo de Cristo, mas não encontramos o Israel espiritual. Depois do arrebatamento não encontramos a igreja, mas novamente um Israel verdadeiro ou espiritual. Essas distinções devem ser claramente consideradas.²¹³

A distinção entre a igreja e Israel (e os gentios) aparece claramente, por exemplo, em 1 Coríntios 10.32: “Não se tornem motivo de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem para a igreja de Deus [...]” Para a tradição dispensacionalista, especialmente para os dispensacionalistas clássicos e revisados, isso evidencia que a igreja e Israel ocupam lugares diferentes no propósito de Deus. Além disso, a grande tribulação em nenhum lugar do Novo Testamento aparece relacionada com a igreja, mas tanto o Antigo como o Novo Testamento indicam que ela é um tratamento para Israel e os gentios.²¹⁴ Portanto, a natureza da igreja demonstra que o arrebatamento é pré-tribulacional.

²¹³ PENTECOST, 1998, p. 222-223.

²¹⁴ WALVOORD, 2021, p. 49-58.

3.2.3 A distinção entre o arrebatamento da igreja e a vinda em glória

O arrebatamento pré-tribulacional da igreja pode ser sustentado somente com a distinção entre o arrebatamento e a vinda em glória depois da grande tribulação. Pentecost estabelece essa distinção:

1) A translação compreende a retirada dos crentes, enquanto o segundo advento requer o aparecimento e a manifestação do Filho. 2) Na translação os santos são levados nos ares, enquanto na segunda vinda Cristo volta à terra. 3) Na translação Cristo vem buscar Sua noiva, enquanto na segunda vinda Ele retorna com a noiva. 4) A translação resulta na retirada da igreja e na instauração da tribulação, enquanto a segunda vinda resulta no estabelecimento do reino milenar. 5) A translação é iminente, enquanto a segunda vinda é precedida por uma multidão de sinais. 6) A translação traz uma mensagem de conforto, enquanto a segunda vinda é acompanhada por uma mensagem de julgamento. 7) A translação está relacionada ao plano para a igreja, enquanto a segunda vinda está relacionada ao plano para Israel e para o mundo. 8) A translação é um mistério, enquanto a segunda vinda é prevista em ambos os testamentos. 9) Na translação os crentes são julgados, enquanto na segunda vinda os gentios e Israel são julgados. 10) A translação deixa a criação intacta, enquanto a segunda vinda implica uma mudança na criação. 11) Na translação os gentios não são afetados, enquanto na segunda vinda são julgados. 12) Na translação as alianças de Israel não são cumpridas, enquanto na segunda vinda todas as alianças são cumpridas. 13) A translação não tem relação particular com o plano de Deus para o mal, enquanto na segunda vinda o mal é julgado. 14) É dito que a translação ocorrerá antes do dia da ira, enquanto a segunda vinda se segue a ele. 15) A translação é apenas para os crentes, enquanto a segunda vinda tem efeito sobre todos os homens. 16) A expectativa da igreja em relação à translação é "perto está o Senhor" (Fp 4.5), enquanto a expectativa de Israel em relação à segunda vinda é "o reino está próximo" (Mt 24.14). 17) A expectativa da igreja na translação é ser levada à presença do Senhor, enquanto a expectativa de Israel na segunda vinda é ser levado ao reino.²¹⁵

3.3.4 O destino da igreja

Ninguém pode negar que a igreja tem um destino celestial, pois todas as suas promessas e expectativas são de natureza divina. Quando olhamos o destino dos salvos durante a septuagésima semana de Daniel, percebemos que suas esperanças e promessas são terrenas, conforme claramente indicado em Mateus 25.34. Se a igreja estivesse presente na terra durante a grande tribulação, todos os que fossem salvos nesse período seriam incorporados ao corpo de Cristo. Caso o arrebatamento ocorresse apenas no final da septuagésima semana, parte dos salvos receberia uma bênção terrena e outra parte um destino celestial, resultando na fragmentação do corpo de Cristo e na destruição de sua unidade. Tal fragmentação é impossível. Isso

²¹⁵ PENTECOST, 2008, p. 229-230.

indica que aqueles que forem salvos durante a grande tribulação e entrarem no reino milenar devem ter sido salvos após a conclusão do plano divino para a igreja, isto é, após o arrebatamento.²¹⁶

3.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo procuramos apresentar a fundamenta bíblico-teológica do arrebatamento pré-tribulacional da igreja, pois muitas vezes o pré-tribulacionismo foi considerado uma teoria sem fundamentação exegética. Certamente as passagens analisadas e os argumentos apresentados mereciam um tratamento mais detalhado, mas o que destacamos aqui parece o ser suficiente para mostrar que o pré-tribulacionismo e a tradição dispensacionalista, especialmente o dispensacionalismo clássico e revisado, possuem sólido apoio bíblico e teológico.

No próximo capítulo tratamos do arrebatamento da igreja e a Assembleia de Deus no Brasil a partir da Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil e consideramos a relevância dessa doutrina para a Assembleia de Deus no Brasil, destacando os aspectos mais importantes e fundamentais para fé e a espiritualidade dos assembleianos.

²¹⁶ PENTECOST, 1998, p. 234-235.

4 O ARREBATAMENTO DA IGREJA E A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

Neste capítulo apresentamos um breve panorama da Assembleia de Deus no Brasil, a escatologia da Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil, a escatologia dispensacionalista da Declaração de Fé da Assembleia de Deus e a relevância do arrebatamento para a Assembleia de Deus no Brasil.

4.1 A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

A Assembleia de Deus²¹⁷ no Brasil foi fundada na cidade de Belém do Pará no dia 18 de junho de 1911, pelos missionários suecos Gunnar Adolph Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1884-1963),²¹⁸ que vieram dos Estados Unidos da América para o Brasil depois receberem uma palavra profética, a qual lhes foi confirmada após um período de orações.²¹⁹ Vingren conta:

[...] Adolfo Uldin, recebeu do Espírito Santa palavras maravilhosas, e vários mistérios sobre o meu futuro lhe foram revelados. Entre outras coisas, o Espírito Santo falou através desse irmão que eu deveria ir para o Pará. Foi-nos revelado também que o povo para quem eu testemunharia de Jesus era de um nível social muito simples. Eu deveria ensinar-lhes os primeiros rudimentos da doutrina do Senhor. Naquela ocasião tivemos o imenso privilégio de ouvir através do Espírito Santo a linguagem daquele povo, o idioma português. Ele também nos disse que comeríamos uma comida muito simples, mas Deus nos daria tudo o que fosse necessário.²²⁰

Posteriormente Vingren e Berg foram juntos à casa do irmão Adolfo Uldin e quando entraram na cozinha, “[...] o poder de Deus veio sobre o irmão Uldin, e ele foi

²¹⁷ O nome inicial adotado pela Assembleia de Deus no Brasil foi *Missão da Fé Apostólica*, que, por sua vez, “[...] foi o primeiro nome dado ao Movimento Pentecostal nos Estados Unidos a partir de 1901, iniciado por Charles Fox Parham”. ARAÚJO, Isael de. *Assembléias de Deus*. In: ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 40. Em 11 de janeiro de 1918 a Missão da Fé Apostólica passou a ser oficialmente designada de Assembleia de Deus, mas tal designação já estava em uso em algumas igrejas pentecostais brasileiras oriundas da missão de Vingren e Berg e havia sido adotada oficialmente nos Estados Unidos da América em 1914 durante a fundação do Concílio Geral da Assembleia de Deus. ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 63.

²¹⁸ ARAÚJO, 2007. p. 40.

²¹⁹ ALMEIDA, Abraão de. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982, p. 17.

²²⁰ VINGREN, Ivar. **O diário do pioneiro**: Gunnar Vingren. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 27.

arrebatado em espírito, como das outras vezes. E foi durante aquela poderosa reunião que Daniel Berg recebeu a sua chamada para me acompanhar ao Brasil.²²¹ Esse evento é significativo porque marca o início da trajetória missionária que resultou na fundação das Assembleias de Deus no Brasil. Ele também exemplifica o contexto espiritual e a fé intensa que motivaram os missionários a embarcarem em uma jornada de propagação do evangelho em terras estrangeiras. A experiência mencionada irá refletir na forte ênfase da Assembleia de Deus em vivências espirituais profundas e no discernimento de chamados divinos para missões.

Vingren e Berg eram batistas tradicionais e se tornaram pentecostais durante o Avivamento da Rua Azusa (1906-1909), em Los Angeles, Califórnia, que é considerado “[...] o centro que originou o pentecostalismo moderno.”²²² O Avivamento da Rua Azusa, sob a liderança de William J. Seymour (1870-1922), um pregador afro-americano,²²³ teve como mensagem central a busca pela santificação e a experiência pessoal com o Espírito Santo, com manifestações que incluíam falar em línguas, profecias e curas divinas.²²⁴ Robert Menzies observa que houve outros avivamentos antes e depois do Avivamento da Rua Azusa, mas que nenhum deles produziu uma mensagem clara: que o poder da igreja apostólica está disponível hoje.²²⁵

Vingren e Berg chegaram ao Brasil no dia 19 de novembro de 1910 em Belém com a mensagem pentecostal. Eles mesmos o experimentaram o batismo no Espírito Santo. Vingren relata brevemente a sua experiência:

No verão de 1909, Deus me encheu de uma grande sede de receber o batismo com o Espírito Santo e com fogo. Em novembro do mesmo ano, pedi licença à minha igreja para visitar uma conferência batista que deveria ser realizada na Primeira Igreja Batista Sueca em Chicago. Fui à Conferência com o firme propósito de buscar o batismo com o Espírito Santo. E, louvado seja Deus, depois de cinco dias de busca, o Senhor Jesus me batizou com o Espírito Santo e com fogo! Quando recebi o batismo, falei novas línguas, justamente como está escrito que aconteceu aos discípulos no dia de Pentecoste, em Atos 2. É impossível descrever a alegria que encheu meu

²²¹ VINGREN, 2000, p. 28

²²² NOLL, Mark A. Reavivamento da Rua Azusa. In: ELWELL, Walter A. (ed.) **Enciclopédia Histórica-Teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1993. v. 3, p. 241.

²²³ ROBERT, C. M., Jr. Seymour, William Joseph. In: BURGESS, Stanley M.; MAAS, Eduard M. van der (eds.). **The new international dictionary of Pentecostal and charismatic movements**. rev. and expanded ed. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 1053-1058.

²²⁴ ROBERT, C. M., Jr. Azusa Street Revival. In: BURGESS, Stanley M.; MAAS, Eduard M. van der (eds.). **The new international dictionary of Pentecostal and charismatic movements**. rev. and expanded ed. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 344-350.

²²⁵ MENZIES, Robert P. **Pentecost: This story is our story**. Springfield: Gospel Publishing House, 2013. p. 14

coração. Eternamente o louvarei, pois Ele me batizou com o seu Espírito Santo e com fogo.²²⁶

Ele acrescenta: “Quando voltei para minha igreja em Menominee, Michigan, comecei a pregar a verdade que Jesus batiza com o Espírito Santo e com fogo.”²²⁷ A crença no batismo com o Espírito Santo e com fogo é uma característica distintiva do movimento pentecostal, que inclui experiências como falar em línguas e dons espirituais como a profecia e a cura. Esta ênfase ajudou a moldar a identidade das Assembleias de Deus e de outras denominações pentecostais em todo o mundo. b

A partir de Belém, a Assembleia de Deus se espalhou para outras partes do Brasil, marcando o início de um movimento que se tornaria a maior denominação evangélica do país com mais de 22 milhões de membros e com mais de 100 mil templos-sede, representada oficialmente a nível nacional pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB),²²⁸ fundada em 1930. A CGADB desempenha um papel crucial na coordenação e supervisão das igrejas Assembleias de Deus em todo o país, garantindo a unidade doutrinária e organizacional. Ela oferece suporte administrativo, educacional e espiritual aos pastores e membros, além de promover eventos, seminários e conferências que fomentam o crescimento e a coesão da denominação.²²⁹

Em termos teológicos, a Assembleia de Deus no Brasil (bem como em todo o mundo) “[...] se fundamenta nas Escrituras Sagradas; é histórica e mantém o pensamento teológico dos reformadores quando às doutrinas cardeais da fé [...], além de enfatizar a doutrina do Espírito Santo [...]”²³⁰ Durante muito tempo o único documento oficial da Assembleia de Deus no Brasil foi o “Cremos”, publicado em cada edição do jornal *Mensageiro da Paz*, órgão oficial da CGADB, a partir de 1969 com algumas revisões ao longo do tempo:²³¹

²²⁶ VINGREN, 2000, p. 25.

²²⁷ VINGREN, 2000, p. 25.

²²⁸ BAPTISTA, Douglas Roberto de Almeida. **O ethos da Declaração de fé Assembleiana na esfera pública: valores morais, ação política e o Estado democrático de direito.** São Leopoldo, RS, 2022. 227 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2022. p. 21, n. 3.

²²⁹ ARAÚJO, Isael de. Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). In: ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 207-219.

²³⁰ SOARES, Esequias. Teologia – a doutrina de Deus. In: GILBERTO, Antonio (ed.). **Teologia Sistemática Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 52.

²³¹ ARAÚJO, Isael de. *Mensageiro da Paz* (MP). In: ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 457-460.

1. Na inspiração divina verbal e plenária da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé e prática para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17);
2. Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas distintas que, embora distintas, são iguais em poder, glória e majestade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; Criador do Universo, de todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, e, de maneira especial, os seres humanos, por um ato sobrenatural e imediato, e não por um processo evolutivo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29; Gn 1.1; 2.7; Hb 11.3 e Ap 4.11);
3. No Senhor Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, plenamente Deus, plenamente Homem, na concepção e no seu nascimento virginal, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e em sua ascensão vitoriosa aos céus como Salvador do mundo (Jo 3.16-18; Rm 1.3,4; Is 7.14; Mt 1.23; Hb 10.12; Rm 8.34 e At 1.9);
4. No Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, consubstancial com o Pai e o Filho, Senhor e Vivificador; que convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo; que regenera o pecador; que falou por meio dos profetas e continua guiando o seu povo (2 Co 13.13; 2 Co 3.6,17; Rm 8.2; Jo 16.11; Tt 3.5; 2 Pe 1.21 e Jo 16.13);
5. Na pecaminosidade do homem, que o destituiu da glória de Deus e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo podem restaurá-lo a Deus (Rm 3.23; At 3.19);
6. Na necessidade absoluta do novo nascimento pela graça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus para tornar o homem aceito no Reino dos Céus (Jo 3.3-8, Ef 2.8,9);
7. No perdão dos pecados, na salvação plena e na justificação pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26; Hb 7.25; 5.9);
8. Na Igreja, que é o corpo de Cristo, coluna e firmeza da verdade, una, santa e universal assembleia dos fiéis remidos de todas as eras e todos os lugares, chamados do mundo pelo Espírito Santo para seguir a Cristo e adorar a Deus (1 Co 12.27; Jo 4.23; 1 Tm 3.15; Hb 12.23; Ap 22.17);
9. No batismo bíblico efetuado por imersão em águas, uma só vez, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12);
10. Na necessidade e na possibilidade de termos vida santa e irrepreensível por obra do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas de Jesus Cristo (Hb 9.14; 1 Pe 1.15);
11. No batismo no Espírito Santo, conforme as Escrituras, que nos é dado por Jesus Cristo, demonstrado pela evidência física do falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7);
12. Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme sua soberana vontade para o que for útil (1 Co 12.1-12);
13. Na segunda vinda de Cristo, em duas fases distintas: a primeira — invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja antes da Grande Tribulação; a segunda — visível e corporal, com a sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4.16, 17; 1 Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 1.14);
14. No comparecimento ante o Tribunal de Cristo de todos os cristãos arrebatados, para receberem a recompensa pelos seus feitos em favor da causa de Cristo na Terra (2 Co 5.10);
15. No Juízo Final, onde comparecerão todos os ímpios: desde a Criação até o fim do Milênio; os que morrerem durante o período milenial e os que, ao final desta época, estiverem vivos. E na eternidade de tristeza e tormento para os infiéis e vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis de todos os tempos (Mt 25.46; Is 65.20; Ap 20.11-15; 21.1-4).
16. Cremos, também, que o casamento foi instituído por Deus e ratificado por nosso Senhor Jesus Cristo como união entre um homem e uma mulher, nascidos macho e fêmea, respectivamente, em conformidade com o definido

pelo sexo de criação geneticamente determinado (Gn 2.18; Jo 2.1,2; Gn 2.24; 1.27).²³²

Em 2013 a CGADB decidiu que uma confissão de fé mais extensa deveria ser criada para complementar e detalhar o *Creemos*. A nova confissão de fé foi aprovada em 26 de abril de 2017 e designada de *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Esequias Soares, o presidente da comissão especial que elaborou a Declaração, diz que ela é

[...] um documento eclesiástico que organiza, de forma escrita e sistemática, as crenças e práticas das Assembleias de Deus no Brasil que já são ensinadas nas igrejas desde a chegada ao país dos missionários fundadores, Daniel Berg (1884–1963) e Gunnar Vingren (1879–1933). O contexto social e político por si só exige uma definição daquilo em que a Igreja crê e daquilo que professa desde as suas origens. A Bíblia é a nossa única fonte de autoridade, a inerrante, infalível, completa e inspirada Palavra de Deus. As Escrituras Sagradas, no entanto, precisam ser interpretadas para que todos conheçam a sua mensagem. Assim sendo, o conteúdo dos 24 capítulos da *Declaração de Fé* são as interpretações autorizadas das Escrituras e os ensinamentos oficiais das Assembleias de Deus no Brasil.²³³

Ele acrescenta na página seguinte:

A Comissão Especial pesquisou os credos ecumênicos e as principais confissões de fé históricas durante mais de um ano inteiro, examinando seu conteúdo, forma e apresentação. O trabalho desenvolvido será de importância na vida da Igreja como sumário doutrinário da Bíblia e ajuda para sua compreensão. A *Declaração de Fé* servirá como proteção contra as falsas doutrinas e contribuirá para a unidade do pensamento teológico para “que digais todos uma mesma coisa” (1 Co 1.10). Trata-se ainda de um material didático para ajudar as igrejas no preparo dos candidatos ao batismo e também na formação espiritual dos novos convertidos, bem como mostrar para a sociedade aquilo em que nós cremos e aquilo que praticamos. O documento identifica nossa marca pentecostal como denominação, mas o objetivo primordial é a glória de Deus.²³⁴

Portanto, a Declaração de Fé das Assembleias de Deus é um documento fundamental para a identidade da Assembleia de Deus no Brasil como igreja pentecostal. Não é por acaso que na segunda capa encontramos as seguintes afirmações: “Jesus Salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará”. Essas declarações encapsulam os principais pontos de crença e prática da Assembleia de Deus, reforçando sua mensagem central e sua herança pentecostal. A Declaração de Fé, assim, não apenas organiza e sistematiza as doutrinas da igreja, mas também

²³² CREMOS. *In*: SOARES, Esequias (org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. 21-24.

²³³ SOARES, 2017, p. 17-18.

²³⁴ SOARES, 2017, p. 19.

reafirma e comunica suas convicções essenciais e sua missão espiritual diante da diversidade evangélica presente no Brasil de nossos dias.

Os 24 capítulos tratam dos seguintes assuntos:

- Capítulo I: Sobre as Sagradas Escrituras
- Capítulo II: Sobre Deus
- Capítulo III: Sobre a Trindade
- Capítulo IV: Sobre a identidade do Senhor Jesus Cristo
- Capítulo V: Sobre as obras de Cristo
- Capítulo VI: Sobre o Espírito Santo
- Capítulo VII: Sobre o Homem
- Capítulo VIII: Sobre as criaturas espirituais
- Capítulo XIX: Sobre o pecado e suas consequências
- Capítulo X: Sobre a salvação
- Capítulo XI: Sobre a Igreja
- Capítulo XII: Sobre o batismo em águas
- Capítulo XIII: Sobre a Ceia do Senhor
- Capítulo XIV: Sobre a forma de governo
- Capítulo XV: Sobre a verdadeira adoração
- Capítulo XVI: Sobre a Igreja e o Estado
- Capítulo XVII: Sobre a Lei
- Capítulo XVIII: Sobre os Dez Mandamentos
- Capítulo XIX: Sobre o batismo no Espírito Santo
- Capítulo XX: Sobre os dons do Espírito Santo
- Capítulo XXI: Sobre a cura divina
- Capítulo XXII: Sobre a segunda vinda de Cristo
- Capítulo XXIII: Sobre o mundo vindouro
- Capítulo XXIV: Sobre a família

Devemos observar que no apêndice da Declaração de Fé das Assembleias de Deus encontramos os credos ecumênicos: credo dos apóstolos, credo niceno, credo niceno-constantinopolitano, credo de calcedônia e o credo de Atanásio ou atanasiano. Soares comenta que os credos ecumênicos demonstram

[...] que temos muitos pontos em comum com os primeiros cristãos. Esses credos são geralmente aceitos por católicos romanos, ortodoxos gregos e protestantes, pois seu conteúdo é comum às principais religiões que ostentam a bandeira de Cristo. As seitas ou grupos religiosos heterodoxos rejeitam esses credos.²³⁵

4.2 A DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL E A ESCATOLOGIA

A declaração de fé da Assembleias de Deus no Brasil possui, como podemos observar na apresentação dos 24 capítulos acima, dois capítulos sobre a escatologia. O capítulo XXII “Sobre a segunda vinda de Cristo”²³⁶ e o capítulo XXIII “Sobre o mundo vindouro”.²³⁷ Nos ocuparemos detalhadamente agora com estes dois capítulos.

4.2.1 Sobre a segunda vinda de Cristo

O capítulo XXII, “Sobre a segunda vinda de Cristo”, começa com a seguinte afirmação:

CREMOS, professamos e ensinamos que a Segunda Vinda de Cristo é um evento a ser realizado em duas fases. A primeira é o arrebatamento da Igreja *antes* da Grande Tribulação, momento este em que “*nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados*” (1 Ts 4.17); a segunda fase é a sua vinda em glória depois da Grande Tribulação e visível aos olhos humanos: “*Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim! Amém!*” (Ap 1.7). Nessa vinda gloriosa, Jesus retornará com os santos arrebatados da terra: “*na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, com todos os seus santos*” (1 Ts 3.13).²³⁸

Observa-se que a Declaração de Fé apresenta uma clara afirmação pré-tribulacionista, onde a segunda vinda de Jesus Cristo é compreendida como um evento em duas fases distintas e separadas pela Grande Tribulação. A primeira fase é o arrebatamento da Igreja *antes* da Grande Tribulação, que é o primeiro ponto tratado na sequência da Declaração de Fé:

1. O Arrebatamento da Igreja. É o termo que nós usamos para designar o raptos dos santos da face da terra para o encontro com o Senhor nos ares: “*Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão*

²³⁵ SOARES, 2017, p. 16.

²³⁶ SOARES, 2017, p. 185-194

²³⁷ SOARES, 2017, p. 195-202.

²³⁸ SOARES, 2017, p. 195-202

primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor” (1 Ts 4.16,17). Nesse evento, os mortos em Cristo e os santos do Antigo Testamento serão ressuscitados primeiro, seguindo-se a transformação dos salvos vivos e o simultâneo encontro de ambos os grupos com o Senhor nos ares. Esse advento será invisível aos olhos do mundo, porém seus efeitos serão perceptíveis. Isso ocorrerá em fração de segundos, e nosso corpo será transformado num corpo glorioso, que estará revestido de incorruptibilidade e imortalidade por ocasião do rapto da Igreja. Será um evento repentino e secreto, precedido pelos sinais gerais da apostasia, guerras, fomes, catástrofes naturais, perseguições, de maneira que esse evento não pode ser visualizado antecipadamente nem datado por esses ou por nenhum outro sinal. A condição para fazer parte desse glorioso evento é estar em Cristo. Essa é a primeira fase da Segunda Vinda de Cristo que precederá a Grande Tribulação, período em que a ira de Deus será derramada sobre os moradores da terra.²³⁹

O arrebatamento da igreja envolve a) a ressurreição (e transformação) dos mortos em Cristo e dos santos do Antigo Testamento; b) a transformação dos salvos vivos; c) o arrebatamento ou rapto dos santos da terra para encontrar Jesus Cristo nos ares juntamente com os ressuscitados; d) esses acontecimentos serão invisíveis aos olhos das pessoas que permanecerem na terra. A Declaração de Fé afirma que o arrebatamento será precedido de “sinais gerais” e por isso, não poderá ser datado ou previsto antecipadamente. Ela ressalta que somente aqueles que estão “em Cristo” participarão desse evento.

O próximo ponto da Declaração de Fé elucida o que acontece com a igreja após o arrebatamento:

2. O Tribunal de Cristo e as Bodas do Cordeiro. Após o arrebatamento da Igreja, receberemos as boas-vindas de Jesus. Nessa ocasião, será estabelecido o Tribunal de Cristo: “*todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo*” (Rm 14.10); “*todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal*” (2 Co 5.10). Esse evento será realizado no Céu e diz respeito à recompensa de nossas obras em favor da causa de Cristo na terra. O Senhor Jesus prometeu: “*o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra*” (Ap 22.12). Depois disso, os fiéis glorificados participarão das Bodas do Cordeiro: “*Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro*” (Ap 19.9). Trata-se do grande banquete que celebra a união de Cristo com a sua Igreja, a “Esposa do Cordeiro”, onde será culminado o plano da redenção, num momento de gozo e de alegria. Todas essas coisas ocorrerão antes do retorno de Cristo a Terra, com a sua Igreja glorificada.²⁴⁰

Aqui é importante um breve comentário sobre o Tribunal de Cristo. A Declaração de Fé ressalta, no capítulo X, “Sobre a salvação”, que a salvação “[...] é

²³⁹ SOARES, 2017, p. 185-186.

²⁴⁰ SOARES, 2017, p. 186-187.

um ato graça soberana de Deus pelo mérito de Jesus Cristo e não vem das obras [...].”²⁴¹ E a graça “[...] é um favor imerecido [...] [e] [é] por meio da graça que Deus capacita o ser humano para que ele responda com fé ao chamado do evangelho [...]”.²⁴² Portanto, o Tribunal de Cristo não está relacionado com a salvação, pois todas as pessoas que comparecerão diante de Cristo nesse momento já estarão salvas, mas com as recompensas pelo serviço prestado ao Senhor Jesus Cristo durante a vida cristã aqui na terra.

A Declaração de Fé aborda no próximo ponto a Grande Tribulação:

A Grande Tribulação durará sete anos; trata-se de um período de transição entre a dispensação da Igreja e o Milênio. É um tempo de angústias e sofrimentos sem precedentes na história: *“porque haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais”* (Mt 24.21). Os profetas falaram sobre esse dia, como foi o caso de Jeremias, Daniel, Joel, entre outros. Esse período é também conhecido como “Dia do SENHOR” no Antigo e também no Novo Testamento e terá seu início somente depois que a Igreja for arrebatada da terra. Essa etapa da história foi determinada por Deus para fazer justiça contra a rebelião dos moradores da terra e também para preparar a nação de Israel para o encontro com o seu Messias. A cidade de Jerusalém será ainda tomada por pouco tempo, pois, no final da Grande Tribulação, o Senhor Jesus descerá para livrar o seu povo. O apóstolo João relata a futura vitória de Cristo junto com seus santos sobre a Besta e sobre o Falso Profeta.²⁴³

A Besta mencionada é o Anticristo, que sobre o qual a Declaração de Fé versa no próximo ponto:

4. A manifestação do Anticristo. Será um período caracterizado por pragas de toda ordem e pela manifestação do Anticristo, o *“homem do pecado, o filho da perdição”* (2 Ts 2.3). O termo “anticristo” é usado nas epístolas joaninas; esse personagem nega que Jesus é o Cristo. O Anticristo opõe-se, rejeita, renega e contesta a Cristo: *“o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus”* (2 Ts 2.4). Suas características são as de um ditador mundial. É o último grande governo mundial da história, identificado em Apocalipse como “a besta”. A besta que surge do mar – *“vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres”* (Ap 13.1) – é uma personagem que terá controle sobre dez reinos. Ela representa o Anticristo e o seu governo: *“Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta”* (Ap 17.13). O “mar” é uma linguagem metafórica e indica as nações, povos e línguas. A Besta recebe do dragão, Satanás, poderes para dominar o mundo e, além disso, ela blasfemarà contra Deus. O Falso Profeta é o porta-voz do Anticristo, a besta que subiu da terra, que, por meio de falsos milagres, enganará os moradores da terra para se oporem a Deus. Trata-se de um governo promovido por Satanás. O Anticristo fará um concerto de sete anos com Israel. Entretanto, na metade desse período, o

²⁴¹ SOARES, 2017, p. 109.

²⁴² SOARES, 2017, p. 113.

²⁴³ SOARES, 2017, p. 187.

concerto será rompido: “E ele firmará um concerto com muitos por uma semana; e, na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares” (Dn 9.27); o rompimento acontecerá porque os judeus descobrirão que fizeram acordo com o Anticristo. Só a partir daí é que começará “o tempo de angústia para Jacó” (Jr 30.7). Ao final do período de sete anos, aparecerá o Libertador de Israel: “E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades” (Rm 11.26).²⁴⁴

Depois dos sete anos da Grande Tribulação, ocorrerá a segunda fase da segunda vinda de Jesus Cristo, que é o próximo ponto da Declaração de Fé:

5. A vinda de Cristo em glória. Esse acontecimento é anunciado desde o princípio do mundo: “E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos” (Jd 14). O Novo Testamento grego emprega “miríades” de santos, como aparece na Tradução Brasileira. Isso significa “inumerável”. Os santos, aqui, são os raptados da terra juntamente com os ressuscitados durante o Arrebatamento da Igreja. É a segunda fase da Segunda Vinda de Cristo, que será visível e corporal com a sua Igreja glorificada: “E, então, verão vir o Filho do Homem numa nuvem, com poder e grande glória” (Lc 21.27); isso ocorrerá para que seja restaurado o trono de Davi. O anjo Gabriel anunciou a Maria, mãe de Jesus, que “o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim” (Lc 1.32,33). Isso significa a libertação do povo de Israel dos seus opressores. Nessa vinda, o Senhor Jesus Cristo derrotará a Besta e o Falso Profeta, fará o julgamento das nações e aprisionará Satanás por mil anos: “Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem” (Ap 20.2,3). Daí em diante, será implantado o Reino de Cristo, o Reino de justiça e de paz.²⁴⁵

O “Reino de Cristo” é o Milênio, tratado no ponto seguinte da Declaração de Fé:

6. O Milênio. O Milênio é o Reino de Cristo com duração de mil anos que terá início por ocasião da vinda de Cristo em glória com os seus santos. Todos os que estiverem vivos na terra após esses acontecimentos serão submetidos ao governo de Jesus Cristo. Nesse período, Satanás estará aprisionado no abismo. Isso significa que a sua ação destruidora na terra será neutralizada e, assim, será iniciada uma nova ordem. Não temos em Apocalipse informações detalhadas sobre esse reino de mil anos, mas esses dados já estão nos profetas do Antigo Testamento. Trata-se da tão almejada paz universal, pois, nesse reino, haverá perfeita paz, retidão e justiça entre os seres humanos e também harmonia no reino animal. A sede desse governo será Jerusalém: “Porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do SENHOR” (Is 2.3). O Senhor Jesus assentar-se-á sobre o trono de Davi e, de Jerusalém, reinará sobre toda a humanidade. Esse reino trará salvação a Israel; será a conclusão do programa divino sobre o povo de Deus, Israel. O Milênio não é ainda o fim e nem a consumação de todas as coisas.²⁴⁶

²⁴⁴ SOARES, 2017, p. 187-188.

²⁴⁵ SOARES, 2017, p. 188-189.

²⁴⁶ SOARES, 2017, p. 189.

O último ponto deste capítulo da Declaração de Fé continua tratando do Milênio:

7. Os súditos do Reino de Cristo. Os habitantes da terra no período do Milênio são os cidadãos das nações que sobreviveram à Grande Tribulação. O livro de Apocalipse mostra-nos que dois grupos reinarão com Cristo durante o Milênio: nós, os crentes provenientes da era da Igreja, e os mártires da Grande Tribulação: *“E vi tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles a quem foi dado o poder de julgar. E vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta nem a sua imagem, e não receberam o sinal na testa nem na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos”* (Ap 20.4). Os crentes vindos da era da Igreja juntamente com os santos do Antigo Testamento receberão autoridade para governar a terra e, dentre eles, os 12 apóstolos governarão sobre as 12 tribos de Israel. As expressões “juízo, julgar” trazem, com frequência, a ideia de “governo, governar” no Antigo Testamento. Esses serão os súditos do Rei dos reis. O segundo grupo são os mártires da Grande Tribulação que não adoraram a besta. Eles formam uma só grei juntamente com os crentes provenientes da era da Igreja, os santos da primeira ressurreição: *“Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos”* (Ap 20.6).²⁴⁷

4.2.2 Sobre o mundo vindouro

O capítulo XXIII, “Sobre o mundo vindouro”, começa com a seguinte afirmação:

CREMOS, professamos e ensinamos que existe um mundo vindouro para os salvos e para os condenados e que, depois do Milênio, virá o Juízo Final, conhecido como o Grande Trono Branco: *“E vi um grande trono branco”* (Ap 20.11). Após esse julgamento, virão o novo céu e a nova terra e a Nova Jerusalém.²⁴⁸

O primeiro ponto aborda o Juízo Final:

1. O Juízo Final. A Bíblia fala sobre duas ressurreições, a dos justos e a dos injustos, mas ambas não serão simultâneas. Deus instaurará esse juízo após a última rebelião de Satanás, que acontecerá após os mil anos do Reinado de Cristo. Ficarão de fora desse juízo os crentes provenientes da era da Igreja e os mártires da Grande Tribulação, pois eles serão parte do Reino de Cristo e estarão com o corpo glorificado. Já “os outros mortos”, aqueles que não fizeram parte da primeira ressurreição, *“Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram”* (Ap 20.5), serão ressuscitados nessa ocasião para julgamento. A base primordial do Juízo Final é a justiça perfeita e inquestionável de Deus: *“Deus é um juiz justo”* (Sl 7.11); *“Não faria justiça o Juiz de toda a terra?”* (Gn 18.25). O Senhor Jesus disse: *“o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo”* (Jo 5.22). Assim, Deus executará esse juízo por meio de Jesus Cristo.²⁴⁹

²⁴⁷ SOARES, 2017, p. 189-190.

²⁴⁸ SOARES, 2017, p. 195.

²⁴⁹ SOARES, 2017, p. 195-196.

O segundo ponto trata dos livros do julgamento do Juízo final:

2. Os livros do julgamento. Muitos livros serão abertos, e todos os “outros mortos” serão julgados pelas coisas escritas nesses livros. Serão pessoas de todas as classes sociais; os “grandes e pequenos” não dizem respeito à idade, crianças e adultos, mas a status. O Juízo Final não fala sobre vivos: “*E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros. E abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras*” (Ap 20.12). Nos livros, estão os registros divinos de todos os pecados públicos e particulares. O julgamento será com base nas obras registradas nesses livros. O Livro da Vida mostra que esses réus não constam nele: “*E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo*” (Ap 20.15). É o dia da morte da morte: “*E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo*” (Ap 20.14). Ela é o último inimigo a ser aniquilado: “*Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte*” (1 Co 15.26); “*Tragada foi a morte na vitória*” (1 Co 15.54). O Lago de Fogo ou “*ardente lago de fogo e enxofre*” (Ap 19.20) é um lugar preparado para o Diabo e seus anjos. O Lago de Fogo será também o destino final dos perdidos por causa da sua incredulidade e desobediência, pois a vontade de Deus é que ninguém se perca, mas que todos sejam salvos.²⁵⁰

No terceiro ponto a Declaração de Fé trata da ressurreição dos mortos, um assunto que é brevemente mencionado no capítulo anterior, mas elucidado neste momento:

3. A ressurreição dos mortos. Ressurreição significa levantar dentre os mortos, voltar a viver no mesmo corpo. A doutrina da ressurreição dos mortos é uma verdade bíblica cristalina, ensinada na Lei de Moisés, nos Profetas e com abundância de detalhes no Novo Testamento. Os saduceus, grupo religioso de Israel nos dias do ministério terreno de Jesus, negavam essa doutrina. Os incrédulos rejeitam essa doutrina ainda hoje. A morte é inevitável, mas, desde o Antigo Testamento, temos promessas de Deus da nossa libertação dela: “*Deus remirá a minha alma do poder da sepultura, pois me receberá*” (Sl 49.15). A ressurreição de Jesus é a garantia de que seremos ressuscitados: “*se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele*” (1 Ts 4.14). Trata-se de uma ressurreição corporal: “*aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, pelo seu Espírito que em vós habita*” (Rm 8.11). Nosso corpo será transformado como o corpo glorificado de nosso Senhor Jesus Cristo: “*esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso*” (Fp 3.20,21). Essa ressurreição é a nossa esperança de salvação e de vida eterna, porque o nosso Salvador é vivo: “*porque eu vivo, e vós vivereis*” (Jo 14.19). Os incrédulos serão também ressuscitados. Jesus disse: “*porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação*” (Jo 5.28,29). Isso inclui salvos e condenados: “*há de haver ressurreição de mortos, tanto dos justos como dos injustos*” (At 24.15). É verdade que os mortos salvos já estão com o Senhor Jesus, mas a ressurreição será necessária, pois ela representa

²⁵⁰ SOARES, 2017, p. 196.

a vitória completa e esmagadora de Cristo sobre a morte e o Diabo. Por essa razão, nada de nosso corpo mortal poderá ficar na sepultura.²⁵¹

No próximo ponto, a Declaração de Fé retorna ao tema do Juízo Final e comenta sobre o destino dos condenados:

4. O destino dos condenados. O destino dos incrédulos é a condenação eterna no Inferno. As Escrituras Sagradas revelam que o Inferno é “o lugar preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41); o lugar para o qual é destinada a alma dos ímpios e de todos os que rejeitam o plano de Deus para sua salvação. A palavra “inferno” vem do latim *infernus*, que significa “lugar inferior”. Foi usada por Jerônimo, na Vulgata Latina, para traduzir do hebraico a palavra *sheol*, no Antigo Testamento, e do grego, as palavras *hades* e *geenna*, entre outros termos no Novo Testamento.

a) *Sheol e Hades*. *Sheol* é um termo hebraico e significa “*mundo invisível*” (Sl 89.48); é “*o lugar invisível dos mortos*” ou “*habitação dos mortos*”. O fato de *Sheol* e sepultura serem lugares profundos e invisíveis aos olhos humanos justifica, às vezes, as diversas traduções do termo, como inferno, sepultura, sepulcro e profundidade. A Septuaginta traduz essa palavra por *Hades*. *Hades* é o estado intermediário dos mortos; não é, ainda, o Inferno propriamente dito, e sim o estágio intermediário dos mortos sem Cristo. Trata-se de uma prisão temporária até que venha o dia do juízo. Os condenados que partiram deste mundo estão lá, conscientes e em tormentos, sabendo perfeitamente o porquê de estarem naquele lugar. O *Hades*, como ideia de lugar ardente de tormentos para os iníquos, encontra-se somente uma vez, na passagem do rico e Lázaro: “*E no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos [...] porque estou atormentado nesta chama*” (Lc 16.23,24).

b) *Geena*. É a forma grega da expressão hebraica *gei-hinnom*, “vale de Hinom”, da qual se originou o termo grego *geenna*. Segundo a descrição bíblica, era o nome de um vale localizado no sul de Jerusalém. Nele, crianças eram sacrificadas em rituais pagãos num lugar chamado “Tofete”, que significa “altar”, lugar onde alguns reis de Israel – dentre eles, o rei Salomão – sacrificavam a ídolos. O rei Josias, porém, realizou uma devassa no local, fazendo dele um lugar de lixo. O mundo judaico contemporâneo de Jesus cria que *Geena* era o lugar onde os ímpios receberiam como castigo o sofrimento eterno. O termo é traduzido por “inferno” onde aparece nos evangelhos: “*Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?*” (Mt 23.33).²¹ O lugar indica o lago de fogo apocalíptico, onde serão lançados a besta e o falso profeta: “*Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre*” (Ap 19.20) e aqueles cujos nomes não estão no livro da vida: “*E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo*” (Ap 20.15).

c) *Outros nomes para indicar o inferno*. Na Bíblia, há outras expressões para designar o lugar da maldição eterna. O Tártaro é também traduzido por “inferno”: “*Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o Juízo*” (2 Pe 2.4). Há, ainda, muitas outras formas usadas para o lugar de suplício eterno, como abismo, fomalha de fogo, trevas exteriores, fogo eterno, vergonha e desprezo eterno e tormento eterno. Esse

²⁵¹ SOARES, 2017, p. 196-197.

é o castigo eterno, também chamado de “fogo que nunca se apagará” [Mt 3.12].²⁵²

O penúltimo ponto trata do novo céu e da nova terra:

5. O novo céu e a nova terra. É o destino final dos salvos: “*E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe*” (Ap 21.1). O céu e a terra que conhecemos desaparecerão para darem lugar a uma nova criação. Isso é anunciado desde o Antigo Testamento e é ratificado no Novo. O próprio Senhor Jesus Cristo confirmou essa palavra profética: “*O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar*” (Mt 24.35). A promessa divina de que a terra permanece para sempre significa que sempre haverá uma terra, mas não necessariamente a mesma. A palavra profética também anuncia um novo céu e uma nova terra. Quando for instalado o juízo do Grande Trono Branco, o céu e a terra deixarão de existir: “*E vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu, e não se achou lugar para eles*” (Ap 20.11). Trata-se de uma fase preparatória para o estabelecimento do novo céu e da nova terra. A terra contaminada pelo pecado não resistirá ao esplendor da presença de Deus; o universo físico não se sustenta diante da pureza, santidade e glória de Deus que está assentado sobre o trono. E o fato de a morte e o Inferno serem lançados no Lago de Fogo indica que, no novo céu e na nova terra, não haverá morte nem condenação.²⁵³

O último ponto versa sobre a “nova Jerusalém”:

6. A nova Jerusalém. O novo céu e a nova terra não são a terra paradisíaca do Milênio, nem a “*Santa Cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu*” (Ap 21.2); é a Jerusalém milenial. Estamos, aqui, num período pós-milênio. Temos, aqui, “*a Jerusalém que é de cima*” (Gl 4.26), a “*Jerusalém celestial*” (Hb 12.22). A nova Jerusalém é quadrada e tem a forma de um cubo que mede 2.200 quilômetros de comprimento, largura e altura, feita internamente de ouro transparente, um tipo de material inexistente na terra. O muro da cidade tem 12 portas, 12 anjos nelas e mais os nomes das 12 tribos de Israel. Nos fundamentos do muro, constam “*os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro*” (Ap 21.14), e esses fundamentos são adornados com pedras preciosas. A cidade não tem templo, pois o seu templo é Deus e o Cordeiro, e não necessita de sol nem de lua, pois o resplendor da glória de Deus a tem iluminado, e o Cordeiro é a sua lâmpada. Na nova Jerusalém, não haverá mais dor, nem tristeza, nem solidão, nem sofrimento: “*E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas*” (Ap 21.4); isso não acontecerá pois o próprio Deus habitará no meio do seu povo. É a nossa eterna bem-aventurança, pois o pecado será banido para sempre (Ap 22.3).²⁵⁴

²⁵² SOARES, 2017, p. 197-199.

²⁵³ SOARES, 2017, p. 199-200.

²⁵⁴ SOARES, 2017, p. 200.

4.2.3 A escatologia dispensacionalista da Declaração de Fé da Assembleia de Deus

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus não faz referência direta ao dispensacionalismo, mas menciona a “dispensação do Espírito Santo”, informando que ela é “[...] conhecida também como Dispensação da Graça ou da Igreja” [...].²⁵⁵ Também faz menção a Grande Tribulação como “[...] um período de transição entre a dispensação da Igreja e o Milênio.”²⁵⁶ No entanto, a escatologia da Declaração de Fé segue, evidentemente, mesmo sem empregar o termo, a escatologia do dispensacionalismo clássico e revisado.²⁵⁷ A mesma situação é encontrada na soteriologia, onde o termo “arminianismo” também não é referido. Silas Daniel, por exemplo, comenta que, embora a Declaração de Fé não empregue os termos “calvinismo” e “arminianismo”, “[...] esposa de forma clara afirmações bíblico-doutrinárias que se coadunam com o que histórica e tecnicamente é denominado de ‘Cinco pontos do Arminianismo [...]’.”²⁵⁸

O dispensacionalismo clássico e revisado “[...] tornou-se o pensamento [escatológico] que dominou o pentecostalismo norte-americano”.²⁵⁹ Quando o pentecostalismo moderno surgiu, ele apresentou uma forte ênfase escatológica pré-milenista.²⁶⁰ Além disso, o próprio dispensacionalismo clássico começou a florescer na mesma época e sua escatologia exerceu uma forte atração sobre os pentecostais.²⁶¹ Na Assembleia de Deus no Brasil o dispensacionalismo foi introduzido pelos missionários suecos, sendo Samuel Nyström (1891-1960), que veio para o Brasil em 1916 e junto de Vingren e Berg “[...] aparece como fundador da Assembléia de Deus de Belém, no seu primeiro Estatuto, registrado em 4 de janeiro

²⁵⁵ SOARES, 2017, p. 168.

²⁵⁶ SOARES, 2017, p. 187

²⁵⁷ ALVES, Eduardo Leandro. **Introdução à Teologia Pentecostal: uma leitura sistematizada a partir da Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023. np. Google books.

²⁵⁸ DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus do Brasil**. 2 ed rev. e ampl. Rio de Janeiro: 2022. p. 55.

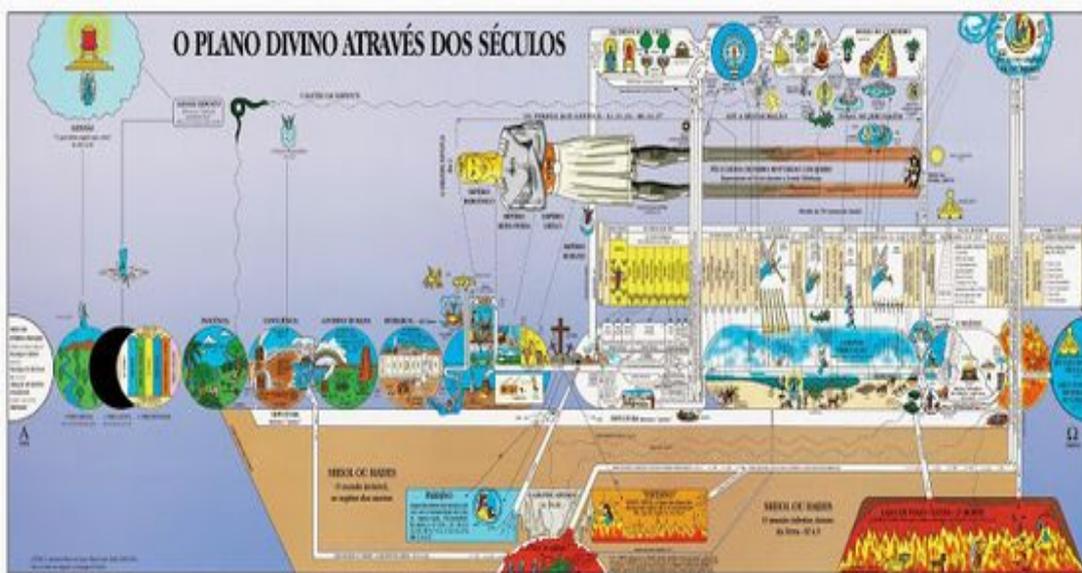
²⁵⁹ ARAÚJO, Isael de. Pentecostalismo nos Estados Unidos da América. *In*: ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 593.

²⁶⁰ ARRINGTON, F. L. Dispensationalism. *In*: BURGESS, Stanley M.; MAAS, Eduard M. van der (eds.). **The new international dictionary of Pentecostal and charismatic movements**. rev.and expanded ed. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 585.

²⁶¹ ARRINGTON, 2002, p. 585.

de 1918 [...]”²⁶², o principal divulgador nos primeiros anos e durante os anos seguintes considerado por muitos o maior ensinador da Assembleia de Deus.²⁶³

Outro missionário que muito contribuiu para a divulgação do dispensacionalismo na Assembleia de Deus foi N. Lawrence Olson (1910-1993), mas diferentemente de Nyström era norte-americano. Ele publicou a obra *O Plano divino através dos séculos* em 1943²⁶⁴ (e até hoje é impressa pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus). Como o subtítulo indica (“as dispensações que Deus estabeleceu para Israel, à Igreja e para o mundo”), a obra apresenta as sete dispensações em detalhes, incluindo um panorama dos eventos escatológicos finais, como a “Grande Tribulação”. Acompanhava a obra um “mapa” ou “quadro” baseado no conteúdo do livro:



O Plano divino através dos séculos. Fonte: CPAD.²⁶⁵

Tanto o livro como o mapa foram muito usados em estudos bíblicos nas Assembleias de Deus e lares assembleianos em todo o nosso país. Além disso, devemos observar que “[...] não era incomum encontrar o quadro PDAS [O Plano divino através dos séculos] entre grupos como os Batistas e os Presbiterianos.”²⁶⁶

²⁶² ARAÚJO, Isael de. Nyström, Samuel Lars-Erik. In: ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 509.

²⁶³ DANIEL, 2022, p. 33.

²⁶⁴ OLSON, N. Lawrence. **O plano divino através dos séculos**: as dispensações que Deus estabeleceu para Israel, à Igreja e para o mundo. 40. impressão. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2016.

²⁶⁵ Disponível em: <<https://www.cpad.com.br/mapa---o-plano-divino-4403/p>>. Acesso em: 20 maio 2024.

²⁶⁶ OLIVEIRA, David Mesquiati de *et al.* O dispensacionalismo no pentecostalismo brasileiro: introdução ao estudo de recepção da obra *O Plano divino através dos séculos*. **UNITAS-Revista Eletrônica**

Mapas como esse já eram empregados por dispensacionalista nos Estados Unidos da América.²⁶⁷

O pastor e teólogo assembleiano Antonio Gilberto da Silva (1927-2018), considerado por muitos o maior teólogo da Assembleia de Deus do Brasil e certamente “[...] o teólogo mais conhecido do pentecostalismo clássico no Brasil”,²⁶⁸ era dispensacionalista e colocava as sete dispensações entre as grandes doutrinas escatológicas da Bíblia.²⁶⁹ Sobre a segunda vinda de Jesus Cristo afirmou: “Pela sua natureza esta é a principal, doutrina escatológica. Ela abrange o arrebatamento da Igreja, o juízo da Igreja, as bodas do Cordeiro, a ceia das bodas do Cordeiro, a Grande Tribulação, a volta de Jesus em glória e o julgamento das nações.”²⁷⁰

Na *Teologia Sistemática Pentecostal*, uma obra produzida por teólogos da Assembleia de Deus do Brasil, Ciro Zibordi elucida:

A Segunda Vinda abrangerá um período de sete anos, compreendendo três grupos de povos – os judeus, os gentios e a Igreja de Cristo (I Co 10.32). Para os judeus, o Senhor virá como o Libertador, o Messias, a fim de implantar o Milênio. Para os gentios, como Juiz. Para a Igreja, como seu Noivo, no Arrebatamento, e a levará para o Céu.²⁷¹

O comentário de Zibordi sobre a ressurreição nos ajuda a compreender a Declaração de Fé, pois a escatologia dispensacionalista afirma a existência de duas ressurreições, sendo que a primeira contempla várias situações:

Quando Jesus voltar, os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro, incorruptíveis. Em seguida, os salvos vivos serão transformados. Juntos, subirão ao encontro do Senhor, nos ares (I Ts 4.16,17; I Co 15.51,52). Apenas “os que morreram em Cristo” ressuscitarão antes do Arrebatamento; os que não morrerem “em Cristo” farão parte de uma “segunda ressurreição”, que se dará antes do Juízo Final.²⁷²

Em relação à primeira ressurreição, ela compreende:

de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória, v. 4, n. 2, p. 155-172, 2016. p. 162. Disponível em: <<https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/429>>. Acesso em 27 maio 2024.

²⁶⁷ MARTINS, Eric de Oliveira; RENDERS, Helmut. Cultura visual pentecostal: história visual e papel eclesial do cartaz dispensacionalista “O plano divino através dos séculos” de 1943. **Reflexus**, Vitória, n. 22, v. 2, p. 461-482, 2019. Disponível em: <<https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/1084/2151>>. Acesso em: 27 maio 2024.

²⁶⁸ ALVES, 2023, np.

²⁶⁹ SILVA, Antonio Gilberto da. **O calendário da profecia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2019. p. 23.

²⁷⁰ SILVA, 2019, p. 35.

²⁷¹ ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia – a doutrina das últimas coisas. In: GILBERTO, Antonio (ed.). **Teologia Sistemática Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 501.

²⁷² ZIBORDI, 2008, P. 502.

- 1) Cristo, as primícias dos que dormem (I Co 15.20,23a).
- 2) Os santos que saíra, dos sepulcros depois da ressurreição de Cristo (Mt 27.52-53). [...].
- 3) Os que são de Cristo, no momento do Arrebatamento (I Co 15.23b; I Ts 4.16).
- 4) As duas testemunhas, durante a Grande Tribulação (Ap II.II).
- 5) Os mártires da Grande Tribulação, que ressuscitarão antes do Milênio (Ap 20.4-6). Este texto diz: “Esta é a primeira ressurreição. Bem aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição”. Observe: “primeira”, e não “única”.

A expressão “ressurreição dos [dentre os] mortos” (gr. *ek ton nekron*), contida em Lucas 20.35 e Filipenses 3.11, denota que, no Arrebatamento da Igreja, os salvos em Cristo ressuscitarão “dentre todos” os mortos. Ou seja, os justos farão parte da “primeira ressurreição”, reservada tão-somente a eles, enquanto os ímpios não reviverão.²⁷³

Em relação à segunda ressurreição:

A segunda ressurreição. Segundo a Palavra de Deus, as ressurreições de salvos e perdidos ocorrerão em ocasiões bem diferentes, embora sejam mencionadas juntamente em algumas passagens (Dn 12.2; Jo 5.28,29). O texto de Apocalipse 20.4-6 é suficientemente claro acerca dessas duas ressurreições, separadas por um espaço de mil anos [...].

Portanto, a “segunda ressurreição” é a da condenação (Jo 5.29b) e ocorrerá depois do Milênio e antes do Juízo Final. Os mortos que “não viveram, até que os mil anos se acabaram” (Ap 20.5) ressuscitarão para o julgamento do Trono Branco: “E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras” (Ap 20.13).²⁷⁴

Zibordi também faz uma referência ao dispensacionalismo:

O Reino Milenial é também a última dispensação: a da “plenitude dos tempos” – se bem que alguns ainda insistem em dizer que não há na Bíblia a doutrina das dispensações, e que elas foram “fabricadas” pelos dispensacionalistas. Ora, um exame sem preconceito de algumas passagens bíblicas é suficiente para nos convencer de que o Senhor através dos tempos tem empregado diferentes maneiras de tratar com a humanidade, estando embutidas nisso as dispensações e alianças (cf. Gn 2.15-17; 3.9-24; 9.8-17; I2.1-3; Êx 20-23; Dt 28; Jo I.17).²⁷⁵

Ele também menciona explicitamente as dispensações. Por exemplo: “O estudo comparativo das passagens proféticas de Daniel, Apocalipse e Mateus 24 indica que, após a destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., haveria um lapso temporal indefinido

²⁷³ ZIBORDI, 2008, P. 503.

²⁷⁴ ZIBORDI, 2008, P. 503.

²⁷⁵ ZIBORDI, 2008, P. 536.

– chamado de Dispensação da Igreja ou Tempo dos Gentios – até que os eventos da septuagésima semana começassem a se cumprir.”²⁷⁶

José Vasconcelos, na obra *Guia Básico do Obreiro*, um manual para ministros assembleianos, declara o seguinte sobre o arrebatamento:

O arrebatamento da Igreja será o evento mais sui generis que ocorrerá nesta terra. Corresponde ao fenômeno sobrenatural que ocorrerá a qualquer instante, no qual Jesus virá do céu para levar para si todos os componentes da Igreja que estiverem vivos na ocasião desse evento. Nesse mesmo instante ocorrerá a ressurreição de todos aqueles que dormem no Senhor. A Bíblia diz que os santos “dormem no Senhor” (1Ts 4.13,14; 1Co 15.6).

O Arrebatamento da Igreja se constituirá num privilégio para todos aqueles que são crentes fiéis e vigilantes, porque eles não vão morrer, mas passarão dessa vida diretamente para a vida eterna mediante uma transformação que ocorrerá em nós e em nosso corpo.

A Bíblia diz que após o Arrebatamento da Igreja, nós teremos um corpo perfeito e glorioso, semelhante ao do Senhor Jesus. F I 3.21 – “Que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas”.²⁷⁷

Não há dúvida de que a escatologia da Declaração de Fé é dispensacionalista, isto é, ela segue a perspectiva clássica e revisado. A argumentação exegética e teológica fundamenta-se no dispensacionalismo, mesmo que isso, na maioria das vezes, não seja deixado explícito. Desse modo, a escatologia da Declaração de Fé é a mesma encontrada nos Manuais do dispensacionalismo clássico e revisado.

A escatologia dispensacionalista da Assembleia de Deus tem sido ensinada e propagada nos milhares de púlpitos das igrejas assembleianas ao longo da história desta igreja no Brasil. Os ensinamentos sobre o fim dos tempos são também reforçados através de conferências proféticas, estudos bíblicos e a literatura denominacional. As revistas da Escola Bíblica Dominical Casa Publicadora das Assembleias de Deus frequentemente abordam tópicos escatológicos, fornecendo subsídios teológicos e exegéticos para os professores e alunos. O *Jornal Mensageiro da Paz*, órgão oficial da Assembleia de Deus no Brasil, tem desempenhado um papel significativo na disseminação da escatologia dispensacionalista entre os fiéis. Publicado mensalmente pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus, o jornal é uma fonte importante de informação, doutrina e inspiração para milhões de assembleianos em todo o país.

²⁷⁶ ZIBORDI, 2008, p. 514.

²⁷⁷ VASCONCELOS, José. **Guia básico do obreiro**: principais assuntos para o trabalho ministerial. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 178.

4.3 A RELEVÂNCIA DO ARREBATAMENTO PARA A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

4.3.1 Doutrina fundamental

O arrebatamento pré-tribulacional da igreja é uma doutrina fundamental para a Assembleia de Deus no Brasil. Os assembleianos, no geral, acreditam que essa perspectiva escatológica, que possui como principal concorrente no mundo evangélico o pós-tribulacionismo, não é uma doutrina periférica, mas um aspecto central da fé cristã, quiçá no mesmo nível de doutrinas cardeais como a Trindade e a salvação pela graça por meio da fé. Essa centralidade é evidenciada pela própria Declaração de Fé das Assembleias de Deus.

A doutrina do arrebatamento pré-tribulacional da igreja é, sem dúvida, um pilar fundamental da fé para a Assembleia de Deus no Brasil. A ênfase nessa crença molda não apenas a visão escatológica da igreja, mas também influencia profundamente a vida espiritual e as práticas religiosas dos seus membros. A centralidade desta doutrina é uma marca distintiva da Assembleia de Deus, evidenciando sua importância não apenas como um ponto de teologia, mas como uma verdade que permeia e motiva toda a vida cristã assembleiana.

Portanto, a identidade da Assembleia de Deus no Brasil é determinada pela doutrina do arrebatamento pré-tribulacional da igreja. Em outras palavras, qualquer mudança de perspectiva implicaria em uma nova identidade institucional e espiritual. Mas se antes da Declaração de Fé nenhuma tentativa de revisão foi realizada oficialmente, a partir dela parece não haver qualquer possibilidade de algo dessa natureza acontecer.

Além disso, os líderes da Assembleia de Deus no Brasil, tanto a nível local quanto nacional, têm o compromisso de preservar e defender a doutrina do arrebatamento pré-tribulacional. Esta posição é reforçada em conferências, seminários e publicações oficiais da igreja, garantindo que as futuras gerações de assembleianos continuem a abraçar essa crença central. Devemos acrescentar que a Assembleia de Deus valoriza a estabilidade e a continuidade de suas doutrinas – um dos propósitos da elaboração da Declaração de Fé, e qualquer tentativa de mudança seria vista como um desafio à autoridade e à tradição estabelecida. A Declaração de Fé, ao formalizar taxativamente a doutrina do arrebatamento pré-tribulacional,

assegura sua continuidade e importância na vida da igreja, tornando-a uma característica imutável da fé assembleiana. Esta estabilidade doutrinária permite que a Assembleia de Deus continue a crescer e a prosperar, mantendo-se fiel às suas raízes e à visão escatológica que define sua missão e propósito no mundo.

A Assembleia de Deus no Brasil valoriza profundamente suas raízes históricas e teológicas. A doutrina do arrebatamento pré-tribulacional é parte integrante dessa herança, refletindo uma interpretação específica das Escrituras que tem sido mantida desde a fundação da denominação. Ao formalizar essa doutrina na Declaração de Fé, a Assembleia de Deus no Brasil reafirma seu compromisso com sua herança e com os princípios que definiram sua identidade ao longo das décadas. A visão escatológica da Assembleia de Deus no Brasil, centrada no arrebatamento pré-tribulacional, define não apenas a expectativa futura dos crentes, mas também molda sua vida presente. A iminência do retorno de Cristo incentiva os fiéis a viverem em santidade, a buscarem a santificação e a se dedicarem ao serviço cristão. Esta visão escatológica dá um propósito claro e urgente à missão da igreja no mundo, fortalecendo sua mensagem e impacto.

Nesse sentido, a clareza doutrinária também facilita o trabalho missionário da Assembleia de Deus no Brasil. Missionários e evangelistas podem apresentar uma mensagem consistente e convincente, baseada em uma escatologia bem definida. Esta consistência, por exemplo, ajuda a atrair novos convertidos e a estabelecer novas congregações que compartilham a mesma visão teológica. Dessa forma, a Declaração de Fé se transforma numa ferramenta fundamental para vivência e a existência da Assembleia de Deus no Brasil como acontece com as igrejas históricas e suas confissões e declarações de fé.

A clareza doutrinária também é importante diante da diversidade de teologias “concorrentes” presente no mundo evangélico da atualidade que tem atraído jovens assembleianos. Há muita oposição à doutrina do arrebatamento pré-tribulacional da igreja e os jovens membros das Assembleias de Deus são particularmente vulneráveis a estas teologias concorrentes. Numa época de acesso sem precedentes à informação e a diversos pontos de vista, os jovens assembleianos são expostos a diversas interpretações através de plataformas online, livros, podcasts e interações interdenominacionais. O apelo de visões escatológicas alternativas pode ser forte, especialmente quando parecem oferecer narrativas mais convincentes do ponto de vista intelectual ou social.

Diante destes desafios, a clareza da doutrina da Assembleias de Deus no Brasil sobre o arrebatamento pré-tribulacional torna-se ainda mais crucial. A formalização na Declaração de Fé serve múltiplos propósitos: a) fornece uma base sólida: o ensino claro e consistente sobre o arrebatamento pré-tribulacional oferece aos jovens membros uma base teológica sólida, ajudando-os a navegar pela miríade de pontos de vista concorrentes. Este fundamento é construído através de uma exegese bíblica abrangente e de uma teologia histórica que afirma a postura pré-tribulacional; b) reforço da identidade: a clareza desta doutrina reforça a identidade distinta da Assembleia de Deus. Ajuda os membros a compreender a sua posição teológica dentro da comunidade evangélica mais ampla, promovendo um sentimento de pertença e continuidade com as crenças históricas da igreja; c) envolvimento com críticas: uma doutrina bem definida capacita os membros a se envolverem de maneira ponderada e respeitosa com críticas e pontos de vista alternativos. Ao compreender as bases bíblicas e teológicas de suas crenças, os membros da Assembleia de Deus no Brasil podem articular a sua posição de forma eficaz e responder aos argumentos opostos com confiança.

4.3.2 Doutrina que incentiva uma vida cristã diligente

A doutrina do arrebatamento pré-tribulacional da igreja não é importante tão-somente por ser, como a Assembleia de Deus no Brasil crê, uma verdade bíblica, mas por ser uma verdade que possui implicações para vida a cristã. Como o arrebatamento pré-tribulacional é considerado iminente, sua certeza é um forte incentivo à vida em santificação. Nesse sentido, a expectativa de que Jesus Cristo pode retornar a qualquer momento gera um senso de urgência entre os crentes. Essa iminência motiva os fiéis a examinar continuamente suas vidas à luz dos ensinamentos de Jesus Cristo e das Escrituras.

A ideia de estar sempre pronto para encontrar o Senhor inspira os crentes a se afastarem de práticas pecaminosas e viverem suas vidas conforme os valores cristãos. Portanto, o arrebatamento pré-tribulacional da igreja é um forte estímulo à vigilância.²⁷⁸ A parábola das “Dez Virgens” (Mt 25.1-13) é um ensinamento claro de Jesus Cristo sobre isso. Nela o aprendemos que o volta de Jesus Cristo pode demorar

²⁷⁸ ZIBORDI, 2008, p. 502.

pelos nossos padrões temporais, mas como as virgens prudentes, “[...] *os seguidores de Jesus têm de estar preparados para essa demora [...]*.”²⁷⁹ David Turner observa com razão: “O problema não é tanto que as virgens dormiram quando a chegada do noivo atrasou, mas que as virgens tolas não estavam prontas quando ele finalmente chegou. Elas esperavam que o noivo viesse no horário delas, e não no dele [...]. (Tradução nossa).”²⁸⁰

4.3.3 Doutrina que incentiva uma vida cristã de serviço

A doutrina do arrebatamento pré-tribulacional da igreja não é uma doutrina que deve inspirar medo e pavor, mas incentivar uma vida cristã de serviço. Também não deve inspirar uma “fuga” do mundo, uma acusação colocada sobre o pentecostalismo por causa do pré-milenismo (dispensacionalista). Por exemplo, Paulo Siepierski declara:

O pré-milenarismo é responsável pela separação do mundo característica do pentecostalismo. Essa separação revela-se, por exemplo, no desprezo ao prazer, no isolamento cultural, na passividade sociopolítica e no pessimismo em relação a qualquer esforço para transformação da sociedade.²⁸¹

No entanto, a Assembleia de Deus ensina que as pessoas cristãs precisam viver à luz da iminente volta de Jesus Cristo, fazendo o que é justo e bom, vivendo uma vida ativa de fé, amor e esperança. A Declaração de Fé das Assembleias de Deus ressalta que função primordial da igreja “[...] é glorificar a Deus [...] por meio da adoração, da evangelização, da edificação de seus membros e do trabalho social.”²⁸² Ou seja, através do serviço a Deus e ao próximo. Somente a partir dessa compreensão teremos uma espiritualidade verdadeiramente cristã, sadia e relevante.

Essa espiritualidade, como observa o teólogo assembleiano Geremias do Couto, “[...] não dá as costas ao exercício da cidadania.”²⁸³ A própria Declaração de

²⁷⁹ BLOMBERG, Craig L. **Interpretando as parábolas**. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 260.

²⁸⁰ “*The problem is not so much that the virgins slept when the groom’s arrival was delayed but that the foolish virgins were not ready when he eventually did come. They expected the bridegroom to come on their schedule, not his [...]*.” TURNER, David L. **Matthew**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008. p. 597.

²⁸¹ SIEPIERSKI, Paulo. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, Silas (org.). **O Estudo das Religiões: desafios contemporâneos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 81.

²⁸² SOARES, 2017, p. 122.

²⁸³ COUTO, Geremias do. *Eclesiologia – a doutrina da Igreja*. In: GILBERTO, Antonio (ed.). **Teologia Sistemática Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 407.

Fé, por exemplo, afirma o direito de sufrágio: “Sendo um direito público subjetivo de natureza política, o sufrágio decorre naturalmente de nossa condição de cidadão, pelo que, como cidadãos cristãos, podemos votar, ser votados e participar da organização e da atividade do poder estatal.”²⁸⁴

Além disso, a ideia de que o pré-milenismo (dispensacionalista) proponha tal separação do mundo como uma consequência necessária de sua teologia não é uma conclusão incondicional. Certamente isso ocorreu na prática entre pentecostais assembleianos, mas é provável que se deva mais a uma “aplicação” do que a uma condição intrínseca ao pré-milenismo (dispensacionalista). Essa aplicação também pode estar relacionada a outros fatores, como a própria concepção de vida cristã de certas correntes (como os movimentos de santidade e a teologia arminiana) que influenciaram o pentecostalismo. Também é possível argumentar que o mundo rejeitado seja o mundo o mundo que se opõe a Deus e não o mundo em si, como criação de Deus e espaço da história humana.

Em todo caso, na atualidade é evidente que a Assembleia de Deus tem uma postura aberta para o mundo, lugar onde a igreja tem a sua existência histórica e os cristãos vivem, reconhecendo como Paulo: “[...]. Porque tudo é de vocês: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é de vocês, e vocês são de Cristo, e Cristo é de Deus” (1 Co 3.21-23). A própria Declaração de Fé é uma afirmação da existência da Assembleia de Deus no Brasil como igreja que existe no mundo e em prol do mundo: “A igreja tem o papel de ser a luz do mundo, e essa luz resplandece por meio de nossas boas obras.”²⁸⁵ Nesse sentido, a Declaração de Fé não possibilita uma fuga do mundo, mas a cidadania celeste no mundo, como também disse Paulo: “Acima de tudo, vivam de modo digno do evangelho de Cristo [...]” (Fp 1.27).

4.3.4 Doutrina que incentiva uma vida cristã de fervor espiritual

A doutrina do arrebatamento pré-tribulacional da igreja incentiva uma vida cristã de fervor espiritual, ou seja, é um catalisador para uma vida intensa de oração, leitura

²⁸⁴ SOARES, 2017, p. 150.

²⁸⁵ SOARES, 2017, p. 123.

diligente da Bíblia, adoração vibrante e participação ativa na vida comunitária. Também leva os crentes a redefinirem suas prioridades. O foco se desloca das preocupações terrenas para os valores eternos, incentivando uma vida de serviço a Deus e ao próximo. Os crentes buscam alinhar suas vidas com os propósitos divinos, investindo seu tempo, recursos e talentos na obra de Deus.

O fervor espiritual também fortalece os crentes para enfrentarem as provações e desafios da vida com perseverança. A certeza da proximidade do arrebatamento oferece consolo e esperança, ajudando os crentes a se manterem firmes em meio às dificuldades. Este fervor se torna uma fonte de força e encorajamento, sustentando os crentes em sua caminhada de fé enquanto aguardam a bendita esperança.

Esse fervor espiritual é encontrado na Assembleia de Deus no Brasil, pois acredita-se que o arrebatamento é iminente e pode ocorrer a qualquer momento, sem nenhum sinal ou acontecimento prévio específico. Nesse sentido, os assembleianos acreditam que continuam com o fervor espiritual que caracterizou os primeiros cristãos, pois eles esperaram o arrebatamento a qualquer momento. A situação seria completamente a expectativa fosse a de um arrebatamento após a grande tribulação, como afirmado pelos pós-tribulacionista.

Além disso, não podemos deixar de observar que o fervor espiritual dos assembleianos também tem outra razão. Trata-se do batismo no Espírito Santo e a ênfase nos dons espirituais, que envolvem profecias e revelações. A Declaração de Fé começa falando o seguinte sobre o batismo no Espírito Santo:

CREMOS, professamos e ensinamos que o batismo no Espírito Santo é um revestimento de poder do alto: *“E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder”* (Lc 24.49). É, também, uma promessa divina aos salvos: *“e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias”* (At 2.18). Trata-se de uma experiência espiritual que ocorre após ou junto à regeneração, sendo acompanhada da evidência física inicial do falar em outras línguas: *“E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem”* (At 2.4). Nessa passagem, ser “cheio do Espírito” indica ser batizado no Espírito Santo. O falar em línguas é a evidência inicial desse batismo, mas somente a evidência inicial, pois há evidência contínua da presença especial do Espírito como o *“fruto do Espírito”* (Gl 5.22) e a manifestação dos dons. O batismo no Espírito Santo é uma bênção resultante da obra de Cristo no Calvário.²⁸⁶

²⁸⁶ SOARES, 2017, p. 165.

A Declaração de Fé acrescenta que o batismo no Espírito Santo “[...] significa o recebimento de poder espiritual para realizar a obra da expansão do Evangelho em todo o mundo, para uma vida cristã vitoriosa e também uma adoração mais profunda.²⁸⁷ Em relação aos dons espirituais, ela declara que eles

[...] são capacitações especiais e sobrenaturais concedidas pelo Espírito de Deus ao crente para serviço especial na execução dos propósitos divinos por meio da Igreja [...] São recursos sobrenaturais do Espírito Santo operados por meio dos seres humanos, os crentes em Jesus, enquanto a Igreja estiver na terra, pois, no Céu, não precisaremos mais deles. É por meio da Igreja que o Espírito Santo manifesta ao mundo o poder de Deus, usando os dons espirituais. Eles são dados à Igreja para sua edificação espiritual, seu conforto e seu crescimento espiritual.²⁸⁸

Portanto, o batismo no Espírito Santo prepara os crentes para o exercício dos dons espirituais, que por sua vez, edificam a igreja e fortalecem o fervor espiritual da igreja. Esta edificação e fortalecimento são vitais para que a igreja esteja pronta para o arrebatamento. Os dons espirituais servem não apenas para o crescimento individual dos crentes, mas também para a unidade e maturidade do corpo de Cristo, preparando-o para encontrar-se com o Senhor nos ares. Assim, esses três aspectos - batismo no Espírito Santo, dons espirituais e arrebatamento pré-tribuacional da igreja - formam um ciclo contínuo de capacitação, serviço e esperança, alimentando a vida espiritual dos crentes e a missão da Igreja até a consumação dos tempos.

Em resumo: o ciclo de capacitação, serviço e esperança não apenas mantém a vitalidade espiritual dos crentes, mas também assegura que a missão da igreja seja cumprida com poder e eficácia até o tempo do arrebatamento da igreja. Este ciclo é um reflexo da fidelidade de Deus em equipar Seu povo para a obra do ministério e para a glória futura que Ele prometeu. Portanto, o batismo no Espírito Santo, os dons espirituais e o arrebatamento da Igreja não são apenas doutrinas isoladas, mas componentes integrados da vida cristã que se complementam e reforçam mutuamente, formando a base de uma caminhada espiritual robusta e frutífera, isto é, de fervor espiritual, para que a igreja não incorra na letargia espiritual da igreja de Laodicéia (Ap 3.14-21).

²⁸⁷ SOARES, 2017, p. 166

²⁸⁸ SOARES, 2017, p. 171.

4.3.5 Doutrina que incentiva uma vida cristã voltada para o evangelismo e a missão

A doutrina do arrebatamento pré-tribulacional da igreja incentiva uma vida cristã voltada para o evangelismo e a missão. A Declaração de Fé elucidada que a igreja recebeu “[...] a missão de proclamar o evangelho da salvação ao mundo todo, anunciando que Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e que em breve voltará.”²⁸⁹ “Portanto, entendemos que é responsabilidade da Igreja a obra missionária.”²⁹⁰ A iminência do arrebatamento pré-tribulacional da igreja está entre os fatores que mais contribuíram para a evangelização e a missão entre os assembleianos. Não é por acaso que a Assembleia de Deus no Brasil

4.3.6 Doutrina presente no culto

A doutrina do arrebatamento pré-tribulacional da igreja está presente no culto da Assembleia de diversas formas. Por exemplo, nas pregações e hinos. Na Harpa Cristã, hinário oficial da Assembleia de Deus, vários hinos possuem a doutrina como tema central. Por exemplo, observe a letra do hino 54, *Cristo Virá*, de Paulo Leivas Macalão:

Talvez Cristo venha ao romper da aurora, Com santos arcanjos, e com voz sonora;
Os mortos porá dos sepulcros p'ra fora; Jesus, breve, vem nos buscar.
Cristo, que há de vir, virá!
Ele não tardará, sim, Jesus vem;
Aleluia! Aleluia! Amém! Aleluia! Amém!
Talvez voltará quando o dia feneça, Ou em uma noite a luz resplandeça
Irmãos, esperai que Jesus apareça! Jesus, breve, vem nos buscar
O Seu esplendor e a glória veremos, Do mundo, então, nós por fim, sairemos
Assim, grande gozo no céu fruiremos; Jesus, breve, vem nos buscar.²⁹¹

Observe também a letra do hino 70, *Cristo Jesus Vai Voltar*, também de Paulo Leivas Macalão:

Nós Aleluia daremos a Cristo, Quando O virmos nas nuvens voltar,
De esplendor e de glória vestido, Seus escolhidos vai arrebatar.
Cristo Jesus logo vai voltar,
Vai voltar, vai voltar,

²⁸⁹ SOARES, 2017, p. 123.

²⁹⁰ SOARES, 2017, p. 123.

²⁹¹ HARPA CRISTÃ. 2 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

***Seu povo vem, sim, arrebatá;
Jesus breve regressará!***

Eis que estou no Senhor confiando, Todo o meu ser a Jesus entreguei.
Todos prazeres eu tenho deixado, Em Jesus Cristo meu gozo achei.
Como há de ser para ti Sua vinda? Ela trará gozo ao teu coração?
Ou te fará padecer mais ainda? Temes que só te trará maldição?
Cristo a mim a promessa tem dado, Que junto dele, também reinarei
Breve será meu Jesus proclamado, Sobre a terra, por todos: "O Rei".²⁹²

4.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo a podemos ver que a Declaração de Fé das Assembleias de Deus mesmo sem empregar o termo dispensacionalismo, formula sua escatologia em todos os detalhes segundo o dispensacionalismo clássico e revisado. A história da Assembleia de Deus, a maior igreja que se originou do movimento pentecostal do começo do século XX, está intrinsecamente relaciona em sua formação doutrinária com a escatologia dispensacionalista. Como comentamos, o dispensacionalismo foi introduzido na Assembleia de Deus pelos missionários suecos, sendo Samuel Nyström o primeiro, e também destacamos a influência do missionário norte-americano N. Lawrence Olson e sua obra *O Plano divino através dos séculos*.

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus fundamenta o arrebatamento pré-tribulacionista na passagem de 1 Tessalonicenses 4.16-17. Esta é passagem clássica do pré-tribulacionismo. No entanto, como já observado, a Declaração de Fé faz essa afirmação doutrinária a partir da escatologia do dispensacionalismo clássico e revisado. Nesse sentido, todas as passagens apresentadas nos capítulos *Sobre a segunda vinda de Cristo* e *Sobre o mundo vindouro* para fundamentar aquilo que é exposto são interpretadas previamente sobre premissas e pressupostos do dispensacionalismo. A conclusão evidente é que fundamento bíblico-teológico da Declaração de Fé das Assembleias de Deus Brasil é baseado no dispensacionalismo clássico e revisado. A grande novidade apresentada pela Assembleia de Deus no Brasil (e em todo mundo) foi unir a escatologia dispensacionalista com a doutrina pentecostal do batismo no Espírito Santo e da atualidade dos dons espirituais.

²⁹² HARPA CRISTÃ, 2008, p. 65-66.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo buscou explorar a doutrina do pré-tribulacionismo dentro da tradição teológica da Assembleia de Deus, abordando suas bases bíblicas, sua relevância para a escatologia pentecostal e suas implicações práticas para a vida da igreja. Ao longo desta pesquisa, destacou-se como o pré-tribulacionismo, que defende que a igreja será arrebatada antes do início da Grande Tribulação, está profundamente enraizado na compreensão assembleiana das Escrituras, em especial nas interpretações de textos-chave como 1 Tessalonicenses 4:16-17 e Apocalipse 3:10.

Do ponto de vista histórico, verificou-se que a doutrina do pré-tribulacionismo ganhou força no movimento pentecostal do início do século XX, sendo adotada amplamente pela Assembleia de Deus. Esta perspectiva escatológica é não apenas um artigo de fé, mas também uma fonte de esperança para os crentes, oferecendo consolo em tempos de tribulação e encorajamento à vigilância espiritual, de acordo com o ensino de que o retorno de Cristo pode ocorrer a qualquer momento.

Teologicamente, observou-se que a Assembleia de Deus entende o pré-tribulacionismo como uma leitura coerente com a mensagem bíblica da redenção e do juízo, reafirmando a crença no livramento divino para os crentes e a consumação da era presente com o retorno de Cristo. Ademais, a ênfase sobre a iminência do arrebatamento traz implicações profundas para a ética cristã, promovendo uma vida de santidade e prontidão.

Contudo, o estudo também apontou para os desafios e críticas que o pré-tribulacionismo enfrenta, tanto no âmbito acadêmico quanto entre outros grupos cristãos. Questões relativas à hermenêutica e à cronologia escatológica foram analisadas, com o intuito de aprofundar o diálogo entre as diferentes perspectivas sobre o arrebatamento e a tribulação.

Em suma, o pré-tribulacionismo, como defendido pela Assembleia de Deus, permanece uma doutrina central, moldando não apenas a escatologia da denominação, mas também a sua identidade teológica e prática. A esperança do arrebatamento antes da tribulação continua a desempenhar um papel vital na espiritualidade dos crentes assembleianos, fortalecendo sua fé na soberania de Deus e no cumprimento das promessas bíblicas.

A doutrina do arrebatamento pré-tribulacional desempenha um papel crucial na formação teológica da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. Fundamentada em passagens bíblicas como 1 Tessalonicenses 4.13-18, esta doutrina é interpretada a partir das premissas do dispensacionalismo clássico e revisado. A Declaração de Fé das Assembleias de Deus adota uma escatologia que, embora não utilize explicitamente o termo "dispensacionalismo", é claramente dependente desse sistema teológico.

Historicamente, o dispensacionalismo foi introduzido na Assembleia de Deus por missionários suecos e norte-americanos, como Samuel Nystrom e N. Lawrence Olson. Este sistema teológico não só moldou a escatologia da Assembleia de Deus, mas também se integrou harmoniosamente com a doutrina pentecostal do batismo no Espírito Santo e a atualidade dos dons espirituais, oferecendo uma visão teológica coerente e bem fundamentada sobre os eventos futuros.

O pré-tribulacionismo defende que a igreja será arrebatada antes da grande tribulação, garantindo a unidade e a integridade do corpo de Cristo. Essa perspectiva dispensacionalista é vista como bíblicamente sólida e teologicamente defensável, apesar das críticas que a consideram infundada ou até mesmo herética. No entanto, é importante reconhecer que o dispensacionalismo, longe de ser uma heresia, é um sistema teológico conservador que busca ser fiel à Bíblia e oferecer respostas coerentes sobre o plano divino para a humanidade.

Assim, a relevância da doutrina do arrebatamento pré-tribulacional para a Assembleia de Deus no Brasil reside na sua capacidade de proporcionar uma esperança escatológica clara e bem definida, reforçando a fé e a espiritualidade dos seus membros ao integrar uma compreensão dispensacionalista com a experiência pentecostal.

O arrebatamento pré-tribulacional da igreja é fundamental para a identidade teológica da Assembleia de Deus no Brasil. É uma das ênfases teológicas juntamente com as afirmações de que Jesus salva, cura e batiza no Espírito Santo. A eliminação de qualquer uma dessas afirmações implicaria na perda da identidade assembleiana. Além disso, a pesquisa deixou evidente não só a relevância doutrinal do arrebatamento da igreja, mas sua relevância para prática dos cristãos assembleianos, destacando que ela incentiva uma vida cristã diligente, uma vida cristã de serviço, uma vida cristã de fervor espiritual (juntamente com o batismo no Espírito Santo e os dons

espirituais), uma vida cristã voltada para o evangelismo e a missão como bem sua presença na “liturgia” pentecostal através das pregações e hinos.

Concluimos que a Declaração de Fé das Assembleias de Deus fundamenta o arrebatamento da igreja na escatologia do dispensacionalismo clássico e revisado e interpreta 1 Tessalonicenses 4.13-18 e outras passagens afins a partir de premissas e pressupostos dispensacionalistas. Nesse sentido, a escatologia da Declaração de Fé de mantém em pé ou cai com o dispensacionalismo clássico e revisa. Além disso, a Declaração de Fé evidencia que entre os assembleianos o arrebatamento pré-tribulacional da igreja não pode ser considerado uma questão doutrinária periférica, mas possui o status de confissão de fé com amplas consequências para fé e espiritualidade, serviço, evangelização e missões bem como para o culto.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALLIS, Oswald T. **Prophecy and the Church: An examination of the claim of dispensationalist that the christian Church is a mystery parenthesis wich interrupts the fulfillment to Israel of the Kingdon Prophecies of the Old Testament**. Philadelphia: The Presbyterian and Reformaded Publishing Co., 1945.

ALMEIDA, Abraão de. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

ALVES, Eduardo Leandro. **Introdução à Teologia Pentecostal: uma leitura sistematizada a partir da Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

ARAÚJO, Isael de. Assembléias de Deus. *In*: ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 34-104.

ARAÚJO, Isael de. Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB). *In*: ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 207-219.

ARAÚJO, Isael de. Mensageiro da Paz (MP). *In*: ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 457-460.

ARAÚJO, Isael de. Nyström, Samuel Lars-Erik. *In*: ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 508-511.

ARAÚJO, Isael de. Pentecostalismo nos Estados Unidos da América. *In*: ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 586-631.

ARRINGTON, F. L. Dispensationalism. *In*: BURGESS, Stanley M.; MAAS, Eduard M. van der (eds.). **The new international dictionary of Pentecostal and charismatic movements**. rev.and expanded ed. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 584-586.

BAPTISTA, Douglas Roberto de Almeida. **O ethos da Declaração de fé Assembleiana na esfera pública: valores morais, ação política e o Estado democrático de direito**. São Leopoldo, RS, 2022. 227 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2022.

BARRETT, C. K. **The Gospel According to St. John: An Introduction with Commentary and notes on the Greek Text**. 2. ed. London: SPCK, 1978.

BASS, Clarence B. **Backgrounds to dispensationalism: the historical genesis and ecclesiastical implications**. Grand Rapids: Eerdmans, 1960.

BERKHOF, Louis. **Systematic theology**. Grand Rapids: Eerdmans, 1938.

BLAISING, Craig A.; BOCK. Darrell L. Dispensationalism, Israel and the church: assessment and dialogue. *In*: BLAISING, Craig A.; BOCK. Darrell L. (Eds.). **Dispensationalism, Israel and the church: search for definition**. Grand Rapids: Zondervan, 1992. p. 377-394.

BLAISING, Craig A. The Extent and Varieties of Dispensationalism. *In*: BLAISING, Craig A.; BOCK. Darrell L. **Progressive Dispensationalism**. Grand Rapids: Baker Academic, 1993. p. 12-77.

BLAISING, Craig A. Dispensations in Biblical Theology. *In*: BLAISING, Craig A.; BOCK. Darrell L. **Progressive Dispensationalism**. Grand Rapids: Baker Academic, 1993. p. 273-301.

BLAISING, Craig A. Contemporary dispensationalism. **Southwestern Journal of Theology**, Fort Worth, v. 36, n. 2, p. 5-13, 1994.

BLAISING, Craig A. Changing patterns in American dispensational theology. **Wesleyan Theological Journal**, Kentucky, v. 29, n. 1-2, p. 149-164, 1994.

BLOMBERG, Craig L. **Interpretando as parábolas**. São Paulo: Vida Nova, 2022.

CHAFER, Lewis. S. Inventing Heretics Through Misunderstanding. **Bibliotheca Sacra**, Dallas, v. 102, n. 405, p. 1-17, 1945.

CHAFER, Lewis. S. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2013. v. 4.

COLLINS, Raymond F. **First Corinthians**. Collegeville: The Liturgical Press, 1999.

COUTO, Geremias do. Eclesiologia – a doutrina da Igreja. *In*: GILBERTO, Antonio (ed.). **Teologia Sistemática Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 379-440.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus do Brasil**. 2 ed rev. e ampl. Rio de Janeiro: 2022.

ENNS, Paul. **The Moody handbook of theology**. rev. and expanded. Chicado: Moody Publishers, 2008.

ERICKSON, Millard J. **Opções contemporâneas na escatologia: um estudo do milênio**. São Paulo: Vida Nova, 1991.

ETS CONSTITUTION. Disponível em: <https://etsjets.org/constitution/>. Acesso em: 05 abr. 2024.

FEE, Gordon D. **The First Epistle to the Corinthians**. rev. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2014.

FEINBERG, Charles L. **Premillennialism or amillennialism**. Grand Rapis: Zondervan, 1936.

FEINBERG, Paul D. The case for the pretribulation rapture position. *In*: ARCHER, Gleason L., Jr. *et al.* **Three views on the Rapture**: pre-, mid-, or post-Tribulation? Grand Rapids: Zondervan, 1996. p. 45-86.

FRAME, James Everett. **A critical and exegetical commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1966.

GEISLER, Norman L. (Org.). **A inerrância da Bíblia**. São Paulo: Vida, 2003.

GERSTNER, John H. **Wrongly dividing the word of truth**: a critique of dispensationalism. Brentwood: Wolgemuth & Hyatt, Publishers, 1991.

GREEN, Gene L. **The letters to the Thessalonians**. Grand Rapids, Eerdmans, 2002.

GRUDEM, Wayne. **Systematic Theology**: An Introduction to Biblical Doctrine. 2. ed. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2020.

GUNDRY, Robert H. **The Church and tribulation**: a biblical examination of posttribulationism. Grand Rapids: Zondervan, 1973.

GUNDRY, Robert H. **First the Antichrist**: Why Christ Won't Come Before the Antichrist Does. Grand Rapids: Baker, 1997.

HAMILTON, Floyd E. **The basis of the Millennial Faith**. Grand Rapids: Eerdmans, 1942.

HARVEY, John D. **Interpreting the Pauline Letters**: An Exegetical Handbook. Grand Rapids: Kregel Publications, 2012.

HOEKEMA, Anthony A. **The Bible and the future**. Exeter: The Paternoster Press, 1978.

HOLWERDA, David Earl. **The Holy Spirit and Eschatology in the Gospel of John**: A Critique of Rudolf Bultmann's Present Eschatology. Kampen: Kok, 1959.

IRONSIDE, H. A. **In The Heavenlies**: Practical expository addresses on the Epistle to the Ephesians. Neptune: Loizeaux Brothers, 1937.

JEWETT, Robert. **Romans**: a commentary. Minneapolis: Fortress, 2007.

KREIDER, Glenn R. What Is Dispensationalism? *In*: BINGHAM, D. Jeffrey; KREIDER, Glenn R. (Eds.). **Dispensationalism and the history of redemption**: a developing and diverse tradition. Chicago: Moody Publishers, 2014. p. 15-46.

LADD, George E. **The Blessed Hope**: A Biblical Study of the Second Advent and the Rapture. Grand Rapids: Eerdmans, 1956.

LADD, George E. Pré-milenismo histórico. *In*: CLOUSE, Robert G. (Ed.). **Milênio**: significado e interpretações. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985. p. 17-37.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert; JONES, Henry Stuart. **A Greek English lexikon**. Oxford: At the Clarendon Press, 1961.

LONGMAN, Tremper; DILLARD, Raymond B. **An introduction to the Old Testament**. 2. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006.

MALHERBE, Abraham J. **The letters to the Thessalonians: a new translation with introduction and commentary**. New Haven; London: Yale University Press, 2000.

MARSHALL, I. H. **I and II Thessalonians**. London: Marshall, Morgan & Scott, 1983.

MARTIN, Ralph P. **2 Corinthians**. 2. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2014.

MARTINS, Eric de Oliveira; RENDERS, Helmut. Cultura visual pentecostal: história visual e papel eclesial do cartaz dispensacionalista “O plano divino através dos séculos” de 1943. **Reflexus**, Vitória, n. 22, v. 2, p. 461-482, 2019. Disponível em: <<https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/1084/2151>>. Acesso em: 27 maio 2024.

MCCLAIN, Alva J. **Daniel's prophecy of the seventy weeks**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1966.

MCCOMISKEY, Thomas E. The Seventy “Weeks” of Daniel against the Background of Ancient Near Eastern. **Westminster Theological Journal**, Glenside v. 47, n. 1, p. 18-45, 1985.

MENZIES, Robert P. **Pentecost: This story is our story**. Springfield: Gospel Publishing House, 2013.

MONTGOMERY, James A. **A critical and exegetical commentary on the book of Daniel**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1927.

MOO, Douglas J. The case for the posttribulation rapture position. *In*: ARCHER, Gleason L., Jr. *et al.* **Three views on the Rapture: pre-, mid-, or post-Tribulation?** Grand Rapids: Zondervan, 1996. p. 169-211.

MOO, Douglas J. **The Letter to the Romans**. 2 ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2018.
MORRIS, Leon. **The Gospel of John**. rev. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

MOSELEY, Carys. **Nationhood, Providence, and Witness: Israel in Modern Theology and Social Theory**. Eugene: Cascade Books: 2013.

NOLL, Mark A. Reavivamento da Rua Azuza. *In*: ELWELL, Walter A. (ed.) **Enciclopédia Histórica-Teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1993. v. 3, p. 240-241.

OLIVEIRA, David Mesquiati de *et al.* O dispensacionalismo no pentecostalismo brasileiro: introdução ao estudo de recepção da obra O Plano divino através dos séculos. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória,

v. 4, n. 2, p. 155-172, 2016. Disponível em: <<https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/429>>. Acesso em 27 maio 2024.

OLSON, N. Lawrence. **O plano divino através dos séculos**: as dispensações que Deus estabeleceu para Israel, à Igreja e para o mundo. 40. impressão. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2016.

OMANSON, Roger L. **A Textual Guide to the Greek New Testament**: an adaptation of Bruce M. Metzger's Textual commentary for the needs of translators. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

OSBORNE, Grant R. **Revelation**. Grand Rapids: Baker Academic, 2002.

PATE, C. Marvin (org.). **Four views on the book of Revelation**. Grand Rapids: Zondervan, 1998.

PENTECOST, J. Dwight. **Manual de Escatologia**: uma análise detalhada dos eventos futuros. São Paulo: Vida, 1998.

RICHARDSON, Peter. **Israel in the Apostolic Church**. Cambridge: At the Cambridge University Press, 1969.

RIDDLEBARGER, Kim. **A case for amillennialism**: understanding the end times. expanded ed. Grand Rapids: Baker, 2013.

ROBERT, C. M., Jr. Azusa Street Revival. *In*: BURGESS, Stanley M.; MAAS, Eduard M. van der (eds.). **The new international dictionary of Pentecostal and charismatic movements**. rev.and expanded ed. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 344-350.

ROBERT, C. M., Jr. Seymour, William Joseph. *In*: BURGESS, Stanley M.; MAAS, Eduard M. van der (eds.). **The new international dictionary of Pentecostal and charismatic movements**. rev.and expanded ed. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 1053-1058.

RYRIE, C. C. **The Basis of the Premillennial Faith**. Neptune: Loizeaux Brothers, 1953.

RYRIE, Charles C. **A Survey of Bible Doctrine**. Chicago: Moody Press, 1972.

RYRIE, Charles C. Dispensação, Dispensacionalismo. *In*: ELWELL, Walter A. (Ed.). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1992. v. 2, p. 479-481.

RYRIE, Charles C. Ryrie, **First and Second Thessalonians**. Chicago: Moody Press, 2001.

RYRIE, Charles C. **Dispensacionalismo**: ajuda ou heresia? Mogi das Cruzes: A.B.E.C.A.R, 2004.

SAUCY, Robert L. **The Case for Progressive Dispensationalism**: the interface between dispensational & non-dispensational theology. Grand Rapids: Zondervan, 1993.

SCOFIELD, C. I. **The Scofiel Reference Bible**: The Holy Bible containing the Old and New Testament. London: Oxford University Press, 1917.

SCOFIELD, C. I. **Will the Church Pass Through the Great Tribulation?**: Eighteen Reasons which Prove that it Will Not. Philadelphia: Philadelphia School of the Bible, 1917.

SHOGREN, Gary S. **1 and 2 Thessalonians**. Grand Rapids: Zondervan, 2012.

SIEPIERSKI, Paulo. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. *In*: GUERRIERO, Silas (org.). **O Estudo das Religiões**: desafios contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 71-88.

SOARES, Esequias. Teologia – a doutrina de Deus. *In*: GILBERTO, Antonio (ed.). **Teologia Sistemática Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 49-114.

STONE, Howard W.; DUKE, James O. **How to think theologically**. 3 ed. Minneapolis: Fortress Press, 2013.

SWEETNAM, Mark S. Defining Dispensationalism: A Cultural Studies Perspective. **Journal of Religious History**, Sydney, v. 34, n. 2, p. 191-212, 2010.

TAN, Paul Lee. **The interpretation of prophecy**. Winona Lake: Assurance Publishers, 1974.

TANNER, J. Paul. **Daniel**: Evangelical Exegetical Commentary. Bellingham: Lexham Press, 2020.

THIESSEN, Henry Clarence. **Will the church pass through the tribulation?** New York: Loizeaux Brothers, 1941.

THISELTON, Anthony C. **The First Epistle to the Corinthians**: a commentary on the Greek text. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

THOMAS, Robert L. **Revelation 1-7**: an exegetical commentary. Chicago: Moody Press, 1992.

THOMAS, Robert L. **Revelation 8-22**: an exegetical commentary. Chicago: Moody Press, 1995.

THOMAS, Robert L. 1 Thessalonians. *In*: LONGMAN, Tremper; GARLAND, David L (ed.). **The expositor's Bible commentary**: 1 and 2 Thessalonians, 1 and 2 Timothy, Titus. rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006. Livro Digital.

THOMAS, Robert L. 2 Thessalonians. *In*: LONGMAN, Tremper; GARLAND, David L (ed.). **The expositor's Bible commentary**: 1 and 2 Thessalonians, 1 and 2 Timothy, Titus. rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006. Livro Digital.

TOWNER, W. Sibley. **Daniel**. Atlanta: John Knox Press, 1984.

TOWNSEND, Jeffrey L. The Rapture in Revelation 3:10. *In*: ICE, Thomas. DEMY, Timothy (eds.). **The Trumpet Sounds**: Today's Foremost Authorities Speak Out on End-Time Controversies. Eugene: Harvest House, 1995. p. 367-379.

TURNER, David L. **Matthew**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.

VASCONCELOS, José. **Guia básico do obreiro**: principais assuntos para o trabalho ministerial. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

VINGREN, Ivar. **O diário do pioneiro**: Gunnar Vingren. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

WALVOORD, John F. **Major Bibles prophecies**: 37 crucial prophecies that affect you today. Grand Rapids: Zondervan, 1991.

WALVOORD, John F. **O arrebatamento**: fundamentos da escatologia pré-tribulacionista. Natal: Editora Carisma, 2021.

WANAMAKER, Charles A. **The Epistles to the Thessalonians**: a commentary on the Greek text. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

WATSON, William C. **Dispensationalism before Darby**: Seventeenth-Century and Eighteenth-Century English Apocalypticism. Silverton: Lampion Press, LLC, 2015.

WEIMA, Jeffrey A. D. **1-2 Thessalonians**. Grand Rapids: Baker Academic, 2014.

WRIGHT, N. T. **The resurrection of the Son of God**. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 2003.

ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia – a doutrina das últimas coisas. *In*: GILBERTO, Antonio (ed.). **Teologia Sistemática Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 483-560.